O espaço livre público e a visão cotidiana da paisagem: o caso do centro histórico de Laranjeiras-SE

Lícia Cotrim Carneiro Leão

São Paulo | 2011

Lícia Cotrim Carneiro Leão

O espaço livre público e a visão cotidiana da paisagem: o caso do centro histórico de Laranjeiras-SE

Dissertação apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo

Área de Concentração: Paisagem e Ambiente

Orientador: Prof. Dr. Vladimir Bartalini

São Paulo, 2011

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO OU PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

e-mail: liciacotrim@yahoo.com.br

AGRADECIMENTOS

Elizabeth Cotrim, Tarciso J. Carneiro Leão, Rodrigo Lacerda, Vladimir Bartalini, Maria Lúcia Bressan, Catharina Pinheiro.

Tarciso Cotrim, Hilda Cotrim, Pedro Luiz C. Leão, Maria Fernanda Cotrim, Mariana Pavlick, Vânia Tramontino, Fabíola Bernardes, Patrícia Sanches, Marco Massari, Ângela Rodrigues, Vera Pallamin, Leonardo Falangola, Paulo Pellegrino, Robert Smithson, John Ruskin, Juliana del Gaudio, Ítalo Montalvão, Raissa Sarmento, Aline Figueiroa, André Dias Dantas, Marcos Curi, Terezinha Oliva.

Glauciele Lima, Valéria Vicente, Maria da Silva, Emerson Melo, Clemilson dos Santos, José de Duda, Jussara Vicente, Célia Pereira, Ana Maria do Carmo, Estevão Andrade, Fernanda Oliveira, Maria de Lourdes.

LEÃO, Lícia C. C. **O espaço livre público e a visão cotidiana da paisagem: o caso do centro histórico de Laranjeiras-SE.** 2011. 186 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011.

RESUMO

Esta dissertação trata do papel dos espaços livres públicos em Laranjeiras**,** cidade de interesse histórico no estado de Sergipe**,** com a finalidade de contribuir para a valorização da sua paisagem urbana. Entendendo que a identificação dos modos de ver um lugar pelas pessoas que nele habitam constitui tarefa primordial para a compreensão dos seus valores ambientais, parte-se da ideia de que, entre os passos importantes para direcionar ações que transformem um dado ambiente com base em valores da população local, estejam a identificação dos elementos e aspectos ambientais mais significativos considerados por quem vivencia o local, e o entendimento das formas de compreensão que expressem esses valores. Com o objetivo de entender e valorizar as relações entre os habitantes e a paisagem de Laranjeiras, buscou-se primeiramente conhecer sua história, desde a formação do núcleo colonial até a atualidade. Dirigiu-se em seguida o foco para os elementos da paisagem e para os espaços livres públicos que, segundo o olhar especializado do historiador e do paisagista, apresentam-se como os mais significativos. Em seguida, fez-se necessário cotejar este olhar mais especializado com os pontos de vista dos cidadãos comuns que vivenciam a cidade de Laranjeiras no seu cotidiano visando delimitar, por fim, um conjunto de elementos que justificam a atribuição de valor à paisagem da cidade e que conformam sua possível identidade paisagística.

Palavras-chave: espaços livres públicos, centros históricos, paisagem urbana, Laranjeiras-SE.

LEÃO, Lícia C. C. **The public open space and the landscape quotidian vision: the case of the historical centre of Laranjeiras-SE.** 2011. 186 f. Master Thesis – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011.

ABSTRACT

This thesis deals with the role of public open spaces in Laranjeiras, city of historical interest, as an attempt to contribute to the revaluation process of its urban landscape. This research understands that the dweller's individual perception of its environment is very important to understanding of these environmental values. By identifying the elements and most significant environmental aspects from the view of who experience the place and the expression of its values, is one of the important steps to orientate actions in a given environment based in its local population values. Intending to understand and appreciate the relations between the Laranjeira's dwellers and its landscape, first of all, we've search for its history, since the formation process of its colonial core until today. Then, the focus turns to the research of landscape elements and public open spaces - the most significant aspects according to the historian's and landscape architect's specialized point of view. Then, was reavealed the necessity of verifying this specialized look and the views of ordinary people who experience Laranjeiras quotidian, outlining, finally, a set of elements that justify the allocation of value to the landscape of the city and constitute its possible landscape identity.

Key-words: public open spaces, historical centres, urban landscape, Laranjeiras-SE.

LISTA DE FIGURAS

Capítulo 1

1.1- Foto do município de Laranjeiras realizada a partir de sobrevôo. Fonte: Prefeitura Municipal, 2005.

1.2- Mapa Topográfico da Província de Sergipe Del Rei do início do século XIX. Fonte: Marx, 1991, p.29. Destaques da autora.

1.3- Mapa Topográfico da Província de Sergipe Del Rei com destaque para a Freguesia do Cotinguiba. Fonte: Marx, 1991, p.29. Destaques da autora.

1.4- Mapa das etapas de formação urbana – Laranjeiras em 1606. Fonte: Azevedo, 1975. Elaborado pela autora.

1.5- Mapa das etapas de formação urbana – Laranjeiras em 1750. Fonte: Azevedo, 1975. Elaborado pela autora.

1.6- Igreja e Residência do Retiro. Foto: autora, 2005.

1.7- Foto da Igreja da Comandaroba. Fonte: Governo de Sergipe.

1.8- Foto da situação urbana atual da Igreja do Sagrado Coração de Jesus (Igreja Matriz). Fonte: Arquivo Jorge Luís dos Santos.

1.9 - Foto da tradicional feira vista a partir do Beco do Porto no início do século XX. Fonte: Arquivo Jorge Luís dos Santos.

1.10- A tradicional feira vista a partir do Beco do Porto em 2005. Foto: autora, 2005.

1.11- Mapa das etapas de formação urbana – Laranjeiras em 1800. Fonte: Azevedo, 1975. Elaborado pela autora.

1.12- Mapa das etapas de formação urbana – Laranjeiras em 1840. Fonte: Azevedo, 1975. Elaborado pela autora.

1.13- Mapa das etapas de formação urbana – Laranjeiras em 1860. Fonte: Azevedo, 1975. Elaborado pela autora.

1.14- Mapa das etapas de formação urbana – Laranjeiras em 1880. Fonte: Azevedo, 1975. Elaborado pela autora.

1.15- Mapa das etapas de formação urbana – Laranjeiras em 1975. Fonte: Azevedo, 1975. Elaborado pela autora.

1.16- Foto do município de Laranjeiras realizada a partir de sobrevôo. Fonte: Prefeitura Municipal, 2005.

1.17- Mapa dos eixos que deram origem à forma urbana. Fonte: Azevedo, 1975. Editado pela autora.

1.18- Mapa com a localização de Laranjeiras na região Nordeste. Fonte: IBGE, 2010.

1.19- Mapa do Estado de Sergipe com destaque para o Município de Laranjeiras. Fonte: DETRAN, 2001.

1.20- Mapa da sede municipal. Base cartográfica: DESO, 2005. Elaborado pela autora.

1.21- Foto aérea do centro da cidade de Laranjeiras. Fonte: Prefeitura Municipal, 2005.

1.22- Mapa com a delimitação oficial do perímetro urbano tombado nos níveis municipal, estadual e federal. Fonte: Programa Monumenta. Elaborado pela autora.

1.23- Igreja do Sagrado Coração de Jesus. Fonte: Cristiano Mascaro, 2002.

1.24- Mapa do período das edificações do centro histórico de Laranjeiras. Fonte: Azevedo, 1975. Elaborado pela autora.
1.25- Mapa de levantamento de uso do solo no centro histórico de Laranjeiras. Fonte: Laranjeiras, 2008. Atualizado pela autora.
1.26- Mapa de gabarito das edificações no centro histórico de Laranjeiras. Fonte: Oliveira, 2005. Atualizado pela autora.
1.27- Foto aérea da colina do Bom Jesus atualmente, com destaque para o corte realizado em parte da colina. Fonte: Prefeitura Municipal, 2005.
1.28- Foto da colina do Bom Jesus antes do corte. Fonte: Arquivo Jorge Luís dos Santos.
1.29- Foto da cidade com destaque para edificações que rompem com a escala das casas e sobrados do centro histórico. Fonte: Laranjeiras, 2008. Destaques da autora.
1.30- Vista aérea do centro histórico com destaques. Imagem Google Earth, novembro 2010. Destaques da autora.
Capítulo 2
2.1- Esquema que ilustra os conceitos de Espaço Negativo (N) e Espaço Positivo (P). Fonte: Ashihara, 1982.
2.2- Desenho que ilustra os conceitos de Espaço Negativo (N) e Espaço Positivo (P). Fonte: Ashihara, 1982.
2.3- Espaços livres públicos do centro histórico de Laranjeiras selecionados para análise.
Base cartográfica: DESO, 2005. Elaborado pela autora.
2.4- Vista aérea do Largo do Quaresma nos primeiros anos do século XXI. Fonte: Prefeitura Municipal, 2005.
2.5- Desenho da planta do Largo do Quaresma. Elaborado pela autora.
2.6 - Paisagem do Largo do Quaresma e o Rio Cotinguiba na década de 70 do século XX. Fonte: Acervo Evanilson Calazans.
2.7- Antiga fábrica de tecidos. Fonte: Arquivo Jorge Luís dos Santos.
2.8- Festa de Bom Jesus dos Navegantes no momento da embarcação. Foto: Cristiano Santana. Fonte: Panoramio, setembro 2010.
2.9- Lambe-sujos durante realização do "combate" no Largo do Quaresma. Foto: Alejandro Zambrana, 2010.
2.10- Largo do Quaresma com tendas temporárias instaladas durante evento do Encontro Cultural, em janeiro de 2011. Foto: autora, janeiro 2011.
2.11- Casa do Artesanato. Foto: autora, janeiro 2011.
2.12- Largo do Quaresma na década de 80 do século XX. Fonte: Acervo Evanilson Calazans.
2.13- Vista a partir de abertura na fachada do edifício do Centro de Tradições voltada para o Largo do Quaresma. Foto: autora, 2004.
2.14- Corte transversal esquemático do Largo do Quaresma e seus limites. Elaborado pela autora.
2.15- Corte longitudinal esquemático do Largo do Quaresma e seus limites. Elaborado pela autora.

2.16- A tradicional feira na Praça Samuel de Oliveira em 1920. Fonte: Acervo Evanilson Calazans.
2.17- Vista do Trapiche Santo Antônio a partir da Praça da República no início do séc. XX. Fonte: Arquivo Jorge Luís dos Santos.
2.18- A feira e o Mercado Municipal. Fonte: Acervo Evanilson Calazans.
2.19 - Foto aérea da Praça Samuel de Oliveira nos primeiros anos do século XXI. Fonte: Prefeitura Municipal, 2005.
2.20– Planta da Praça Samuel de Oliveira. Desenho elaborado pela autora.
2.21– Praça Samuel de Oliveira em 2005. Foto: autora, 2005.
2.22– Praça Samuel de Oliveira em 2009. Foto: autora, 2009.
2.23- Praça Samuel de Oliveira em dia de enchente em 1900. Fonte: Arquivo Jorge Luís dos Santos.
2.24- Rua em pedra calcária irregular em Goiás Velho - GO. Fonte: Gomes, 2002.
2.25- Rua com capistrana central em Parati - RJ. Foto: autora, agosto 2008.
2.26- Corte transversal esquemático A - Praça Samuel de Oliveira. Elaborado pela autora.
2.27- Corte transversal esquemático B - Praça Samuel de Oliveira. Elaborado pela autora.
2.28- Corte transversal esquemático C - Praça Samuel de Oliveira. Elaborado pela autora.
2.29- Pavimento em pedra calcária irregular na Praça Samuel de Oliveira. Fonte: Eduardo Guimarães, 2000.
2.30- Beco do Porto. Foto: autora, janeiro 2009.
2.31- Vista aérea do Calçadão Getúlio Vargas nos primeiros anos do século XXI. Fonte: Prefeitura Municipal, 2005.
2.32- Desenho da planta do Calçadão Getúlio Vargas. Elaborado pela autora.
2.33- Calçadão Getúlio Vargas em 1907 visto a partir da Praça Samuel de Oliveira. Fonte: Acervo Evanilson Calazans.
2.34- Calçadão Getúlio Vargas em 2000. Fonte: Eduardo Guimarães, 2000.
2.35- Calçadão Getúlio Vargas em janeiro de 2011, sem as árvores, depois da reforma em fins de 2010. Foto: autora, 2011.
2.36- Corte esquemático do Calçadão Getúlio Vargas. Elaborado pela autora.
2.37- Casa e sobrado em estado precário de conservação no Calçadão Getúlio Vargas em outubro de 2010. Foto: autora, 2010.
2.38- Bancos e árvores no Calçadão Getúlio Vargas em 2008. Fonte: Panoramio, 2011.
2.39- Iluminação pública com luminárias de piso no Centro Histórico de São Luís- MA. Foto: Yuri Silva.
2.40- Iluminação pública com luminárias nas fachadas do Centro Histórico de São Luís – MA. Foto: Raimundo Paccó.
2.41- Vista aérea da Praça Josino Menezes e Praça Possidônia Bragança nos primeiros anos do século XXI. Fonte: Prefeitura Municipal, 2005.
2.42- Desenho da planta das praças Josino Menezes e Possidônia Bragança. Elaborado pela autora.

2.43- Desenho das praças P. Bragança e J. Menezes em 1870. Fonte: Azevedo, 1975.
2.44- Praças P. Bragança e J. Menezes em 1920. Fonte: Azevedo, 1975.
2.45- Praça Possidônia Bragança vista a partir da lateral direita da Igreja da Conceição. Foto: autora, janeiro 2009.
2.46- Árvore central ao espaço da Praça Possidônia Bragança. Foto: autora, 2004.
2.47- Ruína da antiga residência da Família Bragança. Foto: autora, 2004.
2.48 - Vista da ruína e sobrado ao lado, onde funcionava um hospital no século XIX, atualmente sede de uma instituição local. Fonte: http://ezerberus.multiply.com
2.49- A Praça Possidônia Bragança enquanto espaço 'recinto'. Foto: autora, janeiro 2011.
2.50- Praça Josino Menezes em 1860, na época chamada de Praça do Teatro. Fonte: Arquivo Jorge Luís dos Santos.
2.51- Praça Josino Menezes hoje com vista para a Igreja da Conceição. Fonte: Oliveira, 2007.
2.52- Pátio de São Pedro em Recife-PE, exemplo de 'praça dominada'. Fonte: Gomes, 2002.
2.53- Desenho do Corte C - Praça Possidônia Bragança. Elaborado pela autora.
2.54- Desenho do Corte A - Praça Josino Menezes, mostrando a Igreja da Conceição como elemento dominante do espaço. Elaborado pela autora.
2.55- Desenho Corte B - Praça Josino Menezes. Elaborado pela autora.
2.56- Ruína do Teatro São Pedro e edifício onde funcionava a delegacia da cidade em 2005. Foto: autora, 2005.
2.57- Ponte do Cangaleixo vista a partir da margem direita do Rio Cotinguiba. Fonte: Oliveira, 2007.
2.58- Vista aérea da Praça da Matriz nos primeiros anos do século XXI. Fonte: Prefeitura Municipal, 2005.
2.59- Desenho da Planta da Praça da Matriz. Elaborado pela autora.
2.60- Vista superior da Praça da Matriz em 1975. Foto: Roland Henze. Fonte: Acervo Evanilson Calazans.
2.61- Foto da Praça da Matriz em meados do século XX. Fonte: Arquivo Jorge Luís dos Santos.
2.62- Praça da Matriz em 2007. Fonte: http://ezerberus.multiply.com
2.63- Igreja da Matriz vista a partir da praça em 2000. Fonte: Eduardo Guimarães, 2000.
2.64- Desenho do Corte da situação atual da Praça da Matriz. Elaborado pela autora.
2.65- Praça da Matriz na década de 1980, com destaque para o jardim da praça, alterado nos anos seguintes. Fonte: Acervo Evanilson Calazans.
2.66- Desenho da Planta do espaço livre em torno da Igreja do Bonfim, no chamado Alto do Bonfim. Elaborado pela autora.
2.67- Desenho da Planta do espaço em torno da Igreja de Bom Jesus, no Alto do Bom Jesus. Elaborado pela autora.
2.68- Vista da igreja e cruzeiro situados no Alto do Bom Jesus. Fonte: http://www.laranjeiras.se.gov.br (site da Prefeitura Municipal)

2.69- Igreja do Bonfim, no alto de mesmo nome. Foto: autora, janeiro 2011.
2.70- Vista a partir do Alto do Bonfim. Foto: autora, janeiro, 2011.
Capítulo 3
3.1- Vista da cidade a partir do Alto do Bom Jesus. Foto: Valter Auster. Fonte: Panoramio, setembro 2010.
3.2- Capela de Sant' Aninha. Foto: autora, 2004.
3.3- Ruínas de sobrado localizado no sítio de Sant' Aninha. Foto: ACCosta. Fonte: Panoramio, setembro, 2010.
3.4- A Igreja do Bonfim como marco visual de presença constante visto a partir das ruas, praças e largos da cidade. Foto: autora, janeiro 2010.
3.5- Lourdes à beira do rio, elemento referencial afetivo. Foto: autora, abril 2010.
3.6- Cruzeiro do Alto do Bom Jesus. Foto: Rodrigo Lacerda, 1998.
3.7- A Igreja do Rosário e São Benedito, situada em ponto alto do centro histórico - elemento referencial da paisagem urbana. Foto: Tito Garcez, 2008. Fonte: Panoramio.
3.8- O "murinho", situado em frente à entrada principal do edifício que abriga a Prefeitura Municipal. Foto: autora, janeiro 2011.
3.9- Emerson em frente à biblioteca da UFS. Foto: autora, abril 2010.
3.10- Clemilson na Praça da Bandeira. Foto: autora, abril 2010.
3.11- A escadaria da Igreja Matriz, o chamado "senadinho". Foto: Rodrigo Lacerda, 1998.
3.12- José de Duda na escadaria da Igreja Matriz: o "senadinho". Foto: autora, abril 2011.
3.13- Dona Célia na calçada da sua casa. Foto: autora, abril 2010.
3.14- Gruta da Pedra Furada. Foto: Tito Garcez, 2008.
3.15- Usina Pinheiro. Fonte: Loureiro, 1999.
3.16- Mapa A1 – Lugares citados nos depoimentos. Elaborado pela autora.
3.17- Mapa A2 - Lugares citados nos depoimentos. Elaborado pela autora.
3.18- Mapa B1 – Elementos de avaliação positiva da paisagem urbana de Laranjeiras. Elaborado pela autora.
3.19- Mapa B2 – Elementos de avaliação positiva da paisagem urbana de Laranjeiras. Elaborado pela autora.
3.20- Mapa C1 - Elementos de avaliação negativa da paisagem urbana de Laranjeiras. Elaborado pela autora.
3.21- Mapa C2 - Elementos de avaliação negativa da paisagem urbana de Laranjeiras. Elaborado pela autora.
3.22- Mapa D1 - Elementos de interesse especial da paisagem urbana de Laranjeiras. Elaborado pela autora.
3.23- Mapa D2 - Elementos de interesse especial da paisagem urbana de Laranjeiras. Elaborado pela autora.
Considerações Finais
4.1- Silhueta da paisagem do centro histórico de Laranjeiras. Fonte: Oliveira, 2007.

Sumário

Resumo 005

Abstract 007

Introdução 017

Capítulo 1 - Laranjeiras 031

1.1. Formação urbana 032

1.2 Principais elementos conformadores da estrutura urbana e sua relação com a trajetória de formação e desenvolvimento urbano de Laranjeiras 036

1.3. Atualização urbana 049

1.2.1. Contexto sócio-econômico 051

1.2.2. Reconhecimento do conjunto arquitetônico e paisagístico 052

1.2.3. Uso e ocupação do solo 056

1.2.4. Ações no Centro Histórico 058

Capítulo 2 - Espaços livres públicos 065

2.1. Conceitos e propriedades do espaço livre público 066

2.2. Espaços livres públicos no centro histórico de Laranjeiras: origem, inserção urbana, forma, uso, transformações e permanências 073

2.2.1. Largo do Quaresma 075

2.2.2. Praça Samuel de Oliveira 082

2.2.3. Calçadão Getúlio Vargas 088

2.2.4. Praça Josino Menezes e Praça Possidônia Bragança 094

2.2.5. Praça Heráclito Diniz (Praça da Matriz) 101

2.2.6. Alto do Bonfim e Alto do Bom Jesus 104

Capítulo 3 - A visão cotidiana da paisagem 107

3.1. Entrevistas 108

3.2. Modos de apreensão da paisagem urbana de Laranjeiras

3.2.1. A visão de Petrarca 110

3.2.2. A visão de marcos referenciais 114

3.2.3. A visão de labirinto 117

3.3. Os principais espaços livres públicos e elementos da paisagem de Laranjeiras na visão dos entrevistados 122

4 - Considerações finais 133

Bibliografia 139

Anexos 145

Estudos recentes consideram que o processo de valorização de uma paisagem se inicia a partir da identificação do conjunto de elementos que justificam a atribuição de valor ao local (Ribeiro, 2007). Paisagens singulares, reconhecidas por seus valores únicos, são consideradas patrimônios culturais na medida em que fazem parte do cotidiano de cidadãos que percebem e valorizam o conjunto de elementos que as compõem. A preservação da paisagem natural e urbana é defendida como um meio de enfatizar a importância na construção da identidade cultural dos habitantes do lugar.

A busca pelos valores de um território habitado que representam e identificam uma dada cultura parte de uma concepção que julga a paisagem como uma construção cultural. A ideia de paisagem como uma invenção cultural, como um artefato construído e elaborado pelo homem - um ser que mantém uma relação contínua com determinado espaço numa determinada época – é destacada por alguns autores que chamam a atenção para as relações estabelecidas entre o homem e seu ambiente, como destacado por Augustin Berque:

> Deveríamos tentar entender porque uma dada sociedade interpreta o seu ambiente de uma forma específica, que leva à criação de formas específicas de assentamentos. Isso exige mais do que levantar as formas da paisagem, e mais ainda do que uma análise funcional. Isso exige que se estude o significado que cada sociedade humana oferece ao seu ambiente. (Berque, 2000)

Entendendo que a identificação dos modos de ver um lugar pelas pessoas que nele habitam constitui tarefa primordial para a compreensão dos seus valores ambientais, esta dissertação se dedica ao estudo do papel dos espaços livres públicos de uma cidade de interesse histórico, como uma tentativa de contribuir para o processo de valorização da sua paisagem urbana.

Dessa forma, parte-se da ideia de que, entre os passos importantes para direcionar ações que transformem um dado ambiente com base em valores da população local, estejam a identificação dos elementos e aspectos ambientais mais significativos considerados por quem vivencia o local, e o entendimento das formas de compreensão que expressem esses valores.

A idéia de paisagem como um *modus operandi* de ver e se relacionar com o ambiente em que vive é considerada por alguns autores contemporâneos que reforçam a ideia de paisagem como uma criação do indivíduo que integra uma determinada cultura.

Alain Roger sintetiza: "nossas paisagens são aquisições, ou melhor, invenções culturais, que sabemos datar e analisar". Como uma forma de ilustrar a construção de uma dada paisagem, o autor toma como exemplo as diferentes formas de ver um elemento da paisagem ao longo da história. A montanha é elemento da paisagem tomado como exemplo para mostrar que "a paisagem não pode ser considerada uma realidade natural, mas sempre uma criação cultural e que ela nasce nas artes antes de fecundar nossos olhares" (Roger, 1999). Segundo o autor, até o começo do século XVIII, a montanha é vista no mundo ocidental como um "país[1] pavoroso", expressão muito encontrada nos relatos dos viajantes que atravessavam os Alpes na Europa. De "país pavoroso", a imagem da montanha se transforma em "sublime horror", uma ideia inventada por escritores e pintores do século XVIII. Neste sentido, percebe-se que as diferentes formas de ver a montanha são moldadas pela arte, que se revela com a função de estabelecer em épocas distintas modelos divergentes de visão da paisagem.

1 "País" aqui utilizado no sentido do vocábulo francês "Pays", que tem o significado de território de uma nação ou de um Estado, mas também de região, província, lugar.

De acordo com Joachim Ritter (1997), a noção moderna de paisagem nasceu de um contexto intelectual que historicamente permitiu o interesse pela natureza enquanto paisagem e considera como marco inicial desse olhar moderno uma experiência realizada e relatada no século XIV, em que o poeta italiano Francesco Petrarca escala uma montanha "simplesmente para fruir da vista que pode ser desfrutada do seu cimo" [2]. Segundo Ritter (1997), neste momento histórico houve uma necessidade de se formular o conceito de paisagem e de atribuir-lhe um valor estético. A natureza, a partir de Petrarca, não é mais vista por um conceito e sim no sentimento estético: "A paisagem é a natureza esteticamente presente se mostrando a um ser que a contempla provando sentimentos" (Ritter, 1997). É neste momento da história, chamado moderno, que a natureza se torna objeto de estudo das ciências naturais e, a partir daí, a literatura e a arte figurativa passam a conceber esta mesma natureza na sua relação com os sentimentos dos homens e torná-la presente por meios estéticos. Nesta visão, o construtor e protagonista da paisagem é o próprio observador.

Georg Simmel (1988) associa o nascimento da noção de paisagem à existência de um sentimento da paisagem. Na Antiguidade e na Idade Média essa noção ainda não existia, pois ignoravam este sentimento: "O gosto pela paisagem veio tardiamente na história ocidental pelo fato de que a sua criação exigia a separação do 'sentimento unitário da natureza', considerando que o 'sentimento de natureza' propriamente dito só se desenvolveu na época moderna" (Simmel, 1988). A paisagem é colocada em uma categoria onde o ato do espírito do homem modela um grupo de fenômenos:

> (...) uma visão experimentada como uma unidade auto-suficiente, embora ligada a uma extensão e a um movimento infinitamente mais vastos. (...) E a natureza, que ignora toda a individualidade, agora é modificada pelo olhar humano, que a divide e recompõe em unidades particulares, em individualidades batizadas como paisagens. (Simmel, 1988)

[2] "Hoje, movido pelo simples desejo de ver um lugar reputado por sua altura, subi um monte, o mais elevado da região, não sem razão denominado Ventoux". (Petrarca apud Ritter, 1997).

O conceito convencional de paisagem que temos hoje em dia como um campo do nosso horizonte momentâneo dominado pelo nosso olhar é questionado por Simmel (1988) ao explicar que isso que dominamos consiste apenas na matéria da paisagem: "(...) é necessário que certo conceito unificador a envolva e relacione os elementos que fazem parte dessa matéria para imprimir-lhe uma forma". O material da paisagem, desta forma, é colocado como infinitamente variado e diverso considerando-se as possibilidades que a natureza bruta lhe oferece, como são variados os pontos de vista e as formas que compõe.

Uma resposta aproximada para determinar essa seleção que produz a paisagem seria a sua representação através da obra de arte pictórica. Pois o que o artista faz - a escolha de um pedaço delimitado e em seguida a sua apreensão e constituição como uma unidade que vai encontrar em si o seu próprio sentido – é associado ao que fazemos de modo fragmentário e pouco consciente quando vemos uma "paisagem" em vez da visão de uma casa, de um riacho ou de um cortejo de nuvens. A noção de paisagem, segundo Simmel, é colocada como um artifício criado pelo homem em oposição ao meio natural já existente e, como artifício, é preciso que o observador passe por certo "processo subjetivo" para que a paisagem seja possível. O autor distingue a contemplação ingênua das coisas da natureza de uma visão verdadeiramente consciente da paisagem:

> (...) para que haja paisagem é preciso que tal conteúdo singular do campo de visão cative o nosso espírito; a consciência deve apreender, além dos elementos, um novo conjunto, uma nova unidade, não ligados aos significados particulares dos primeiros, nem compostos mecanicamente da sua soma. (Simmel, 1988)

A partir disso, entende-se que a noção moderna de paisagem não se limita a uma ótica estritamente estética. Besse (2006a) explica que, sendo a paisagem uma produção cultural, a aceitação do conceito apenas como uma estetização do olhar sobre a natureza parece um fator limitante: "(...) como que uma projeção de cultura sobre o 'país' pode ser reduzida a significações

estéticas?" (Besse, 2006a).

O que se procura destacar aqui é que, além da visão estética da paisagem, é preciso dar atenção a outros olhares culturais lançados sobre a natureza, a outros universos de significação, a outros conceitos e a outras práticas que, tanto quanto a estética, são investidas no território. Esses "diferentes olhares" podem ser encontrados dentro uma dada cultura, pois, em cada situação, o território é afetado por qualidades paisagísticas particulares, próprias ao interesse daquele que o considera.

No campo da geografia, a paisagem é relacionada ao conceito de fisionomia e contribui para uma reflexão mais geral sobre o conceito. Busca-se um sentido e um interesse em conceber a paisagem não como uma representação, mas como uma fisionomia propriamente dita:

> (...) a paisagem falada nesse novo contexto ganha uma densidade ontológica própria. Se a paisagem possui uma fisionomia, é preciso compreendê-la como uma totalidade expressiva, animada por um 'espírito interno', do qual se pode extrair o sentido. É como se houvesse um 'espírito de lugar', do qual a aparência exterior do território visado seria a expressão. (Besse, 2006a)

O significado de paisagem na perspectiva ampliada pela geografia, como colocado por Besse (2006a) configura a paisagem "menos como um objeto do que como uma representação, um valor, uma dimensão do discurso e da vida humana, ou ainda, uma formação cultural".

Erwin Straus rompe com a concepção "clássica" que faz da paisagem uma extensão de território que se pode abarcar num lance de vista. Faz distinção entre o sentir e o perceber: o espaço da percepção é o espaço da geografia, enquanto a paisagem, diferentemente do espaço da percepção, é da ordem do sentir: "ela é pré-cultural, pré-antropológica" (Straus apud Besse, 2006). A paisagem, enquanto espaço do sentir, é entendida como "foco original" de todo encontro com o mundo.

A partir dessa idéia, Besse (2006) questiona que mundo seria esse que a humanidade moderna teria perdido e que a paisagem nos restituiria: "É o mundo da vida, o mundo natural, o mundo como solo e centro original das referências do pensamento e da ação que o homem perdeu contato". Dessa forma, a paisagem tem a função de facilitar a re-ligação homem-natureza: "É a paisagem que mantém uma relação viva entre o homem e a natureza que o envolve imediatamente. É a paisagem que permite à natureza subsistir como mundo para o homem" (Besse, 2006).

Os princípios e ideias que levaram à construção da noção moderna de paisagem permitem a visualização de um panorama deste conceito no mundo ocidental. A constatação de certa "indiferença" em relação à paisagem na antiguidade e na idade média se transforma, no período moderno, em um modo de ver a paisagem como objeto de interesse estético, inaugurado por Petrarca no século XIV. A paisagem é então compreendida como espaço do sentir, expressão da existência e elemento fundamental de "re-ligação" do homem com o mundo.

A compreensão da ideia moderna de paisagem como um "processo subjetivo" e a condição colocada por Simmel (1988), de que, para sua ocorrência, "é preciso que tal conteúdo singular do campo de visão cative o nosso espírito", fundamentam a busca de formas de compreensão de paisagens singulares empreendida neste trabalho, entendendo que a identificação dos modos de ver um lugar pelas pessoas que nele habitam constitui tarefa primordial para a compreensão dos seus valores ambientais.

A partir disso, esta dissertação se dedica ao estudo do papel dos espaços livres públicos de uma cidade de interesse histórico, como contribuição para o processo de valorização da sua paisagem urbana. O caso aqui em estudo é o conjunto do centro histórico da cidade de Laranjeiras, no Estado de Sergipe.

A paisagem atual de Laranjeiras retrata ao mesmo tempo o período de grandeza que a cidade atingiu no século XIX, e a decadência iniciada em princípios do século XX. Os sobrados, as igrejas que constituem marcos de grande

presença na cidade e os casarios simples formam um conjunto arquitetônico representativo do modo de vida de uma época. As ruas, becos e praças do núcleo de formação inicial da cidade permaneceram as mesmas do traçado original da cidade. O estado de conservação de alguns de seus edifícios é precário, devido aos desgastes naturais do tempo ou à ação do homem.

Hoje, a singularidade do conjunto arquitetônico e paisagístico de Laranjeiras é reconhecida pelos órgãos de preservação do patrimônio cultural nos níveis municipal (1990), estadual (1970) e federal (1996). No entanto, o longo período que passou carente de ações para a manutenção e valorização do seu conjunto arquitetônico e paisagístico, além de ter levado grande parte dos seus edifícios históricos a um estado de arruinamento e descaracterização, provocou a perda de aspectos de grande valor do seu conjunto paisagístico.

Nos últimos anos, observa-se um maior interesse e empenho de instituições estaduais e federais em levar adiante ações a favor da conservação do patrimônio construído da cidade, mas, ainda assim, é notável a carência de discussão local e ações direcionadas aos espaços livres públicos e outros elementos fundamentais que compõem a ideia de conjunto urbano e paisagístico do centro histórico. A partir disso, coloca-se a questão: que elementos fundamentais são esses que compõem o conjunto urbano e paisagístico de Laranjeiras? Entende-se que a resposta a esta questão passe pela identificação dos valores que os habitantes do lugar reconhecem na sua paisagem.

A preocupação com aspectos da visibilidade dos monumentos e sua vizinhança tem sido objeto de atenção no plano internacional através de documentos oficiais e suas recomendações para tratamento do Patrimônio Cultural. A Carta de Atenas, de 1931, já se preocupava com a ambientação de determinado bem cultural ao afirmar:

> Em certos conjuntos, algumas perspectivas particularmente pitorescas devem ser preservadas. Deve-se também estudar as plantações e ornamentações vegetais convenientes a determinados conjuntos de monumentos para lhes conservar o caráter antigo. (Iphan, 2001)

A Recomendação de Paris, de 1962, apresenta como idéia de salvaguarda da beleza e do caráter das paisagens e sítios: "a preservação e, quando possível, a restituição do aspecto das paisagens e sítios naturais, rurais ou urbanos, devido à natureza ou à obra do homem, que apresentem um interesse cultural ou estético, ou que constituam meios naturais característicos" (Iphan, 2001).

A recomendação de Nairobi de 1976 define o que se entende como um conjunto histórico:

> Cada conjunto histórico ou tradicional e sua ambiência deveria ser considerado em sua globalidade, como um todo coerente, cujo equilíbrio e caráter específico dependem da síntese dos elementos que o compõem e que compreendem tanto as atividades humanas como as construções, a estrutura espacial e as zonas circundantes. Dessa maneira, todos os elementos válidos, incluídas as atividades humanas, desde as mais modestas, têm em relação ao conjunto uma significação que é preciso respeitar. (Iphan, 2001)

A Carta Internacional para Salvaguarda das Cidades Históricas, de 1987, conhecida como Carta de Washington, ressalta que entre os valores a preservar estão as relações da cidade com seu entorno natural ou criado pelo homem. Esses documentos são de inegável importância para a valorização da paisagem, no entanto, de acordo com Ribeiro (2007), eles contribuem para uma visão dual entre um determinado bem e a paisagem. Nesse contexto, a paisagem só tem valor a partir do momento em que dá sentido a um bem mais importante.

A adoção da categoria da paisagem cultural da UNESCO em 1992, como destacado por Ribeiro (2007), representa uma ruptura com o padrão das recomendações anteriores no sentido em que passa a adotar a própria paisagem como um bem, valorizando todas as inter-relações que ali coexistem. A partir daí, a ideia de 'paisagem cultural' passa a ser considerada visando a valorização entre o homem e o meio ambiente, entre o natural e o cultural, como definido no documento final de 1992:

> (...) as paisagens são consideradas ilustrativas da evolução da sociedade humana e seus assentamentos ao longo do tempo, sobre a influência de contingências físicas e/ou oportunidades apresentadas pelo ambiente natural, bem como pelas sucessivas forças social, econômica e cultural, que nelas interferem. Elas deveriam ser selecionadas pelo seu valor universal e pela sua representatividade em termos de uma região geocultural claramente definida e também pela sua capacidade de ilustrar elementos culturais essenciais e distintos dessa região. (Ribeiro, 2007, 41)

Com o objetivo de entender e valorizar as relações entre os habitantes e a paisagem de Laranjeiras, buscou-se primeiramente conhecer sua história, desde a formação do núcleo colonial até a atualidade. Dirigiu-se em seguida o foco para os elementos da paisagem e para os espaços livres públicos que, segundo o olhar especializado do historiador e do paisagista, apresentam-se como os mais significativos. Por fim, para atender às premissas anteriormente colocadas, fez-se necessário cotejar este olhar mais especializado com os pontos de vista dos cidadãos comuns que vivenciam a cidade de Laranjeiras no seu cotidiano.

Os objetivos, listados a seguir, orientaram os passos da pesquisa:

1- Entender a trajetória de transformações da paisagem da cidade de Laranjeiras através do estudo e análise da história da formação e desenvolvimento da cidade;

2- Identificar os espaços livres públicos e outros elementos da paisagem urbana de Laranjeiras formadores da estrutura urbana e que detêm grande representatividade histórica local;

3- Compreender o papel desempenhado pelos principais espaços livres de uso público e elementos da paisagem da cidade pela análise de seus aspectos locacionais, morfológicos e funcionais;

4- Buscar a visão do cidadão comum, que vivencia o centro histórico de Laranjeiras no seu cotidiano, através da análise das entrevistas realizadas

com uma amostra da população local, de modo a verificar a existência de uma sensibilidade paisagística por parte dos entrevistados;

5- Identificar um conjunto de elementos que justifiquem a atribuição de valor à paisagem da cidade, conformando sua possível identidade paisagística, com base nas análises espaciais realizadas e na visão do cidadão comum;

Súmula dos procedimentos de pesquisa

1- Revisão da bibliografia relativa à conceituação de paisagem no ocidente e discussão da idéia de paisagem enquanto construção cultural fundamentada nos estudos de Simmel (1988), Ritter (1997), Roger (1999), Berque (2000), Besse (2006) e Ribeiro (2007).

2- Sistematização de dados históricos sobre a formação, desenvolvimento urbano e inserção regional de Laranjeiras de modo a compreender a trajetória de transformações na sua paisagem tomando como base os estudos históricos de Azevedo (1975), Oliveira (2005), Nunes (2006), Murillo Marx (1980 e 1991).

3- Caracterização, leitura e análise de espaços livres públicos e seus aspectos locacionais, morfológicos e funcionais apoiadas em autores que se aprofundaram no tema da percepção visual e morfologia dos espaços livres urbanos: Zucker (1959), Lynch (1997/1960), Ashihara (1982) e Cullen (1983).

4- Realização de entrevistas e caminhadas pelos espaços livres do centro histórico com moradores e pessoas que vivenciam a cidade no seu cotidiano visando buscar a leitura do cidadão comum da paisagem de Laranjeiras, apoiada nas recomendações de Ecléa Bosi (2004).

5- Análise das entrevistas através da identificação de modos de apreensão da paisagem local e mapeamentos das informações para a construção de um panorama que revele um conjunto de elementos fundamentais

que compõem a paisagem de Laranjeiras. Lynch (1997/1960) e Cullen (1983) fornecem os conceitos e parâmetros para o desenvolvimento da análise.

Estrutura da dissertação

O Capítulo 1 trata da formação da cidade de Laranjeiras e sua inserção no cenário histórico do Nordeste do Brasil, com ênfase na trajetória de desenvolvimento do seu núcleo urbano inicial, desde suas origens coloniais, passando pelo período imperial, até a atualidade. A investigação da formação urbana de Laranjeiras procura servir de base à compreensão do papel desempenhado pelos principais espaços livres de uso público da cidade. Com o objetivo de construir um quadro geral sobre a cidade, são considerados dados sobre a sua inserção regional, aspectos sócio-econômicos, de uso e ocupação do solo. Em seguida, consideram-se as principais ações de planejamento e intervenções físicas que alteraram aspectos e elementos da paisagem, interferindo na apreensão do conjunto urbano de valor histórico e paisagístico de Laranjeiras.

O Capítulo 2 estuda o papel de espaços livres de uso público no conjunto urbano de Laranjeiras através da caracterização e análise dos seus principais aspectos de ordem locacional, morfológica e funcional, com o objetivo de discutir o que os distingue e de que forma isso se reflete na paisagem atual da cidade como fato arquitetônico, urbanístico e paisagístico. Este capítulo desenvolve uma leitura dos espaços de Laranjeiras apoiada na visão de autores que se dedicaram ao tema da percepção visual e análise espacial. São consideradas algumas definições relativas ao conceito de espaço livre público e o que o diferencia da idéia de espaço edificado. Em seguida, parte-se para a caracterização e análise propriamente dita desses espaços tomando como base instrumentos teóricos de análise apoiados em Zucker (1959), Lynch (1997/1960), Cullen (1983) e Ashihara (1982).

O Capítulo 3 dá ênfase à busca dos modos de ler, se relacionar e dar significado aos espaços livres públicos e à paisagem urbana de Laranjeiras na visão do

cidadão comum. Levanta-se a questão sobre quais aspectos da paisagem de Laranjeiras podem conformar uma possível identidade paisagística da cidade considerando o ponto de vista de quem vivencia a cidade no seu cotidiano. A realização do contato direto com uma amostra da população de Laranjeiras, através de entrevistas verbais, conversas informais e caminhadas, visa agregar à leitura do especialista a leitura do cidadão comum que vivencia a cidade no seu cotidiano como uma forma de obter, por fim, um quadro dos elementos fundamentais que compõem a paisagem urbana de Laranjeiras.

CAPÍTULO 1
Laranjeiras

Neste capítulo será abordada a formação da cidade de Laranjeiras e sua inserção no cenário histórico do Nordeste do Brasil com ênfase na trajetória de desenvolvimento do seu núcleo urbano desde suas origens coloniais passando pelo período imperial, até a atualidade.

A investigação da formação urbana de Laranjeiras a ser desenvolvida procura servir de base à compreensão do papel desempenhado pelos principais espaços livres de uso público da cidade.

Os principais aspectos enfatizados na atualidade urbana de Laranjeiras visam, primeiramente, construir um quadro geral sobre cidade e, para isso, são considerados dados sobre a sua inserção regional, aspectos sócio-econômicos, de uso e ocupação do solo. Em seguida, considera-se as principais ações de planejamento e intervenções físicas que alteraram aspectos e elementos da paisagem interferindo na idéia de conjunto urbano de valor histórico e paisagístico de Laranjeiras.

O estudo da formação da cidade na sua trajetória de desenvolvimento e atualização da sua paisagem urbana visa constituir subsídio para a identificação e caracterização dos espaços livres públicos remanescentes que detêm grande representatividade histórica local na atualidade entendidos como parte de um conjunto de elementos fundamentais que podem constituir uma possível identidade paisagística da cidade.

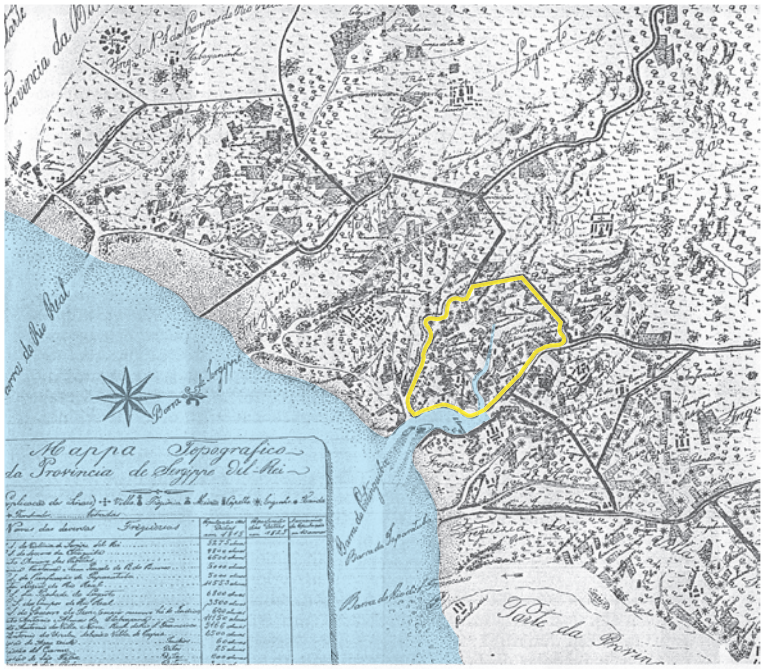
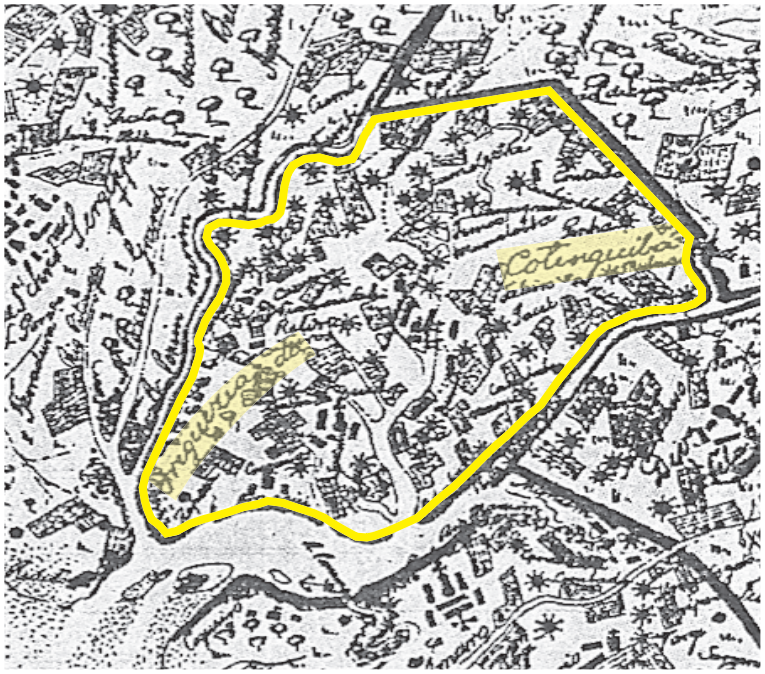


fig. 1.2 e 1.3 - Mapa Topográfico da Província de Sergipe Del Rei do início do século XIX, com destaque para a Freguesia do Cotinguiba, onde se situava a Vila de Laranjeiras.



1.1. Formação urbana

> A história da urbanização colonial é a história das configurações assumidas no espaço, pelas relações dessa sociedade, no processo de colonização. (Reis Filho, 1995)

Inserida no perfil das cidades do Brasil Colônia que se desenvolveram como um produto do ciclo do açúcar, Laranjeiras chega ao final da primeira década do século XXI como uma cidade de pequeno porte que conseguiu conservar sua forma urbana colonial e certa unidade arquitetônica apesar das transformações por que passou ao longo do tempo.

O desenvolvimento da povoação que deu origem à cidade de Laranjeiras está ligado à grande expansão da cana de açúcar na Capitania de Sergipe a partir de meados do século XVIII. No entanto, o primeiro registro de ocupação é datado de 1594, realizado por meio de concessão de carta de sesmaria a Thomé Fernandes, que participou das lutas pela conquista do território sergipano. De acordo com Campos (2002), apesar da Capitania de Sergipe ter iniciado o cultivo da cana-de-açúcar em 1602, não acompanhou a fase áurea da economia açucareira no Nordeste brasileiro que gerou riquezas e progressos para a região nos séculos XVI e XVII. Somente a partir de meados do século XVIII que o cultivo se desenvolve na Capitania.

Oliveira (2005) denomina a fase da história de Laranjeiras de 1594 a 1623 como "Período de Doação", quando os donatários e colonos que receberam as terras no vale do Rio Cotinguiba pouco

ou nada fizeram para a ocupação e colonização do território. Neste período, as terras que formaram o povoado pertenciam à Freguesia de Nossa Senhora do Socorro da Cotinguiba (fig. 1.3).

Por volta de 1606, a uma distância de mais ou menos uma légua da sede da Freguesia da Cotinguiba, foi construído um pequeno porto fluvial, local que moradores e viajantes começaram a identificar como Porto das Laranjeiras (Azevedo, 1975). Trata-se do início do povoamento na região, como descrito por Menezes (1973,39): "Nos fins do século XVI, inicia-se a ocupação da zona do Cotinguiba, (...) gradativamente, no local onde, segundo a tradição, existiam laranjeiras, surge a povoação".

Dessa forma, o núcleo que deu origem a Laranjeiras surgiu às margens do Rio Cotinguiba, onde os primeiros habitantes da incipiente povoação construíram o porto que leva o nome da cidade. A construção do porto constituiu marco para o surgimento das primeiras edificações no local, abrigando habitações e armazéns que serviram de base para o povoamento. A sua localização em "fundo de baía" (fig. 1.2) era considerada uma vantagem geográfica por se tratar de ponto máximo de penetração de embarcações, o que gerava facilidades de comunicação com o interior (Azevedo, 1975).

Em 1637, o pequeno povoado das Laranjeiras sofre a invasão e o domínio holandês: "De 1637 a 1645, a terra sergipana tornou-se cenário de correrias, guerrilhas, emboscadas entre portugueses e holandeses visando principalmente, à posse dos rebanhos ali existentes que abastecessem de carne e montaria as suas tropas" (Nunes, 2006, 256). Casas e engenhos foram destruídos, com exceção do porto, local estratégico que foi preservado. Apenas em 1645 os holandeses deixam Sergipe.

De acordo com Azevedo (1975), somente depois da guerra com os holandeses e da retirada definitiva destes foi que, de fato, iniciou-se um período em que se verificou o estabelecimento humano de forma mais estável em Laranjeiras e as atividades do porto constituíram fato de grande contribuição ao retorno do progresso ao povoado. Neste período, o progresso econômico da região

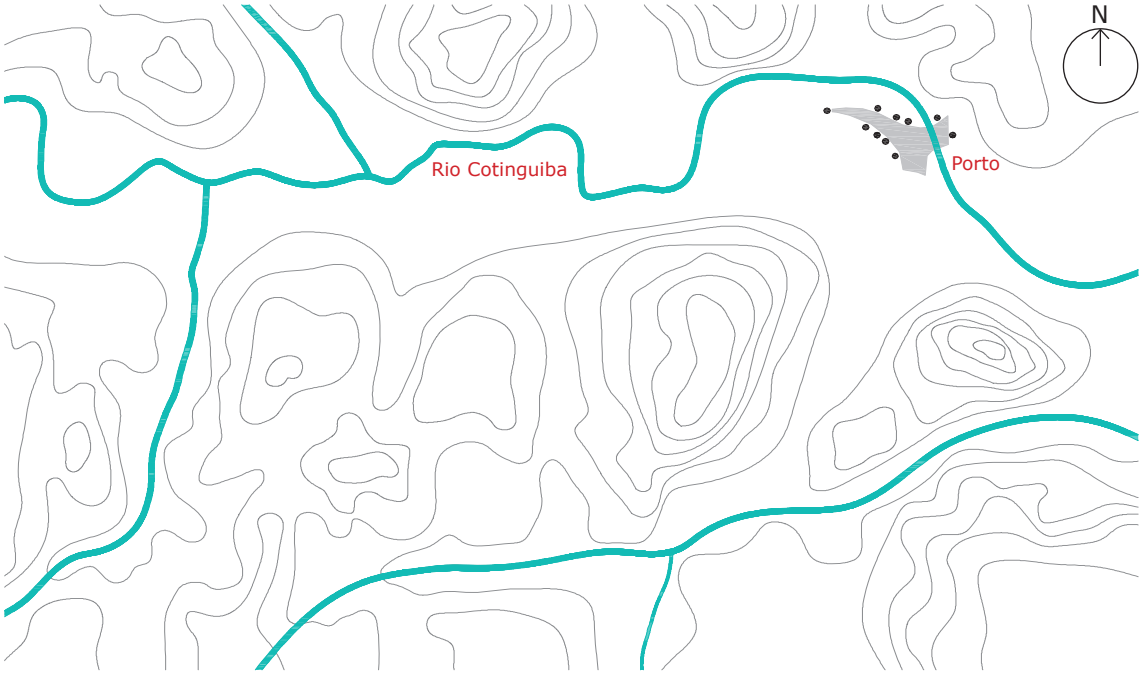
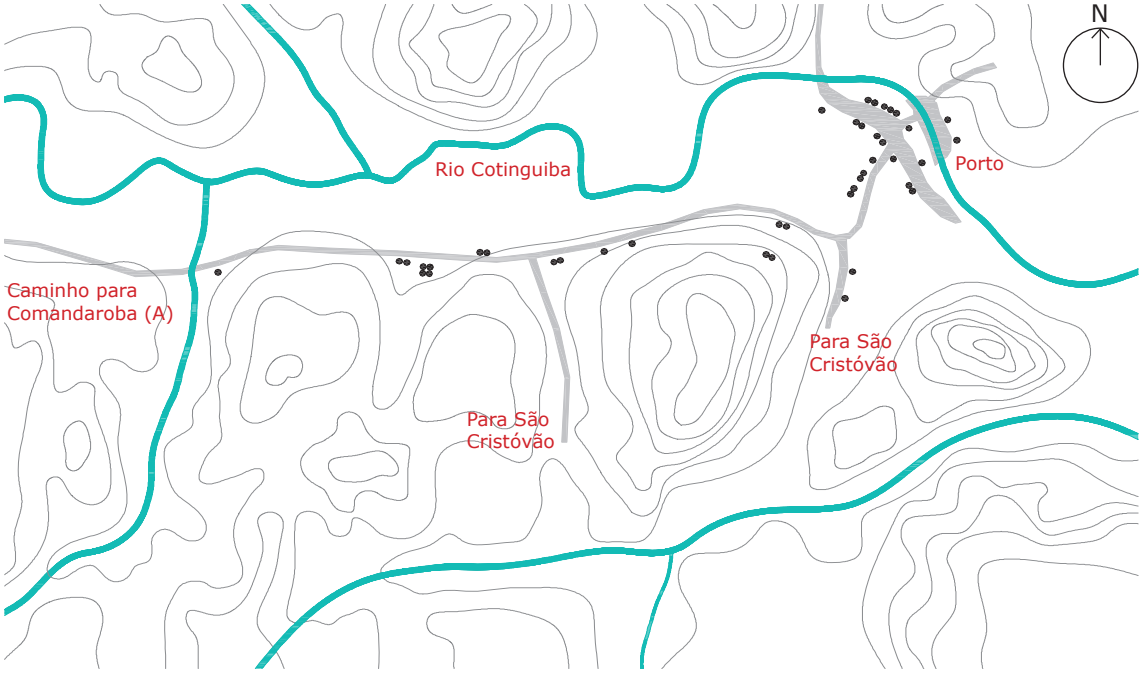


fig. 1.4: Laranjeiras em 1606 – surgimento do porto e das primeiras habitações



Igrejas construídas até 1750
A: Comandaroba - 1734

fig. 1.5: Laranjeiras em 1750

começava a se organizar com base no latifúndio monocultor e na cana-de-açúcar como principal cultura. A partir de então, Laranjeiras se torna centro de colonização e evangelização, do que resulta a sua emancipação política.

Murillo Marx contextualiza a importância do porto no surgimento da cidade brasileira e seu papel como elemento fundador de novos aglomerados urbanos:

> As primeiras fundações se fizeram no litoral para sua ligação com a metrópole lusitana e com o resto do império voltado, conformado e cimentado pelo mar. Por isso, o porto foi essencial e decisivo para situar uma feitoria nova. (Marx, 1980, 19)

De acordo com Ribeiro (1995, 21), o cultivo da cana-de-açúcar teve grande papel no estímulo à formação de portos localizados no litoral e outros de menor porte situados na costa ou na margem de rios navegáveis, como é o caso de Laranjeiras, porto secundário de convergência da produção agrícola destinada aos grandes portos exportadores. O papel dos portos secundários localizados no interior e sua relação com os portos maiores situados do litoral brasileiro é explicado por Murillo Marx (1980):

> No começo da era colonial já se começava a delinear uma característica que irá marcar o surgimento dos núcleos urbanos na região: uma faixa litorânea onde se desenvolvia a economia de produção extensiva ligava-se aos centros urbanos situados também na costa. Essa produção escoava através de portos secundários localizados no litoral ou em rios navegáveis, dificultando o desenvolvimento das urbes interioranas. Tal circunstância propiciou a formação de áreas desprovidas de um aparelhamento urbano no interior. (Marx, 1980)

As fazendas produziam bens de consumo de forma auto-suficiente e os produtos como a cana-de-açúcar e o algodão eram destinados aos grandes centros europeus. Este comércio exterior inibia a formação de um mercado interno e, conseqüentemente, das cidades, sendo, dessa forma, vistas como espaço exclusivo de trocas de bens: "Durante o período colonial, (...) as tendências monocultoras de nosso mundo rural contribuíram para a existência de uma permanente crise de abastecimento das cidades" (Reis Filho, 1997, 30). O próprio regime escravista impedia a formação de um mercado interno forte.

> (...) a dimensão limitada de um mercado interno foi sempre a principal responsável pelas características que tipificam o processo histórico de formação e desenvolvimento das cidades brasileiras: de um lado, a dispersão da população, até meados do século XX, nas áreas rurais; de outro, a tendência à formação dos principais núcleos urbanos em áreas localizadas próximas ao litoral, (...) ainda que as cartas de doação das capitanias, (...) determinavam limites para a construção de outras vilas nos sertões sem a autorização expressa do Rei de Portugal. (Ribeiro, 1995, 08)

Dessa forma, as cidades começaram a se desenvolver majoritariamente quando inseridas na rota de escoamento dos produtos destinados ao abastecimento das economias européias, em geral no litoral, ou funcionando com vocação estritamente portuária de importação e exportação. No caso de Laranjeiras, o desenvolvimento do porto fluvial e as trocas diretas que passou a realizar com os grandes portos exportadores localizados no litoral do Nordeste brasileiro, como Bahia e Pernambuco, se destacam como principais fatores que impulsionaram o desenvolvimento do seu núcleo urbano até atingir o posto de maior empório comercial e primeira alfândega da Província de Sergipe, em meados do século XIX, período do apogeu econômico da cidade.

1.2 Principais elementos conformadores da estrutura urbana e sua relação com a trajetória de formação e desenvolvimento urbano de Laranjeiras

O ano de 1701 é considerado um marco para a história de Laranjeiras devido à construção da Igreja do Retiro (fig. 1.6), que constituiu o primeiro registro de residência dos Padres da Companhia de Jesus em terras do município (Azevedo, 1975). Em seguida, os jesuítas construíram, sobre uma colina, a Capela da Comandaroba, considerada hoje monumento de grande interesse arquitetônico pelo IPHAN, tombada pela instituição em 1996 (img. 1.7).

É importante enfatizar a existência dessas primeiras construções religiosas porque elas serviram como foco de povoamento inicial da área e definiram caminhos que hoje se refletem no traçado urbano do centro histórico de Laranjeiras. Sobre a relação entre as primeiras construções religiosas e o aumento populacional no seu entorno, Murillo Marx (1991, 31) julga a escolha de locação dos templos como "considerações imprescindíveis para

explicar a conformação peculiar dos embriões de nossos aglomerados urbanos". Mas o que, de fato, guiava a escolha do sítio para a construção dessas primeiras edificações religiosas?

De acordo com Murillo Marx, o sistema sesmarial possuía brechas que comandavam a ocupação do território e a sua exploração:

> E tais brechas não vinham à revelia do sistema, porém no bojo de sua própria lógica, não o contrariando ostensivamente, mas sendo um prolongamento dele e servindo a suas necessidades e limitações. Que brechas eram essas? Por entre tantas e tão grandes sesmarias, eram exatamente as capelas e os seus respectivos patrimônios. (Marx, 1991, 36)

As 'brechas' ou áreas que restavam entra as vastas terras de sesmarias constituíam o pretexto para implantação de um elemento que serviu como ponto de partida de surgimento, crescimento e definição da conformação de muitos núcleos urbanos - o templo religioso. No caso de Laranjeiras, considerando o já estabelecido porto fluvial a partir de 1606, a construção da Capela da Comandaroba em 1734 levou à formação de uma estrada que "desde os primórdios serviu de via de comunicação entre a residência jesuítica (Comandaroba) e o Porto Regional" (Azevedo, 1975). O mapa que relaciona o sítio de Laranjeiras e seu traçado urbano em 1750 evidencia essa ligação entre a capela e o porto, um caminho que se consolidou por volta de 1800, quando é possível observar o estabelecimento de casas em ambos os seus lados (fig. 1.11).

fig. 1.6 - Casa Grande e Igreja do Retiro

fig. 1.7 - Igreja de Nossa Sra da Conceição da Comandaroba

Com uma população mais expressiva, provavelmente no fim do século XVIII, o arraial formado passa a almejar a construção de uma capela mais próxima, pois as Igrejas de Comandaroba e do Retiro situavam-se distantes demais para serem consideradas parte do povoado.

> (...) a institucionalização da vida dessas tantas e tão dispersas comunidades se dava pela oficialização de sua ermida, de sua capelinha visitada por um cura, pela sua elevação um dia à matriz, elevação que significava (...) ao novo status de paróquia ou freguesia" (Murillo Marx, 1991,19).

O reconhecimento da comunidade de fato e de direito perante a Igreja Oficial e o Estado é consolidado com a construção da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, em terreno doado, a partir de quando surgem as primeiras ordenações no traçado da cidade. De acordo com Freire (1977), a Igreja do Sagrado Coração de Jesus, marco construído que permanece com forte presença na paisagem urbana atual de Laranjeiras, teve sua construção concluída no ano de 1791(fig. 1.8).

As exigências para a construção do templo religioso reforçam a importância que a Igreja teve na conformação das cidades brasileiras. Haviam recomendações de ordenamento do território colonial que estabeleciam o templo como instrumento de urbanização, como colocada pelas *Constituiçoens prymeiras* do arcebispado da Bahia:

> Tais normas tão significativas estipulavam também como se construir e as exigências mínimas a que deviam atender os locais pios (...). A constituição 687 determinava (...) que as igrejas paroquiais estivessem livres também 'de casas particulares, e de outras paredes, em distancia que possam andar as procissões ao redor delas' (...) (Murillo Marx, 1991, 23).

As ruas existentes atualmente em torno da Igreja Matriz, como a Coração de Jesus e a Rua da Independência, e as praças Dr. Heráclito Diniz Gonçalves e Cel. José de Faro, ilustram os espaços livres definidos para valorizar o templo religioso do povoado, então em ascensão.

Em 1808, há registros de uma população de "seiscentos fogos ou perto de três mil pessoas, que pela maior parte vivem do tráfico de vender mercadorias de Portugal e de comprar os gêneros do país para exportar para a Bahia" (Souza

apud Azevedo, 1975). As atividades agro-industriais na região, cujo centro era Laranjeiras, já eram muito significativas no quadro econômico regional, indicando as perspectivas desenvolvimentistas que se consolidariam nas futuras décadas para o florescente povoado.

No intervalo compreendido entre o início do século XVII e final do XVIII, o crescimento do povoado se deu pela instalação de um centro de comercialização de produtos por intermédio de uma feira local. Segundo representação do Ouvidor da Comarca de Sergipe Del Rei dirigida à Rainha D. Maria I, em fins do século XVIII: "No termo d'esta cidade (São Cristóvão) há a Povoação das Laranjeiras, habitada de negociantes, no centro do Paiz, e de longo tempo há aí uma feira aos sábados, onde gira dinheiro e efeitos (...)" (Souza apud Azevedo, 1975).

Em fins do século XVIII Laranjeiras havia consolidado sua posição de porto regional, desempenhando importante papel nas trocas comerciais para o exterior. Sua feira local, localizada na grande planície à beira do Rio Cotinguiba, despontava como a mais importante em nível regional. A tradicional feira teve o seu primeiro registro em 1799 e existe até hoje como uma das atividades tradicionais da cidade.

O século XIX foi considerado o "século de ouro de Laranjeiras", momento em que é possível observar as mudanças mais significativas na sua paisagem urbana, pois a maior parte das construções civis que compõem o conjunto urbano histórico pertence

fig. 1.8 - Situação urbana atual da Igreja do Sagrado Coração de Jesus (Igreja Matriz)

fig. 1.9 e 1.10 - A tradicional feira vista a partir do Beco do Porto em dois momentos da história da cidade

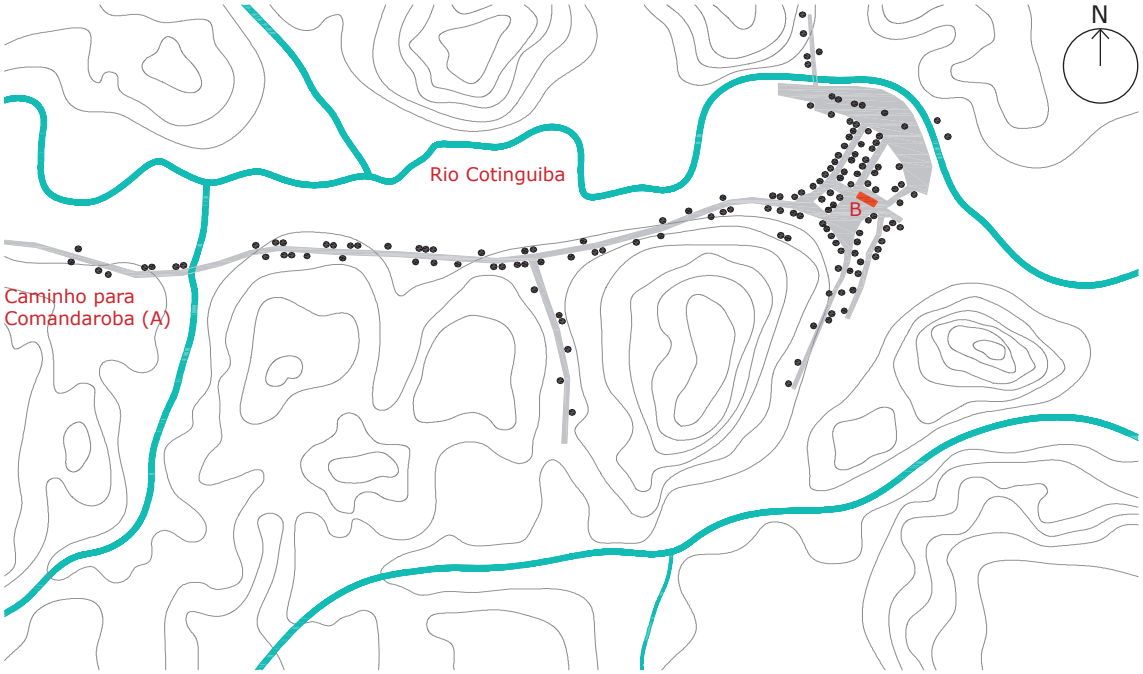


fig. 1.11: Laranjeiras em 1800

fig. 1.12: Laranjeiras em 1840

Igrejas construídas até 1840
A: Comandaroba - 1734
B: Matriz - 1791

a esse período. Este fato pode ser claramente associado ao desenvolvimento econômico, comercial e social pelo qual a cidade estava passando. Em 1824, o povoado atingia "oitocentos e cinqüenta e tantos fogos entre edifícios menores, e aqueles que fazem a sua decoração" (Azevedo, 1975). Portanto, havia cerca de 250 habitações a mais em relação ao ano de 1800, isto é, um acréscimo de ocupação territorial superior a 40% em menos de um quarto de século (fig. 1.11 e 1.12). É neste momento que as sequências de sobrados começam a aparecer na paisagem laranjeirense.

O povoado crescia muito rapidamente e com o aumento da densidade populacional, crescia também a aspiração à outra categoria institucional, com a devida organização política e social. O reconhecimento da importância crescente é alcançado com a elevação à vila, no ano de 1832 (Azevedo, 1975, 22). Até então, o povoado pertencia à freguesia de Nossa Senhora do Socorro do Cotinguiba.

A explicação e justificativa para a elevação oficial do povoado para a condição de vila é explicada nos Registros de Correspondência do Governo com a Corte: "a povoação era considerada central, populosa e a mais rica da Província de Sergipe. (...) o seu local é de tal maneira freqüentado que se tem constituído uma praça de grosso comércio; assim dos gêneros de exportação, como de importação" (Azevedo, 1975).

Neste período, como manifestação do auge desenvolvimentista da então Vila das Laranjeiras, foram registradas sessenta unidades de engenhos de açúcar na região. O status de vila significava a autonomia municipal, o arraial passaria a ser sede de município, portanto, para alcançar essa nova categoria, o povoado teria que construir a Casa de Câmara e Cadeia que, segundo as exigências da Igreja, deveria situar-se próximo ao templo (M. Marx, 1991, 68).

Em ofício enviado pelo Governo de Sergipe ao Imperador Pedro II fica exposto "qual deve ser o terreno, que haja de formar o respectivo Termo, e quais os seus limites divisórios com os mais Termos circunferentes" (Azevedo, 1975,

28). Tanto o projeto como o orçamento para execução de uma sede para a Câmara e Cadeia da Vila de Laranjeiras foram aprovados no ano de 1836, porém a construção deste não foi realizada (Azevedo, 1975, 48). Somente em 1851 é que a sede da Câmara Municipal de Laranjeiras se define. Uma casa construída para servir como residência ao médico baiano Dr. Francisco Alberto de Bragança, que chegara à cidade em 1850, foi comprada para o devido fim. A casa, com frente para duas ruas, uma para o então Largo da Alfândega e a outra para a Rua do Roque, atual Rua Coração de Jesus, ainda hoje abriga a sede da Prefeitura Municipal de Laranjeiras.

Em 1836 foi criada em Laranjeiras a primeira Alfândega de Sergipe. Praticamente todos os produtos produzidos em Sergipe eram exportados por lá, maior centro do Estado. Mas Laranjeiras tinha na indústria açucareira a sua principal fonte de renda.

A marca da religião cristã continuou a ser impressa na futura cidade com a contínua construção de templos religiosos: *"No ano de 1843, conforme ofício do vigário José de Campos, dirigido ao Presidente da Província, havia além da Matriz, 'nesta Freguesia doze Capellas Filliais'..."* (Menezes, 1973, 60). As igrejas construídas após a Matriz, também mereciam destaque na paisagem urbana. A origem da situação privilegiada desses templos é explicada por M. Marx (1991):

> "A constituição 687 determina: 'Conforme direito Canônico, as Igrejas se devem fundar em lugares decentes, e acommodados, pelo que mandamos, que havendo-se de edificar de novo alguma Igreja parochial em nosso Arcebispado, se edifique em sitio alto, e lugar decente, livre de humidade, e desviado, quanto for possível, de lugares immundos, e sordidos'..."(Murillo Marx, 1991, 22).

Rodeada de colinas, Laranjeiras facilitou o cumprimento de tal exigência pela Igreja Oficial. A Igreja do Bonfim, cujo patrimônio foi definido em 1836, e mais tarde, a Capela de Bom Jesus dos Navegantes, de 1908, se sobressaíam como únicas construções visíveis no cume das colinas e, ao mesmo tempo em que se impunham na paisagem, ficavam livres das enchentes que no inverno assolavam parte da área povoada.

No período de 1845 a 1863, Laranjeiras registrava setenta e três engenhos de açúcar, fábricas de aguardente e de charutos, fato que confirmava o seu título de Império Industrial de Sergipe (Oliveira, 1981, 65). Em consequência disso, pedem-se novos equipamentos e serviços urbanos à província, que são conseguidos posteriormente, como estradas ligando a povoação a núcleos interioranos (1849) e a iluminação feita por lampiões a gás (1854) (Menezes, 1973, 42).

A riqueza da vila, que se tornou o maior império comercial de Sergipe e em 1836 abrigou a primeira Alfândega do Estado, proporcionou uma série de melhoramentos urbanos, culminando na sua elevação à Cidade em 1848. Em pouco tempo, foram construídos trapiches, igrejas, teatros, cadeia, mercados e outros edifícios para atender à cidade, que se expandia rapidamente (fig. 1.13). A população adquiriu hábitos de vida caracteristicamente urbanos, espelhando os padrões e valores da Corte. Surge uma elite intelectual formada por políticos, artistas e literatos, que se projetam nacionalmente como Felisbelo de Oliveira Freire, Horácio Hora e João Ribeiro. São fundados numerosos jornais e as idéias republicanas e abolicionistas têm em Laranjeiras um centro de irradiação (Azevedo, 1975).

Por volta da década de 70 do século XIX, consolida-se o apogeu econômico da cidade, confirmando-se como Império Comercial de Sergipe e "estando em contato com as praças de Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro e Europa..." (Oliveira, 1981, 97).

Devido à então considerável riqueza da cidade, o adiantamento social que o povo de Laranjeiras desfrutava causava admiração na Província. Em 1887, segundo dados oficiais locais, a cidade possuía 1255 casas (fig. 1.14). Estava, portanto, bem adiantado o processo de expansão urbana pelo qual passara Laranjeiras desde os seus tempos de povoado, cinquenta anos antes, quando suas edificações eram na grande maioria, térreas e frágeis.

> Laranjeiras era, então, centro cosmopolita de grandeza, cultura e poderio econômico, pólo estratégico de todo o complexo organizacional de liderança política e de grandeza social, esboço na luta pela supressão do preconceito social, tão arraigado naquela sociedade escravocrata. (Azevedo, 1975 64)

Os últimos anos do século XIX foram marcados pelas conseqüências da abolição da escravatura que, como em todo o Império, transformou a vida de Laranjeiras. A abolição criou uma série de embaraços à organização agrária: "Fazer funcionar o engenho de açúcar com o braço escravo era uma coisa, mas pagar a mão de obra para o fabrico do açúcar era muito diferente" (Azevedo, 1971). Em seguida a essa situação, surgiu o forte desânimo dos proprietários de terra, pois nem todos podiam pagar aos trabalhadores. Daí em diante muita terra ficou abandonada: "Muitos dos velhos canaviais se transformaram em pastagens para o gado bovino e os antigos engenhos, então de fogo morto, eram substituídos parcialmente pelas usinas" (Sergipe, 1972).

O desenvolvimento tecnológico foi o fator decisivo para a progressiva decadência da cidade. O aumento do porte das embarcações tornava Laranjeiras cada vez mais afastada do mar. A criação de um novo porto era essencial à sobrevivência da agro-indústria açucareira. Deste modo, Aracaju, único porto viável, arrebata de Laranjeiras a pretensão de ser capital da província.

O processo de decadência da cidade atinge seu clímax com a epidemia de bexiga, em 1911, e a de gripe espanhola, em 1918, que provocam a debandada das últimas famílias originárias da cidade: "Abismava-se a velha Laranjeiras na penúria social e econômica. Os belos sobrados, desocupados com a migração das famílias boas que restavam para Aracaju e para mais adiante, a preço baixo eram postos à venda" (Azevedo, 1971). Um panorama da cidade nos anos 20 do século XX descreve o estado físico de muitas casas e sobrados:

> Impensadamente, iam sendo concedidas as licenças para demolição das imponentes moradias. Ninguém duvidava da solidez das paredes de pedra e cal nem do bom estado do madeiramento. (...) Ruía assim, por terra, boa parte da sobradaria, abrindo desmarcados claros nas ruas (...). (Azevedo, 1971)

Apesar de consolidada a decadência social e econômica no início do século XX, a cidade conseguiu conservar a sua forma urbana e uma, atualmente

fig. 1.13: Laranjeiras em 1860

fig. 1.14: Laranjeiras em 1880

Legenda Igrejas

A: Comandaroba (1734)
B: Matriz (1791)
C: N. S. Conceição (1858)
D: Bonfim (1836)
E: São Benedito (~1850)
F: Bom Jesus (~1860)
G: Sant'Aninha (1875)

ainda reconhecível, unidade arquitetônica. Os mapas de 1606 a 1975 e imagens atuais da cidade, revelam a permanência da sua estrutura viária e implantação originais.

Do ponto de vista da emancipação política e administrativa, Laranjeiras demonstrou diferenças em relação à lógica de desenvolvimento dos povoados colocada por Murillo Marx (1991): de povoado à freguesia e desta à vila. Laranjeiras só se desmembra da Freguesia de Nossa Senhora do Socorro do Cotinguiba em 1835 com a elevação da capela do povoado ao status de matriz e a criação da Freguesia do Sagrado Coração de Jesus (Menezes, 1973, 41). Portanto, o percurso de Laranjeiras é de povoado à vila, em 1832 e, somente depois de elevada à vila que ganha a sua própria Paróquia, em 1835. Do status de vila até a categoria de cidade, a freguesia passou por inúmeros melhoramentos e a igreja matriz acompanhou esse desenvolvimento.

A análise dos mapas de 1606 a 1975 (fig. 1.4, 1.5 e 1.11 a 1.15), que mostram a trajetória da formação dos espaços de Laranjeiras - de povoado à vila, e de vila à cidade, revelam o estabelecimento dos principais eixos de crescimento da cidade, como ilustrado na figura 1.17.

- O eixo 1, paralelo ao Rio Cotinguiba, representava a zona das atividades portuárias e a feira – primeira zona de ocupação- atualmente definido pela sequência de logradouros públicos formada pela Avenida Municipal, Praça Samuel de Oliveira e Rua Pereira Lobo;

- O eixo 2, transversal ao eixo 1, é formado pela Rua Direita do Comércio, local onde se instalaram as casas comerciais mais importantes, as residências mais destacadas e, posteriormente, edifícios de diversas finalidades, como escola, farmácia, mini-mercados, etc. Trata-se de uma continuação do desenvolvimento do eixo anterior, com o prolongamento do comércio na zona da feira e do antigo porto;

- O eixo 3, paralelo ao eixo 2, é formado pela Rua do Sagrado Coração de Jesus, onde instalou-se a Prefeitura Municipal em meados do século XIX. Este eixo se desenvolveu a partir da criação da Capela

fig. 1.15: Laranjeiras em 1975

fig. 1.16: Laranjeiras nos primeiros anos do século XXI

Legenda Igrejas

A: Comandaroba (1734)
B: Matriz (1791)
C: N. S. Conceição (1858)
D: Bonfim (1836)
E: São Benedito (~1850)
F: Bom Jesus (~1860)
G: Sant'Aninha (1875)

do Sagrado Coração de Jesus, atual Igreja Matriz (Azevedo, 1975, 97).

Observa-se que esses três eixos iniciais do traçado urbano, como destacado por Azevedo (1975), constituem pontos iniciais para surgimento das vias e outros espaços livres formados posteriormente na medida em que seguiram os eixos paralelos ou normais em relação aos anteriores - ora seguindo o alinhamento do relevo, ora o rio, ora os eixos transversais a estes. Dessa forma, podemos considerar esses eixos iniciais como elementos fundamentais do núcleo urbano inicial, ponto de partida para a definição das ruas, becos, largos, praças e outros espaços livres em meio ao ambiente edificado de Laranjeiras que permanecem no traçado urbano até hoje (fig. 1.16).

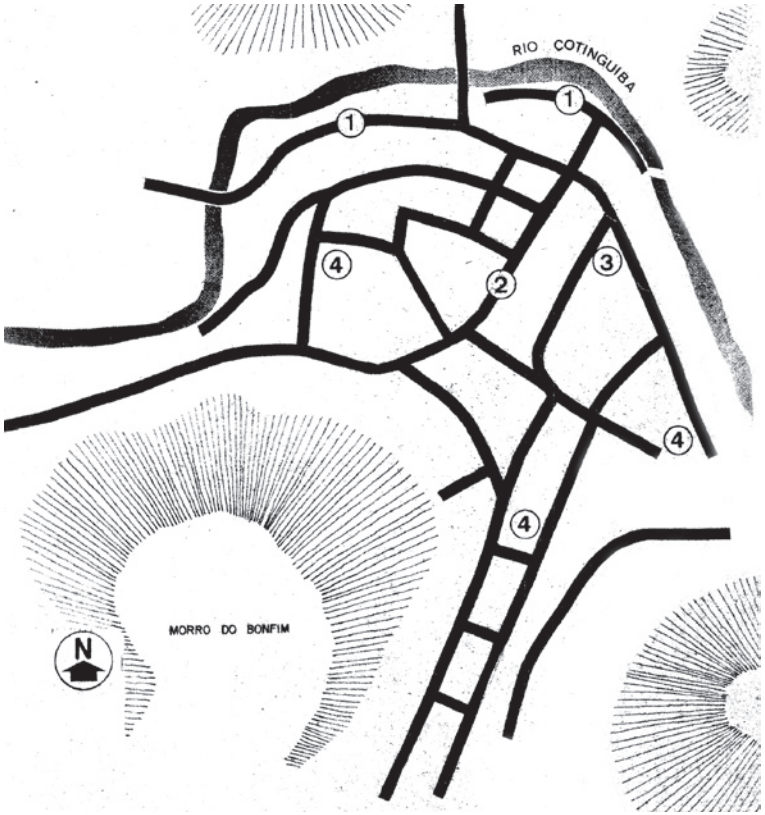


fig. 1.17: Eixos que deram origem à forma urbana. 1- Eixo paralelo ao rio: zona feira-porto; 2- Eixo transversal ao eixo anterior: zona comercial, residencial, etc; 3- Zona administrativa; 4- Áreas de expansão da trama urbana.

1.3. Atualização urbana

Localizada na região leste do Estado de Sergipe, Laranjeiras integra a região metropolitana de Aracaju, capital do Estado, cuja distância é de 20 quilômetros com acesso pela rodovia BR-101. O município de Laranjeiras possui área total de 162,538 km², dos quais 3,30 km² constituem a área urbana de acordo com o Plano Diretor da cidade de 2008; os 162,208 km² restantes são de uso rural, onde predomina a cultura da cana-de-açúcar. Além da sede, formada pelos bairros Centro, Quintalé, Comandaroba e Manoel do Prado Franco (img. 1.20), o município possui pequenos povoados espalhados por todo o seu território (Laranjeiras, 2008).

O sítio de Laranjeiras é parte do vale do Rio Cotinguiba. Como sintetizado em Azevedo (1975), a cidade foi construída em função do rio. Os mapas que ilustram o processo de formação urbana (fig. 1.4, 1.5 e 1.11 a 1.15) demonstram a forte relação entre o traçado urbano atual da cidade, o rio e as linhas do relevo, onde podemos observar as ruas e praças do centro histórico alinhadas com o traçado do vale fluvial. A sequência de espaços urbanos composta pela Avenida Municipal, Praça Samuel de Oliveira, Praça da República, Rua Pereira Lobo, Praça Josino Menezes e Praça da Conceição, elementos urbanos formadores do núcleo urbano inicial de Laranjeiras, como destacado no item anterior, situa-se no centro da cidade, instalado sobre um "terraço meandrado" do Rio Cotinguiba, que ocupa parcialmente o leito maior deste rio (fig. 1.21).

A região apresenta temperatura média anual de 25,2°C, com precipitação média no ano de 1.279,3mm tendo como período mais chuvoso o intervalo entre os meses de março e agosto. A situação urbana em parte do leito do Rio Cotinguiba fez a cidade nascer vítima de inundações periódicas do rio, fato que traz conseqüências negativas para a população local até os dias de hoje. Apesar da realização de obras de alargamento da calha do Rio Cotinguiba, ainda observa-se durante período chuvoso alguns dias de invasão das águas em áreas significativas do centro histórico da cidade.

fig. 1.18 - Localização na região Nordeste

fig. 1.19

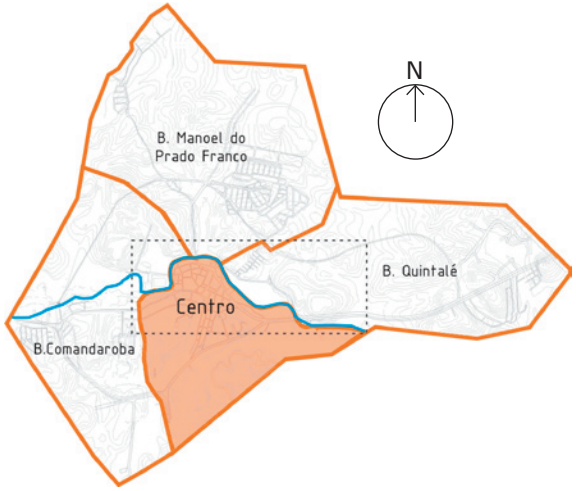


fig. 1.20 - Sede municipal

fig. 1.21 - O centro da cidade de Laranjeiras, instalado sobre um 'terraço meandrado' do Rio Cotinguiba.

1.3.1. Contexto Sócio-Econômico

De acordo com o censo 2010 do IBGE, a população total do município de Laranjeiras é de 26.903 pessoas, sendo que 21.258 moram na zona urbana, enquanto o restante – 5.645 habitantes - mora na zona rural, que abrange alguns povoados fora da sede municipal.

No que diz respeito à economia, Laranjeiras tradicionalmente teve como principal fonte de renda a indústria açucareira e o fabrico de álcool. Atualmente, a estrutura produtiva do setor primário ainda é liderada pela monocultura da cana-de-açúcar e pastagens. Em segundo plano, o cultivo de outros produtos da cultura agrícola e pecuária. A agricultura desenvolvida na maioria dos povoados é de subsistência e a monocultura da cana-de-açúcar, não atende a demanda de emprego.

Hoje, a principal fonte de renda do município atribui-se ao setor secundário que tem como principais atividades industriais desenvolvidas no município: uma usina de açúcar e álcool (Usina São José do Pinheiro), uma indústria de adubos químicos amônio e uréia ligada a PETROBRAS (Fertilizantes Nitrogenados do Nordeste - FAFEN), outra indústria química (Liquid Carbonic do Nordeste) e uma fábrica de cimento do grupo Votorantim (CIMESA). No entanto, por falta de mão de obra local qualificada, grande parte dos empregados dessas indústrias vem de fora do município, principalmente de Aracaju.

A principal atividade do setor terciário é o funcionalismo público ligado à administração pública municipal e estadual. A atividade econômica ligada ao comércio está concentrada praticamente na sede do município, no entanto, não se trata de um comércio diversificado dada a forte concorrência de capital do Estado, situada a 20 quilômetros de distância. Com isso a população se desloca para outras cidades, como Aracaju, para suprir as suas necessidades de consumo (Laranjeiras, 2008).

O Plano Urbanístico de Laranjeiras, elaborado em 1975, já apontava como principais problemas do município, o desemprego e a fragilidade das atividades comerciais e que a dinamização econômica do município não

poderia estar focada apenas no turismo (Laranjeiras, 1975). De acordo com o Plano Diretor de 2008, de lá para cá, a tendência foi de aumento do quadro de dependência de Laranjeiras, da produção e serviços de outros municípios. Segundo informações da comunidade, houve uma melhora das condições econômicas da população, decorrente dos programas de transferência de renda do Governo Federal (Laranjeiras, 2008).

1.3.2. Reconhecimento do Conjunto Arquitetônico e Paisagístico

O processo de deterioração do patrimônio arquitetônico de Laranjeiras iniciado a partir das primeiras décadas do século XX, como visto na história da cidade, e constatado pelo Plano Urbanístico de 1975, ao mencionar os elevados índices de arruinamento das edificações, teve seu momento de virada na década de 1940, quando o SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) tombou alguns monumentos isolados da cidade com o objetivo de contribuir para a preservação do acervo arquitetônico da cidade.

No entanto, foi na década de 70, que o Governo do Estado de Sergipe, deu início a uma série de ações a favor do patrimônio histórico de Laranjeiras, quando elevou a cidade à condição de Monumento Histórico do Estado pelo Decreto Governamental nº 2.048, de 12 de março de 1971 (Brasil, 2005). Em seguida, no ano de 1973, Laranjeiras foi incluída no Programa de Integração e Reconstrução das Cidades Históricas do Nordeste, cujo resultado foi a elaboração do Plano Urbanístico da cidade em 1975 desenvolvido por uma parceria entre técnicos da Universidade Federal da Bahia e o Governo de Sergipe. O plano contém um conjunto de parâmetros gerais voltados para a recuperação dos monumentos da cidade e traça uma política de preservação da arquitetura civil, visando a consolidação urbanística da cidade.

A partir da elaboração do Plano de 75, deu-se início a realização de uma série de restaurações de edifícios abandonados e em elevado grau de arruinamento, assim como a instalação nesses edifícios de significativos equipamentos culturais para a cidade como o Museu Afro-Brasileiro, de 1976, o Museu de Arte Sacra, de 1978, a Casa João Ribeiro, de 1973, e o Centro de Tradições

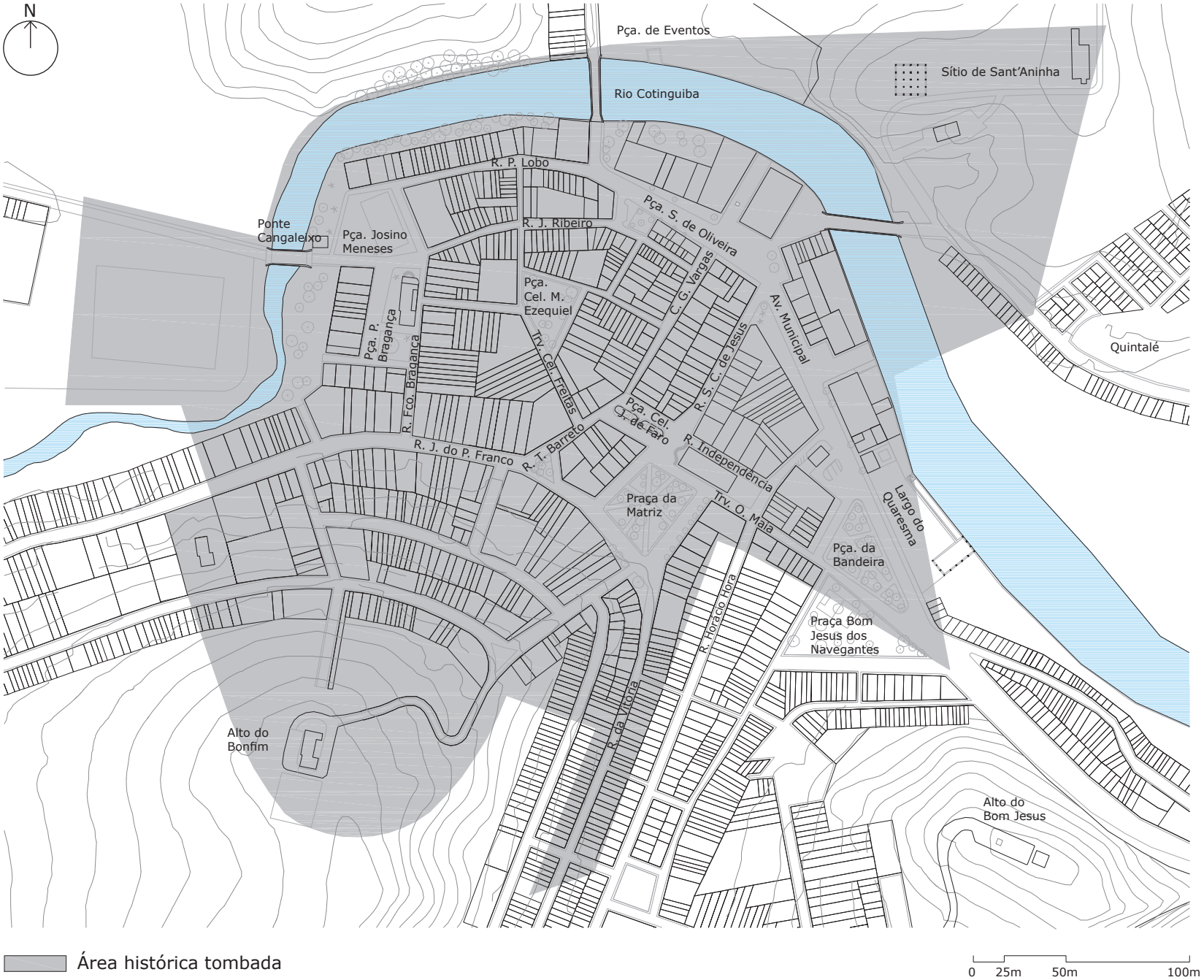


fig. 1.22 - Delimitação oficial do perímetro urbano tombado nos níveis municipal, estadual e federal

(Dantas, 2007). Depois disso, em 1990, a cidade foi contemplada com uma lei municipal de apoio à proteção ao seu conjunto histórico construído dentro da Lei Orgânica do Município (Brasil, 2005).

Em 1996, o conjunto arquitetônico e paisagístico é tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), tendo quatro igrejas reconhecidas como monumentos arquitetônicos isolados: a Casa e capela de Santo Antônio, a Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Comandaroba (img.1.7), a Capela do Engenho Jesus, Maria e José, e a Igreja Matriz do Sagrado Coração de Jesus (fig. 1.23), sendo esta última a única situada no perímetro do sítio histórico tombado definido pelo IPHAN que coincide com os limites do perímetro protegido nos níveis municipal e estadual (Brasil, 2005). O perímetro tombado tem todos os seus imóveis protegidos por legislação estadual e federal contra descaracterizações e compreende quase toda a área central da cidade, delimitada pelo Rio

fig. 1.23 - Igreja do Sagrado Coração de Jesus

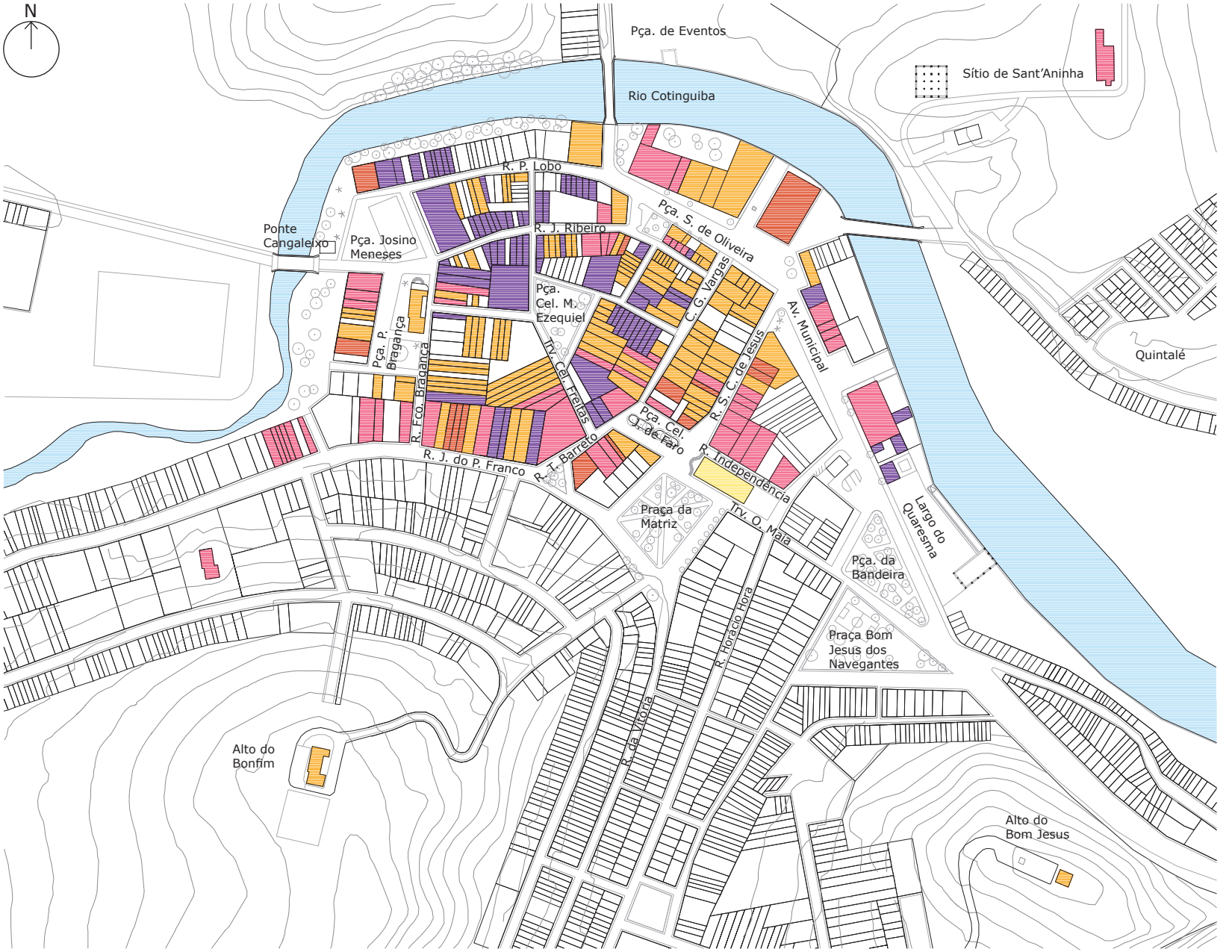


fig. 1.24 - Período das edificações no centro histórico.

Cotinguiba e morros do Bom Jesus e Bonfim (fig 1.22). A maior parte das edificações que fazem parte do conjunto tombado foi construída ao longo do século XIX, período de maior desenvolvimento da cidade, como ilustrado no mapa 1.24.

1.3.3. Uso e ocupação do solo

O centro histórico de Laranjeiras, de acordo com o Plano Urbanístico de 1975, era composto de 272 imóveis, apresentando uma das melhores condições de habitação do município nesta época; o uso era predominantemente residencial e concentrava a maior parte das atividades comerciais e de prestação de serviços da cidade. Atualmente, de acordo com o Plano Diretor de 2008, tanto o comércio como os serviços continuam concentrados na sede, mas não só no centro histórico; nos demais bairros da sede, o uso misto é predominante (fig. 1.24).

O Plano Urbanístico de 75 já constatava a deficiência de áreas de recreação e lazer tanto para a população local como de apoio ao turismo, e chamava atenção ao enquadramento paisagístico do centro histórico, propondo o tratamento das áreas públicas existentes, a criação de novas áreas de recreação, o reflorestamento dos altos do Bonfim e do Bom Jesus dos Navegantes, a criação dos parques de Sant´Aninha e Outeiro, além do saneamento e posterior tratamento paisagístico da várzea do Cotinguiba (Laranjeiras, 1975).

De acordo com levantamentos do Plano Diretor Municipal desenvolvido em 2008, até a formulação das novas leis definidas pelo plano, inexistia em Laranjeiras uma legislação específica de uso, ocupação e parcelamento do solo, sendo observados "apenas alguns poucos mecanismos de controle diluídos nos códigos de Obras e Posturas" (Laranjeiras, 2008).

Observando atualmente os limites da estrutura urbana consolidada no centro da cidade, é possível perceber de uma forma geral a informalidade na ocupação do solo municipal pela ocupação irregular da terra. O destaque é a ocupação de habitações precárias nas encostas dos morros do Bomfim e Bom Jesus,

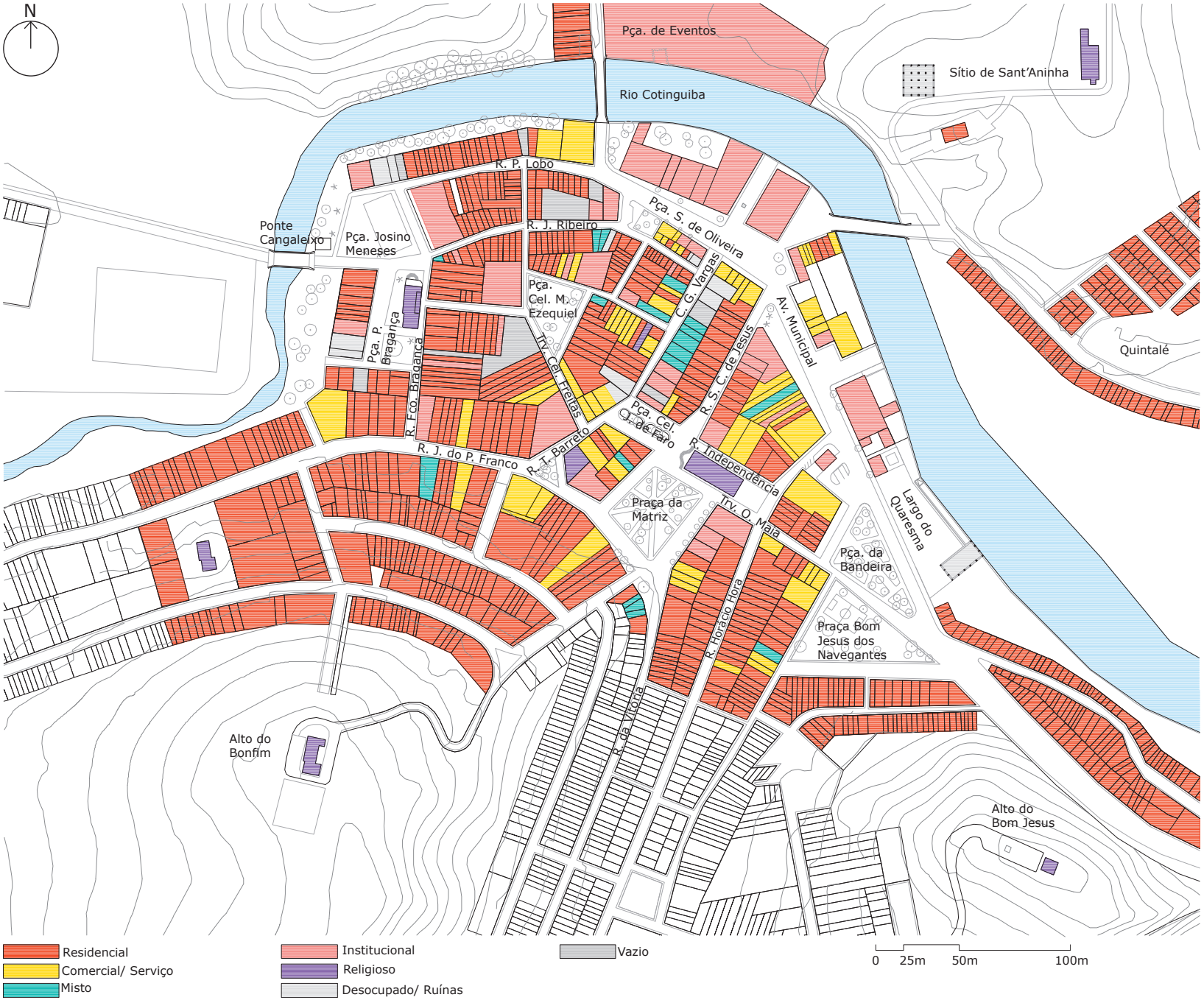


fig. 1.25 - Uso do solo no centro histórico de Laranjeiras

intervenções espontâneas de parte da população local que expressam uma irregularidade de uso do solo que afeta a qualidade paisagística da cidade.

O plano de 2008 menciona a implantação de mecanismos e instrumentos legais para regulamentação e controle dos usos e da ocupação do solo urbano, assim como a fiscalização da aplicação das normas urbanísticas e edilícias e a orientação para a construção e melhoria das edificações, no entanto, trata-se de uma legislação recente na história da cidade.

Entende-se que o fato da legislação local não apresentar restrições rigorosas de uso e ocupação relativas à declividade até o plano diretor de 2008, contribuiu para o longo período de ocupação nos principais morros que circundam a sede municipal que, além de constituírem áreas de risco, contribuem para danificar a idéia de conjunto urbano emoldurado por grande área de vegetação, aspecto de grande relevância para a manutenção da idéia de conjunto urbano de valor histórico e paisagístico da cidade.

1.3.4. Ações no Centro Histórico

Inserido no Plano de Ação Global do IPHAN, o Inventário Nacional de Bens Imóveis em Sítios Urbanos Tombados (INBI-SU) deu início aos estudos no sítio urbano de Laranjeiras a partir de 2005 através de levantamento do conjunto de informações que o caracterizam como bem cultural. O inventário visa constituir base para a realização dos trabalhos de planejamento e atualização de intervenção de modo a contribuir para o estabelecimento de critérios e parâmetros de preservação. O inventário do Sítio Urbano de Laranjeiras continua em andamento, sendo atualmente realizado em parceria com estudantes do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Sergipe, instalado no centro histórico da cidade.

De acordo com o Plano Diretor da cidade (Laranjeiras, 2008), o Programa Monumenta, executado pelo Ministério da Cultura, com recursos do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e apoiado pela Unesco, executou recentemente algumas obras significativas no conjunto urbano do centro histórico. Entre as obras planejadas, a Restauração do ‘Quarteirão dos

Trapiches' foi a de maior proporção por se tratar de um conjunto de edificações em quadra localizada numa das principais vias do centro histórico. As obras do quarteirão tiveram início em agosto de 2008, sendo finalizada e disponível para abrigar atividades do novo campus da Universidade Federal de Sergipe (UFS) em agosto de 2009.

Outra obra prevista, mas ainda não executada pelo Programa Monumenta é a reforma da antiga garagem municipal que deve abrigar um centro de comercialização. A reforma do casarão que pertencia à família Rollemberg e sobrado ao lado estão em andamento e deve abrigar o restaurante universitário do campus da UFS. Também foram anunciadas as 'restaurações' da pavimentação em pedra calcária da Praça Samuel de Oliveira (Praça do Mercado); restauração do calçamento da Rua Sagrado Coração de Jesus, do calçadão da Rua Getúlio Vargas, Avenida Municipal, Praça Coronel José de Faro, Praça da República. Dentre essas apenas o calçadão da Rua Getúlio Vargas teve suas obras finalizadas até janeiro de 2011.

Quanto às ações planejadas pela Prefeitura Municipal no perímetro do centro histórico, houve a recente implantação de Centro de Artesanato em área livre ao lado do Centro de Tradições. Há previsão de um 'Projeto de Urbanização da Orla do Quaresma', de acordo com o Plano Diretor de2008, no entanto não há informações na prefeitura sobre o início da elaboração de tal projeto. A outra obra situada em via principal do centro histórico é a reforma de um casarão em frente ao edifício da Prefeitura Municipal para abrigar um bureau de informações turísticas.

No que diz respeito ao conjunto paisagístico de Laranjeiras, a primeira ação de planejamento que se tem registro consiste na proposta do Plano Urbanístico de 1975 que divide a cidade em três setores: Setor Central (de preservação integral); Setor Intermediário (ou de preservação ambiental) e Setor Periférico. O Setor Central corresponde ao Centro Histórico, perímetro atualmente tombado pelo IPHAN, área de maior homogeneidade e densidade de monumentos. O setor intermediário corresponde às áreas de homogeneidade e densidade média de monumentos, mas que desempenham

importante papel de transição entre o Setor Central e as áreas periféricas. O Setor Periférico corresponde às áreas de pouca relevância em relação ao número de monumentos, mas de grande importância no emolduramento paisagístico do Centro Histórico.

O Plano Diretor da cidade (Laranjeiras, 2008) levantou algumas fragilidades no que se refere à interferências prejudiciais à idéia de conjunto urbano de Laranjeiras como: 1 - a necessidade de cuidados com o 'emolduramento paisagístico' do centro histórico, fazendo menção às elevações de perfil da cidade e a sua vegetação; 2- a existência de alguns exemplares de edificações que rompem com a homogeneidade do centro histórico; 3- o elevado grau de arruinamento de parte das edificações do conjunto urbano histórico.

O que se observa é que, apesar de reconhecido o valor de monumentos isolados, do centro histórico enquanto conjunto paisagístico, e do conjunto de ações de planejamento e execução voltadas à recuperação e preservação de importante acervo construído do centro histórico com a implantação de usos que contribuem para a dinamização da cidade, ainda é notável a carência de discussão e ações reais preocupadas com a preservação da noção de conjunto urbano e paisagístico do centro histórico. A carência dessas ações se expressa em novas intervenções que terminam por destruir aspectos e elementos da paisagem de grande valor e que conferem força de identidade e harmonia ao conjunto urbano construído.

Uma amostra de interferências na paisagem urbana que alteraram a idéia de conjunto urbano do centro histórico de Laranjeiras destruindo aspectos de grande valor da sua paisagem e que fazem parte da fisionomia atual da cidade pode ser resumida nas seguintes intervenções:

1- O corte realizado em parte da colina de Bom Jesus durante as obras de alargamento do Rio Cotinguiba no início dos anos 2000. As imagens 1.27 e 1.28 mostram a paisagem do centro histórico antes e depois da intervenção na colina do Bom Jesus, e a imagem 1.30 – A, o corte na

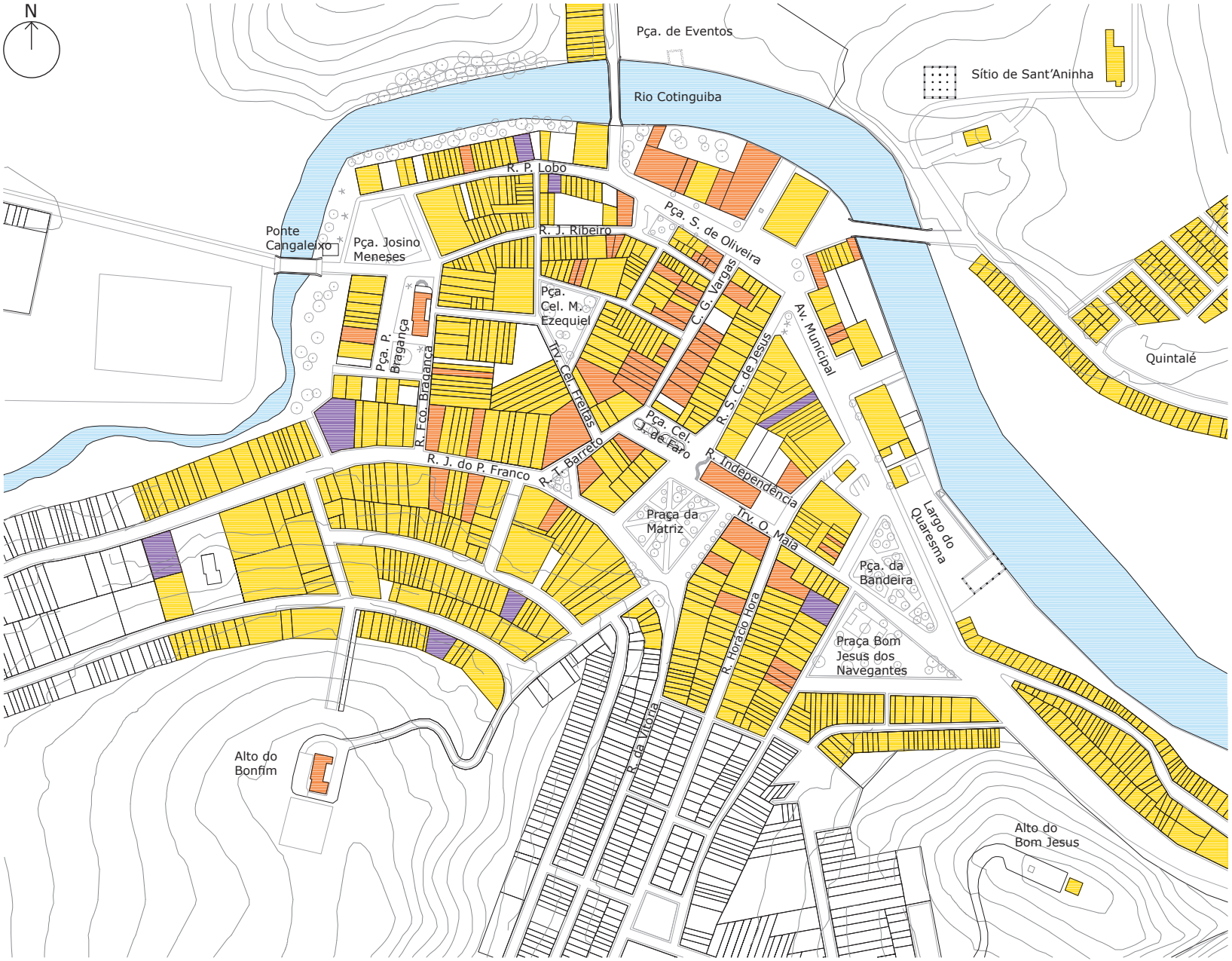


fig. 1.26 - Gabarito das edificações no centro histórico

1 pavimento
2 pavimento
3 pavimento

0 25m 50m 100m

fig. 1.27 - Colina do Bom Jesus atualmente.

fig. 1.28- Colina do Bom Jesus antes do corte.

fig. 1.29 - Edificações que rompem com a escala das casas e sobrados do centro histórico

colina na vista aérea da cidade;

2- A construção de edificações novas com mais de dois pavimentos dentro da área histórica tombada e no seu entorno imediato, rompendo a escala do conjunto histórico construído composto por casas térreas e sobrados (fig. 1.29);

3- A implantação da Praça de Eventos na margem esquerda do rio, no entrono do centro histórico implicando na destruição da vegetação remanescente de mata atlântica existente anteriormente e quebra do emolduramento verde em torno da cidade (fig. 1.30 - B);

4- A contínua ocupação nas encostas das colinas do Bom Jesus e Bonfim (fig. 1.30 - C);

Entende-se que, para que a paisagem urbana do centro histórico de Laranjeiras tenha os seus principais valores preservados e protegidos de intervenções como essas, é fundamental analisar quais são esses valores da paisagem da cidade, tanto do ponto de vista técnico, quanto da população local, pois como colocado por Ribeiro (2007), o processo de valorização da paisagem se inicia pela identificação do conjunto de elementos que justificam a atribuição de valor ao local, tanto do ponto de vista de uma leitura especialista quanto do cidadão comum, conteúdo desenvolvido nos capítulos seguintes.

fig. 1.30 - Vista aérea do centro histórico com destaque para o corte realizado na colina do Bom Jesus (A), a implantação da Praça de Eventos (B) e a ocupação irregular nas encostas da colinas do Bom Jesus e Bonfim (C).

CAPÍTULO 2
Espaços livres públicos

Os estudos da história e formação urbana de Laranjeiras abordados no capítulo anterior permitem identificar alguns espaços livres em meio ao ambiente edificado da cidade que, apesar das transformações físico-espaciais por que passaram ao longo do tempo, permaneceram na estrutura urbana atual. Trata-se de espaços que se revelaram como elementos estruturadores do núcleo de formação inicial da cidade e que, atualmente, parecem deter grande significação cultural e histórica local por diversos aspectos que os caracterizam e que conseguiram preservar até a atualidade.

Partindo disso, este capítulo estuda o papel desses espaços no conjunto urbano de Laranjeiras através da caracterização e análise dos seus principais aspectos de ordem locacional, morfológica e funcional com o objetivo de discutir o que os distinguem e de que forma isso se reflete na paisagem atual da cidade como fato arquitetônico, urbanístico e paisagístico.

Como colocado por Ashihara (1982), o espaço é basicamente formado pela relação entre um objeto e a pessoa que o percebe. Dessa forma, entende-se como essencial para o desenvolvimento de uma análise espacial mais rica a consideração das diferenças entre a leitura do espaço realizada pelo especialista (ou iniciado) e pelo usuário comum. Este capítulo, portanto, procura desenvolver uma leitura dos espaços de Laranjeiras apoiada na visão de autores que se dedicaram ao tema da percepção visual e análise espacial, enquanto o capítulo seguinte dará atenção à leitura do cidadão comum que vivencia os espaços da cidade no seu cotidiano.

Entende-se que considerar essas duas visões é uma forma de tirar proveito da existência de diferentes níveis de leitura dos espaços de modo a possibilitar a construção de um quadro mais consistente de elementos que conformam uma possível identidade paisagística da cidade.

Para tratar das especificidades dos espaços em destaque considera-se, em primeiro lugar, algumas definições relativas à idéia de espaço livre público– o que de fato determina e caracteriza este conceito e o diferencia da idéia de espaço edificado. Em seguida, parte-se para a caracterização e análise propriamente dita desses espaços tomando como base instrumentos teóricos de análise desenvolvidos por autores que se dedicaram ao tema da morfologia e da percepção espacial como Zucker (1959), Lynch (1997/1960), Cullen (1983) e Ashihara (1982).

2.1 Conceitos e propriedades do espaço livre público

Como colocado por Rossi, os espaços livres constituem "elementos primários" da vida urbana que atuam como núcleo de agregação de uma determinada área:

> (...) O conceito de área deve ser acompanhado de um conjunto de elementos determinados que tenham funcionado como núcleos de agregação. Estes elementos urbanos de natureza preeminente têm sido considerados como elementos primários enquanto participam da evolução da cidade no tempo de maneira permanente identificando-se frequentemente com os fatos que constituem a cidade. A união destes elementos (primários) nas áreas, em termos de localização e de construção, de permanências de plano e de permanência de edifícios, de fatos naturais ou de fatos construídos constitui um conjunto que é a estrutura física da cidade. (Rossi, 2001)

Atualmente, a designação 'praça' representa um dos termos mais utilizados relacionado à idéia de espaço livre público, embora nos primeiros séculos do período colonial brasileiro, além de praças, nomeavam-se diferentes espaços de outras formas como campos, rossios, terreiros, largos e adros, termos muito encontrados em cidades de colonização portuguesa (Vaz, 2001).

A idéia de espaço livre público na cidade tradicional brasileira está intimamente ligada ao fazer urbano do colonizador português enquanto principal agente

ordenador desses espaços. Teixeira (2001) explica que no início de muitos aglomerados urbanos de Portugal não existiam praças rigorosamente estruturadas. Os espaços que cumpriam as funções de praça – troca, comunicação e abastecimento - eram espaços marginais à estrutura urbana, localizados junto às portas ou adjacentes às muralhas. Somente no final do século XV e ao longo do século XVI é que espaços com características de praças urbanas começam a se formalizar nas cidades portuguesas. Princípios urbanísticos de regularidade e ordenamento começam a ser adotados na construção de novas expansões urbanas como nos casos do Bairro Alto, em Lisboa, e do Plano para a cidade de Angra, nos Açores. Em outros casos, as intervenções consistiam na estruturação de espaços livres associados à construção de novos edifícios institucionais como Casas de Câmara, Igrejas e Misericórdias.

Na Idade Média, a praça constituía o espaço representativo da centralidade das cidades, como colocado por Bartalini (1988): "A centralidade urbana medieval acolhe os produtos e as pessoas, reúne o religioso e o econômico num espaço que, de início, não estava submetido a uma organização morfológica pré-estabelecida, o que pode ser explicado pela própria concepção medieval de espaço". A concepção medieval tendia a identificar o espaço com o vazio que está entre as coisas – espaços intersticiais desprovidos de significado próprio, agregados às coisas que envolvem. "Mesmo assim nos largos, decorrência fortuita da disposição dos edifícios, realizavam-se as feiras, as festas, o contato social. Por isso o valor do uso nesses espaços é predominante" (Bartalini, 1988).

Expressando uma visão claramente distinta do período medieval, o renascimento europeu produz uma nova concepção de espaço ao transformá-lo em objeto de atenção especial nas cidades:

> O vazio que está entre as coisas passa a ser entendido como um continuum homogêneo, uma grandeza matemática passível de domínio e organização racional (...). A praça monumental, buscando o prazer visual e sinestésico na harmonia das formas geométricas, concretiza a nova concepção de espaço e se confirma como o centro urbano, a expressão do poder, o lugar do espetáculo. (Bartalini, 1988, 21)

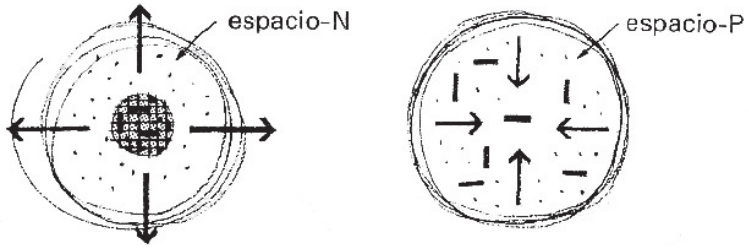
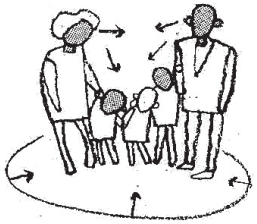
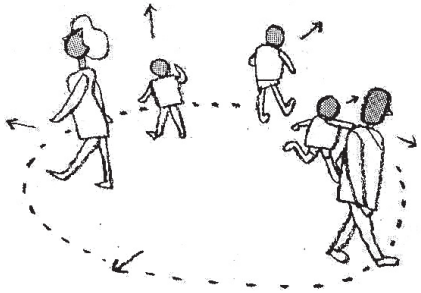


fig. 2.1 e 2.2 - Esquemas que ilustram os conceitos de Espaço Negativo (N) e Espaço Positivo (P), de Yoshinobu Ashihara (1982).





A idéia de "continuum passível de domínio e organização racional" eleva o espaço livre urbano a um patamar de maior importância no contexto urbano. Sua presença dentro da estrutura física da cidade torna-se agora relevante e passa a ser planejada e ganha tratamento especial, como os espaços interiores. Alguns autores que se dedicaram ao tema da definição, caracterização morfológica e modos de percepção desses espaços na vida urbana estabeleceram categorias que servem como importantes instrumentos de leitura e análise dos diversos elementos que compõem a paisagem urbana.

Yoshinobu Ashihara (1982) apresenta os conceitos de "espaço positivo" e "espaço negativo" relacionando as diversas possibilidades de integração da "arquitetura com teto" e a "arquitetura sem teto". A positividade de um espaço indica a existência de intenções humanas ou de planejamento no sentido em que primeiro se determinam os limites e depois se define a ordem interior, local onde o homem pode desempenhar seus objetivos e funções - caracterizado por uma ordem centrípeta. Do outro lado, a negatividade de um espaço implica numa certa falta de planejamento – um espaço espontâneo - que também pode ser constituído pela natureza em estado bruto, que "se prolonga até o infinito" e, por isso, é caracterizado por uma ordem centrífuga (fig. 2.1 e 2.2).

No livro "Town and Square" de 1959, Paul Zucker aprofunda o tema da morfologia dos espaços livres

urbanos sob o aspecto de uma totalidade tridimensional, demonstrando a idéia pelas três dimensões de uma praça: as estruturas construídas que a delimitam, a extensão do pavimento e a esfera imaginária do céu acima (Zucker, 1959). O estudo estabelece tipos de praças ao longo da história, defendendo a idéia de arquétipos tridimensionais de praças. São cinco os arquétipos considerados:

1- Praça fechada: é o espaço completamente cercado de edificações, apenas interrompido pelas ruas que lhe dão acesso. Neste tipo de praça os elementos básicos para percepção visual do espaço são: a forma da planta, a relação entre as dimensões horizontais da planta e verticais dos edifícios que a envolvem, a continuidade construtiva e uma relativa homogeneidade tipológica das construções, elementos que conferem a este arquétipo a qualidade de um espaço em equilíbrio estático.

2- Praça dominada: organizada em função de um elemento (ou grupo de elementos) que determina as principais relações espaciais. Este elemento dominante pode ser um edifício (igreja, teatro, estação), um objeto (uma fonte, um portal), um eixo (caso comum às praças associadas a pontes), ou mesmo um paisagem (praça com um dos lados abertos para o horizonte). Em qualquer caso, esse tipo de praça apresenta uma organização espacial dinâmica devida à atração exercida pelo elemento dominante sobre a percepção e o movimento do observador.

3- Praça nuclear: a sensação espacial de praça é obtida pela presença de um núcleo (monumento, obelisco, fonte) "suficientemente forte para carregar o espaço em torno com uma tensão que confere unidade ao conjunto". Mesmo que os edifícios adjacentes tenham formas, dimensões e implantações variadas, a unidade espacial é garantida pelo elemento nuclear. Naturalmente o efeito do núcleo é limitado, restrigindo-se a praças relativamente pequenas, ou pelo menos, proporcionais ao poder de atração do núcleo.

4- Praças agrupadas: trata-se de sequências de praças em que, mesmo cada uma tendo a sua própria individualidade, a noção de conjunto é garantida. Esta sequência é composta por praças de diferentes formas e escalas, que se associam ou por intermédio de um eixo comum, ou de eixos ortogonais, ou por gravitarem em torno de um edifício dominante. Neste arquétipo, as dimensões relativas de cada praça e o modo pelo qual se dá a conexão entre elas desempenham um papel importante na

percepção do conjunto.

5- Praças amorfas: apesar de serem consideradas praças para efeito de cadastramento de logradouros públicos, são destituídas das qualidades espaciais que caracterizam os tipos anteriormente mencionados. A praça amorfa tem em geral planta com forma indefinida, ausência de unidade e desproporções de escala. Pode ocorrer de a planta apresentar forma geométrica regular e mesmo assim resultar um espaço amorfo, pelo fato de as relações de proporção entre a praça e os edifícios circundantes serem inadequadas. Ainda pode acontecer o caso em que o possível efeito agregador de um elemento nuclear ser neutralizado pela excessiva disparidade entre os edifícios em torno da praça. (Zucker, 1959)

Pioneiro nos estudos que valoriza a experiência pessoal na percepção dos espaços urbanos, Kevin Lynch, em pesquisa publicada em 1960, parte da idéia de que cada cidadão estabelece vastas associações com alguma parte de sua cidade e a imagem formada por cada um está impregnada de lembranças e significados. Esta imagem constitui produto tanto da sensação imediata quanto da lembrança de experiências passadas.

> As imagens ambientais são o resultado de um processo bilateral entre o observador e seu ambiente. Este último sugere especificidades e relações, e o observador – com grande capacidade de adaptação e à luz de seus próprios objetivos – seleciona, organiza e confere significado àquilo que vê. A imagem assim desenvolvida limita e enfatiza o que é visto (...). Desse modo, a imagem de uma determinada realidade pode variar significativamente entre observadores diferentes. (Lynch, 1997/1960, 7)

A identificação deste modo de ver se limita aos efeitos dos objetos físicos perceptíveis pelo observador que se encontra mergulhado nos espaços da cidade. Esta idéia toma como base os tipos formais de elementos imagísticos de uma cidade, definidos pelo autor:

Vias: são canais de circulação ao longo dos quais o observador se locomove de modo habitual, ocasional ou potencial.

Limites: elementos lineares não usados ou entendidos como vias pelo observador. São as fronteiras entre duas fases, quebras de continuidade lineares: praias, margens de rios, lagos, etc., cortes de ferrovias, espaços em construção, muros e paredes.

Bairros: são as regiões médias ou grandes de uma cidade, concebidos

> como dotados de extensão bidimensional. O observador neles "penetra" mentalmente, e eles são reconhecíveis por possuírem características comuns que os identificam. Sempre identificáveis a partir do lado interno, são também usados para referência externa quando visíveis de fora.
>
> **Pontos nodais**: pontos ou lugares estratégicos de uma cidade através dos quais o observador pode entrar, são os focos intensivos para os quais ou a partir dos quais ele se locomove. Podem ser basicamente junções, locais de interrupção do transporte, um cruzamento ou uma convergência de vias, momentos de passagem de uma estrutura a outra. Ou podem ser meras concentrações que adquirem importância por serem a condensação de algum uso ou de alguma característica física, como um ponto de encontro numa esquina ou uma praça fechada.
>
> **Marcos**: constitui outro tipo de referência, mas, nesse caso, o observador não entra neles: são externos. Em geral, são um objeto físico definido de maneira muito simples: edifício, sinal, loja ou montanha. Seu uso implica a escolha de algum elemento a partir de um conjunto de possibilidades. (Lynch, 1997/1960, 52, 53)

A disposição desses elementos na paisagem urbana se dá em conjunto e não de forma isolada onde os bairros são estruturados com pontos nodais, definidos por limites, atravessados por vias e pontuados por marcos, sendo frequentemente visível a sobreposição e interpenetração desses elementos da cidade.

Cullen (1983), que também se interessa pelo impacto visual da cidade sobre os seus habitantes e visitantes, estuda a experiência estética do caminhar pela cidade buscando uma relação expressiva entre os diversos elementos da paisagem urbana. Como uma amostra da "arte do relacionamento" entre os vários elementos que compõem o cenário urbano, o autor defende que o poder de atração visual exercido por um conjunto de edifícios dificilmente será desempenhado por um edifício isolado. A partir disso, estabelece algumas expressões que ajudam a revelar propriedades dos espaços livres e modos de fruição despertados na sua relação com os vários componentes da paisagem urbana:

- Recintos e pracetas: são espaços urbanos que possuem a qualidade de escala humana e, em geral, passam o sentimento de sossego e tranquilidade em oposição ao ruído e ritmo mais acelerado que caracteriza o vai-vem das ruas. Um recinto contém um mundo

próprio, estático e auto-suficiente. Esses espaços se distinguem pela disposição de elementos como árvores, vegetação e bancos que favorecem o descanso e o contato humano.

- Ponto focal: é um símbolo de convergência que define uma situação urbana funcionando como uma espécie de âncora do espaço, um pretexto para reunir as pessoas, como o caso de uma árvore que providencia sombra e abrigo. Algumas cidades possuem a clareza de permitir a visualização de um ponto focal, onde se pode afirmar: "-É aqui", "-Pare". Trata-se de um elemento de força que se materializa de forma isolada e por vezes marcado pela verticalidade.

- Perspectiva grandiosa: é o descortinar imediato entre a posição 'aqui' e a posição 'além' no espaço urbano, que tem como exemplo a perspectiva visual dos eixos monumentais e grandes bulevares. Essa paisagem une o primeiro plano ao longínquo, levando a uma sensação de imensidão, grandiosidade e onipresença.

- Animismo: é uma configuração poética em que "isto é aquilo", ou seja, a sugestão de que a porta é um rosto, ou de que a fachada tem uma face na qual a porta é a boca, as janelas os olhos, etc. As manifestações de animismo transmitem sensação de estranheza e até irritação.

Os instrumentos teórico-conceituais relativos aos espaços livres públicos aqui citados constituem subsídio para uma caracterização mais acurada das especificidades de cada caso dentre os espaços livres urbanos a serem analisados no contexto do centro histórico de Laranjeiras. Além das propriedades espaciais levantadas, a análise a ser desenvolvida procura enfatizar outras dimensões que conferem significado a esses espaços enquanto expressão de uma identidade local que conforma a peculiaridade de uma dada paisagem urbana.

2.2. Espaços Livres Públicos no Centro Histórico de Laranjeiras: origem, inserção urbana, forma, uso, transformações e permanências

Com introduzido no início deste capítulo, o estudo da história e formação urbana de Laranjeiras levou à identificação de certos espaços livres de uso público em meio ao ambiente urbano edificado de grande potencial de representatividade histórica local pelas qualidades que possuem enquanto elementos estruturadores do núcleo de formação inicial da cidade.

A seleção dos espaços foi realizada utilizando como critérios a reunião de aspectos como: 1- as importantes funções que desempenharam e/ou ainda desempenham na cidade, como o Largo da Feira, localizado atualmente na Praça Samuel de Oliveira, e o Calçadão da Rua Getúlio Vargas, importante eixo comercial; 2- a imponência das edificações que os delimitam, como a

fig. 2.3 - Espaços livres públicos do centro histórico de Laranjeiras selecionados para análise.

Legenda
A: Largo do Quaresma
B: Praça Samuel de Oliveira
C: Calçadão Getúlio Vargas
D: Praça Josino Meneses
E: Praça Possidônia Bragança
F: Praça da Matriz
G: Alto do Bonfim
H: Alto do Bom Jesus

Igreja Matriz na Praça Heráclito Diniz e a Igreja da Conceição na Praça Josino Meneses; 3- as tradicionais festas populares que abrigam, o caso de várias ruas do centro histórico durante o Encontro Cultural com destaque para o Largo do Quaresma. Outros espaços como o Alto do Bom Jesus e o Alto do Bonfim se destacam pela oportunidade peculiar que oferecem para fruição visual do conjunto urbano e paisagístico do centro histórico de Laranjeiras.

Esses espaços foram selecionados para caracterização e análise considerando seus diversos aspectos de ordem locacional, morfológica e funcional com o objetivo de aprofundar o conhecimento das suas propriedades de modo a permitir a discussão das possibilidades que apresentam não apenas no perímetro ocupado do sítio urbano, mas no todo que conforma a paisagem de Laranjeiras.

fig. 2.4 - Largo do Quaresma nos primeiros anos do século XXI.

2.2.1. Largo do Quaresma

Os primeiros registros de ocupação do sítio que deu origem ao aglomerado urbano de Laranjeiras indicam que o surgimento de um pequeno porto fluvial por volta de 1606 constituiu marco inicial das primeiras construções no local. Na atual configuração dos espaços da cidade, a área que corresponde ao porto que deu origem à cidade equivale ao trecho localizado na margem direita do Rio Cotinguiba situado dentro dos limites do atual centro histórico no local onde hoje se situam construções como o Mercado Municipal, o Quarteirão dos Trapiches e o Centro de Tradições, e uma área livre de construções chamada habitualmente pelos moradores locais de "Largo ou Praça do Quaresma".

Acredita-se que o nome atribuído ao espaço tem relação com o chamado 'Cais do Quaresma', cuja construção foi registrada em 1901, como citado por Oliveira (2005, 185), e do 'trapiche Quaresma' em área onde funcionava

fig. 2.5 - Planta do Largo do Quaresma.

0 5m 15m 35m

fig. 2.6 - Paisagem do Largo do Quaresma e o Rio Cotinguiba na década de 70 do século XX.

fig. 2.7 - Antiga fábrica de tecidos, hoje em ruínas.

fig. 2.8 - Festa de Bom Jesus dos Navegantes no momento da embarcação.

o porto da cidade, como colocado por Lisboa[1] ao descrever a situação de Laranjeiras na última década do século XIX: *"O seu porto fica em frente ao trapiche Quaresma. (...). Quando a maré enche, cresce no porto o volume das águas; quando vaza, o leito fica quase seco, apresentando uma enormidade de mangues"* (Lisboa apud Azevedo, 1975, 70).

A conformação atual do espaço que corresponde ao Largo do Quaresma apresenta como limites físicos o rio; a Avenida Municipal, no trecho situado em frente à Praça da Bandeira próximo à entrada do centro histórico; as ruínas da antiga fábrica de tecidos (fig. 2.7 e 2.12); e um conjunto construído em dezembro de 2010, composto por uma edificação de pequeno porte com pequena área livre em anexo, situada ao lado do edifício que abriga o Centro de Tradições (fig. 2.4, 2.5 e 2.10).

Com superfície de aproximadamente três mil metros quadrados, constitui espaço detentor da maior área que permanece livre de construções, pavimentação ou tratamento paisagístico dentro dos limites do centro histórico de Laranjeiras até hoje, fato que revela o grande potencial para novas intervenções no local.

No que diz respeito ao uso, atualmente é possível observar frequentemente a utilização do espaço para a prática de futebol por jovens da população local e, eventualmente, para um esporte local denominado 'corrida de argola', onde os participantes, montados

[1] Lisboa, L. C. "Chorografia do Estado de Sergipe". Aracaju: Imprensa Oficial, 1897.

em cavalos e com uma lança na mão, tentam apanhar uma argola pendurada em mastro montado no centro do espaço. Apesar do assoreamento do Rio Cotinguiba, a borda d'água neste trecho ainda é utilizada eventualmente para entrada e saída de pequenas embarcações, algumas com fins de pescaria. Além desses usos cotidianos, dois eventos populares são realizados anualmente no local, ocasião em que o Largo do Quaresma revela a sua grande capacidade de conferir identidade ao conjunto de espaços livres do centro histórico da cidade.

O primeiro evento é uma festa itinerante e de caráter religioso de Bom Jesus dos Navegantes, realizada geralmente entre os meses de fevereiro e março, variando o dia conforme as condições do Rio Cotinguiba para o uso de embarcações. A procissão é realizada uma vez ao ano, quando os fiéis e curiosos percorrem o trajeto que parte do Alto do Bom Jesus, onde se localiza a Igreja de Bom Jesus dos Navegantes, desce a colina, passa por pelas ruas do centro histórico e vai parar na borda do rio, no atual Largo do Quaresma. Chegando à beira do rio, a procissão e parte dos seus seguidores entram em pequenas embarcações e seguem navegando pelo rio abaixo em direção ao Rio Sergipe, que deságua no Oceano Atlântico. A depender da maré, chegando a um ponto do Rio Sergipe, a procissão fluvial retorna em direção a Laranjeiras e aporta no Largo do Quaresma, concluindo a homenagem ao padroeiro da igreja (fig. 2.8).

O segundo evento realizado no Largo do Quaresma

img. 2.9 - Lambe-sujos durante realização do "combate" no Largo do Quaresma.

foto 2.10 - Largo do Quaresma com tendas temporárias instaladas durante evento do Encontro Cultural (jan 2011)

img. 2.11 - Casa do Artesanato

que o reconhece como espaço livre de grande significado para a cidade é a festa popular de cunho profano "Lambe-sujo x Caboclinho", dois grupos folclóricos unidos em um folguedo que se baseia no episódio histórico da destruição dos quilombos, bem sintetizado por Dantas (2006):

> O grupo dos lambe-sujos (que representam os negros) é constituído por um número variável de pessoas (às vezes, aproxima-se de uma centena) tem alguns personagens de destaque como feitor, pajuaba, vigia, príncipe, rei, mãe Suzana e suas filhas. Os caboclinhos (índios), quase todos crianças e em número bem mais reduzido que o dos negros, têm como personagem de maior destaque o rei, que, enfeitado de penas, porta uma espada do mesmo modo que os membros da realeza negra. No dia da festa, um domingo qualquer do mês de outubro, a cidade é acordada com uma barulhenta alvorada, a batucada, promovida pelos lambe-sujos. Mais tarde, devidamente caracterizados como negros e índios, os dois grupos circulam separadamente pela cidade cantando e dançando, evitando, contudo, encontrar-se, fingindo uma perseguição dos negros pelos índios. Assim transcorre a manhã, com investidas dos lambe-sujos que cercam as pessoas nas ruas para pedir dinheiro. Após o almoço coletivo (...) iniciam-se os preparativos do combate, a parte final e ponto alto da dramatização. Os lambe-sujos vão buscar o seu rei, e muita gente se desloca para as ruas para ver a luta que se desenrolará no território dos negros – local cercado de folhas – onde os lambe-sujos reunidos raptam filhos do chefe dos caboclinhos, enquanto cantam e dançam desafiadoramente. Depois de três embaixadas, em que os caboclos ameaçam deflagrar a guerra se os reféns não forem libertados, tem início a luta. Nesta o grande destaque é o duelo entre o rei negro e o rei dos caboclos, que terçam espadas enquanto os demais brincantes se engalfinham, dois a dois, numa luta corporal. A guerra, ou combate como dizem, se finda, invariavelmente, com a derrota dos negros. Estes são aprisionados e conduzidos pelos caboclos para pedir o resgate, e o fazem curvando-se ou ajoelhando-se diante de pessoas que assistem à dramatização, pedindo dinheiro para serem libertados. (Dantas, 2006)

O "local cercado de folhas", descrito por Dantas (2006), faz referência ao espaço livre da cidade correspondente ao Largo do Quaresma, onde tradicionalmente ocorre o combate, "a parte final e ponto alto da dramatização", entre lambe-sujos e caboclinhos. Hoje, a "Festa de Lambe-sujo", como é conhecida na cidade, tornou-se uma das mais importantes de Laranjeiras, que ocorre anualmente, tendo sido realizada, nos últimos anos, no segundo domingo de outubro (fig. 2.9).

No final de 2010 e início de 2011, uma construção dentro da área do Quaresma

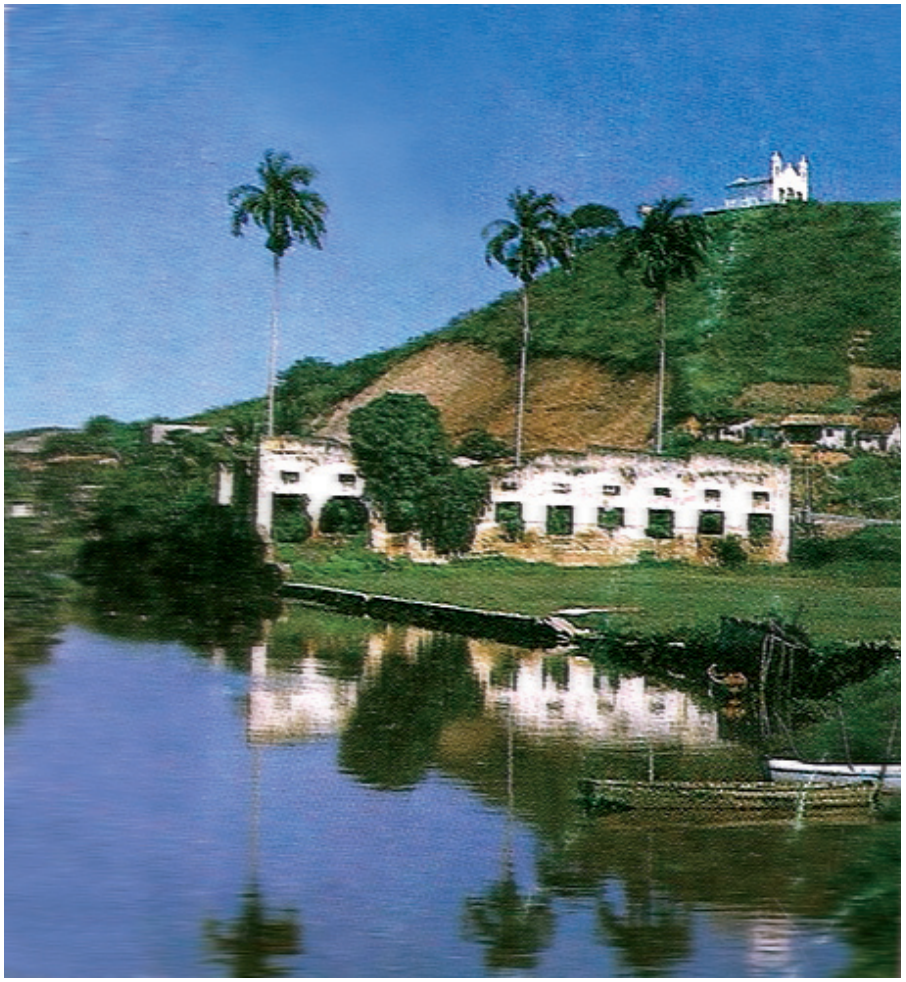


fig. 2.12 - Largo do Quaresma na década de 80 do século XX.

fig. 2.13 - Vista a partir de abertura na fachada do edifício do Centro de Tradições voltada para o Largo do Quaresma. O acesso e a visibilidade em direção ao largo é interrompido pelo muro existente que enfraquece a relação entre o edifício , o espaço e a paisagem urbana.

modificou a paisagem local. Foi erguida uma edificação vizinha ao Centro de Tradições, que delimita o espaço, para abrigar atividades de um centro de artesanato local, inaugurado no dia 6 de janeiro de 2011 como "Casa do Artesanato de Laranjeiras" (fig. 2.11).

Além da recente construção que abriga o centro de artesanato foi construído um pequeno espaço, entre a edificação e a borda do rio, para a implantação de um parque infantil e alguns canteiros de vegetação. Esta intervenção dificulta a possibilidade de abrir a fachada lateral do centro de tradições para o Largo do Quaresma, de fortalecer a relação entre o edifício e o espaço, e até mesmo uma possível relação entre o edifício do Centro de Tradições e a paisagem da cidade, através da abertura na fachada voltada para o Largo do Quaresma (fig. 2.13). É preocupante a possibilidade dessas novas construções constituírem empecilho para a realização das festas que tradicionalmente ocorrem no espaço como a dos "Lambe-sujos e Caboclinhos" e a de Bom Jesus dos Navegantes, na medida em que significa a perda de área livre onde essas manifestações podem se expressar.

Do ponto de vista da morfologia, pode-se afirmar que o espaço tende para uma ordem centrífuga – de acordo com expressão de Ashihara (1982) - considerando que o lado voltado para o rio possui ampla abertura visual que possibilita uma relação de dentro para fora do espaço (fig. 2.14). Os outros lados da praça/largo não têm a mesma força visual que o lado voltado para o rio, considerando que o lado delimitado pela via de acesso público tem vista para um espaço livre pavimentado, porém com predominância visual de árvores de médio porte (Praça da Bandeira), e nos outros dois limites, as ruínas de antiga fábrica de tecidos e uma construção térrea cujas aberturas se voltam para a via, sem relação significativa com o espaço (fig. 2.15).

Embora seja uma praça centrífuga, onde o olhar é guiado para fora devido à grande abertura visual existente, tendo o rio como elemento dominante pela forte presença na paisagem, o espaço pode ser encaixado na categoria de 'praça amorfa' (Zucker, 1959), no sentido em que não possui uma organização muito definida e há ausência de unidade visual entre os elementos que o delimitam.

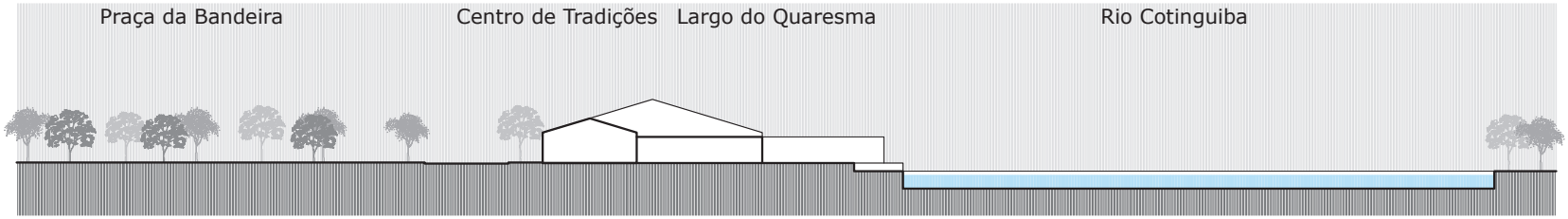


fig. 2.14 - Corte transversal esquemático do Largo do Quaresma e seus limites.

0 2,5m 7,5m 17,5m

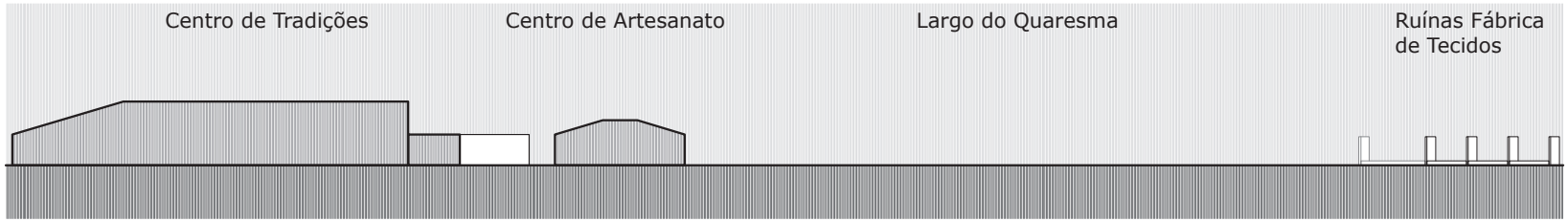


fig. 2.15 - Corte longitudinal esquemático do Largo do Quaresma e seus limites.

0 2,5m 7,5m 17,5m

fig. 2.16 - A tradicional feira na Praça Samuel de Oliveira em 1920

fig. 2.17 - Vista do Trapiche Santo Antônio (que faz parte do atual Quarteirão dos Trapiches) a partir da Praça da República em 1960.

fig. 2.18 - A feira e o Mercado Municipal.

2.2.2. Praça Samuel de Oliveira

Pouco antes do povoado Laranjeiras se tornar vila, um ofício[2] de 1824 registrava uma exigência dos seus habitantes que se declaravam "*prontos para erigirem a sua custa imediatamente que se lhes permita as decorações para uma bela praça, em cujo âmbito se fundem os edifícios públicos*". Neste mesmo documento se esclarece qual seria a localização da referida praça:

> A mesma planície já pertence a Nação por lhe ter doado por escritura pública (...) e é justamente onde concorrem aos sábados do ano, três, quatro e cinco mil pessoas a afeirarem suas mercadorias e rurais produções. (Azevedo, 1975, 28)

O local descrito corresponde à Praça do Mercado, localizada na atual Praça Samuel de Oliveira, onde se realizava a "grande feira regional" que, de acordo com Azevedo (1975), atraía uma população maior que a da própria povoação na ocasião. Nesta época, a praça chegava até a margem direita do rio, numa área que cresceu e se consolidou como espaço urbano central de Laranjeiras durante todo o século XIX. Era nesse local onde se situavam os primeiros trapiches[3] e armazéns que, no decorrer do século, se transformariam no "mais importante espaço e ambiente urbano da Cidade", principalmente após a construção dos grandes armazéns e do Mercado,

[2] Registro de Correspondência do Governo com a Corte (1824-1831), Arquivo Público de Sergipe, pag. 46-49 (*Officio do Governo de Sergipe para Sua Magestade o Imperador sobre a Creação das duas Povoações de Laranjeiras e N. S. do Rio Real para Villas por terem suficiência).*

[3] Construções que armazenavam o material produzido nos engenhos antes de embarcar no porto, assim como mercadorias recém desembarcadas para abastecimento da população local.

fig. 2.19 - Vista aérea da Praça Samuel de Oliveira.

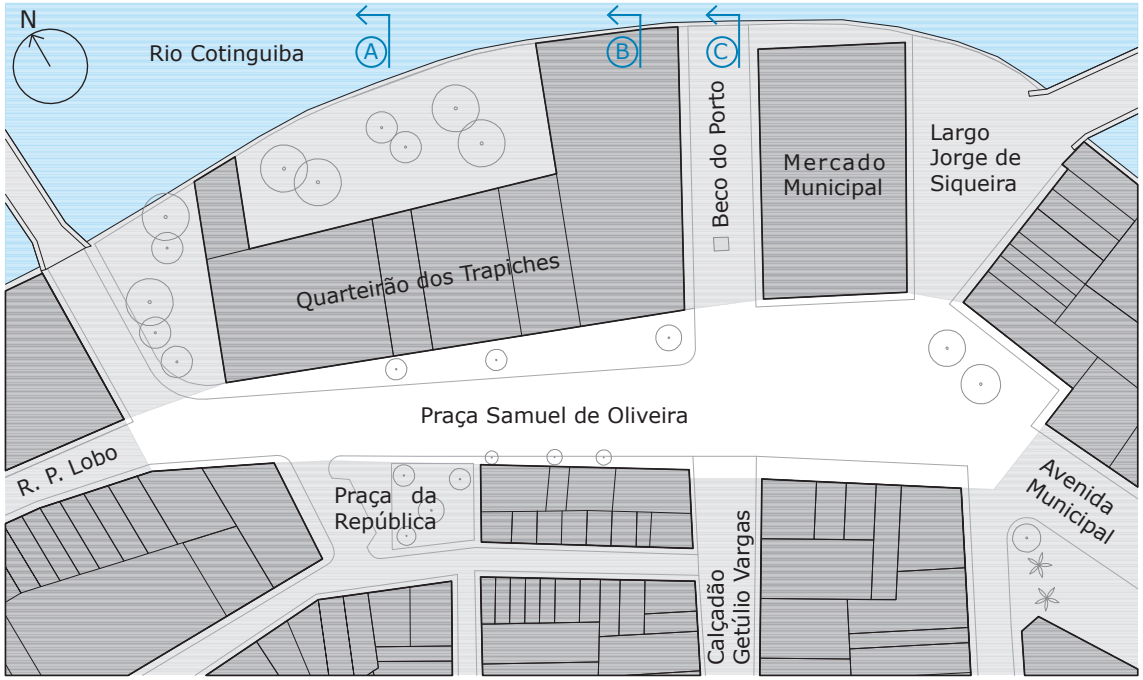


fig. 2.20 - Planta da Praça Samuel de Oliveira

0 5m 15m 35m

fig. 2.21 - Praça Samuel de Oliveira em 2005.

fig. 2.22 - Praça Samuel de Oliveira hoje.

este inaugurado em 1925 (Azevedo, 1975, 30).

O espaço urbano que hoje corresponde à Praça Samuel de Oliveira é delimitado em sua maior parte por edificações do século XIX, principalmente da segunda metade, quando Laranjeiras atingiu o período de maior desenvolvimento. Nos interstícios das edificações apresenta-se uma série de vias, becos e áreas livres que dão acesso ao espaço, como a Av. Municipal, o Largo Jorge de Siqueira, o Beco do Porto (fig. 2.30), a Rua Getúlio Vargas, a Praça da República e a Rua Pereira Lobo (ver mapa da fig. 2.20). Esse caráter de junção, cruzamento e convergência de vias permite identificar o espaço com o conceito de 'ponto nodal', colocado por Lynch (1997/1960), confirmando a importância do espaço enquanto parte do sistema viário local e ponto de atração na cidade.

O conjunto de espaços de diferentes formas e escalas associados à Praça Samuel de Oliveira permite identificá-la com o arquétipo de 'praça agrupada', como classificado por Zucker (1959), na medida em que se trata de uma sequência de vários espaços "auto-suficientes" e que fazem parte da mesma noção de conjunto.

O espaço central, que constitui o eixo comum aos outros espaços é composto por casas de gabarito térreo, sobrados e alguns edifícios institucionais de destaque na paisagem urbana de Laranjeiras como a Prefeitura, o Mercado Municipal e um conjunto de edifícios implantado numa quadra designado como 'Quarteirão dos Trapiches'. Originalmente, o quarteirão é composto por sete edificações, em uma delas funcionava o Trapiche Santo Antônio, antigo armazém da cidade (fig. 2.17). Hoje pode-se dizer que houve uma mudança radical quanto ao uso desse conjunto de edifícios.

O local, que tradicionalmente abrigava atividades comerciais e portuárias e que, no início do século XX, presenciou o processo de abandono e arruinamento de muitos dos seus edifícios, atualmente chama a atenção pela nova dinâmica gerada pela ocupação do 'Quarteirão dos Trapiches' para funcionamento do campus da Universidade Federal de Sergipe. Em 2008 iniciaram-se as obras de restauro dos edifícios do quarteirão e, em meados de 2009, os cursos

fig. 2.23 - Pça Samuel de Oliveira em dia de enchente em 1900.

fig. 2.24 - Rua em pedra calcária irregular em Goiás Velho - GO.

fig. 2.25 - Rua com capistrana central em Parati - RJ.

de Arqueologia, Arquitetura e Urbanismo, Dança, Museologia e Teatro deram início às aulas no local, provocando uma nova dinâmica no centro histórico de Laranjeiras, atraindo professores, alunos e funcionários da universidade, em sua maior parte vindos de fora da cidade.

Na paisagem atual da Praça Samuel de Oliveira é possível observar a existência de árvores distribuídas pontualmente (fig. 2.22), elementos de pouca presença diante do conjunto de edificações. Grande parte da área conserva a pavimentação primitiva de pedra calcária irregular (fig. 2.29), sendo que no trecho situado entre a Rua Getúlio Vargas e o início da Rua Pereira Lobo, a pavimentação original foi removida para dar lugar a uma via de paralelepípedos. Os lajões de pedra calcária primitiva foram mantidos apenas na calçada do Quarteirão dos Trapiches, onde se percebe certa inclinação do calçamento evidenciando que originalmente a via formava uma calha central, como em muitas cidades coloniais brasileiras, fato que possibilitava a circulação de pedestres em dias de enchente do Rio Cotinguiba (fig. 2.23 – 2.25).

Na experiência do caminhante que vem da Avenida Municipal, porta de entrada principal ao centro histórico da cidade, e segue em direção à Praça Samuel de Oliveira, é possível perceber a sequência visual formada pelo Mercado e o Quarteirão como 'ponto focal' do espaço, como descrito nas visões sucessivas de Cullen (1983). Ao se chegar diante de tal conjunto pode-se dizer: "-É aqui! Pare!". Essa

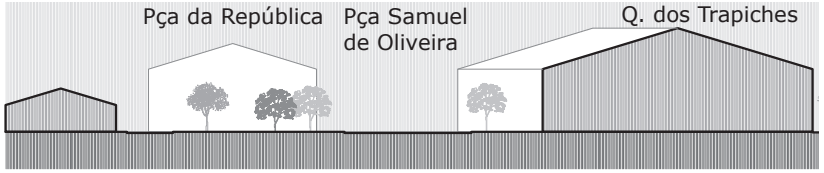


fig. 2.26 - Corte transversal esquemático A - Praça Samuel de Oliveira.

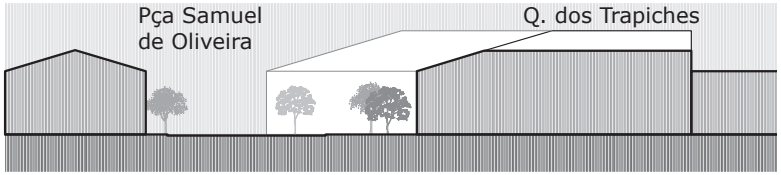


fig. 2.27 - Corte transversal esquemático B - Praça Samuel de Oliveira.

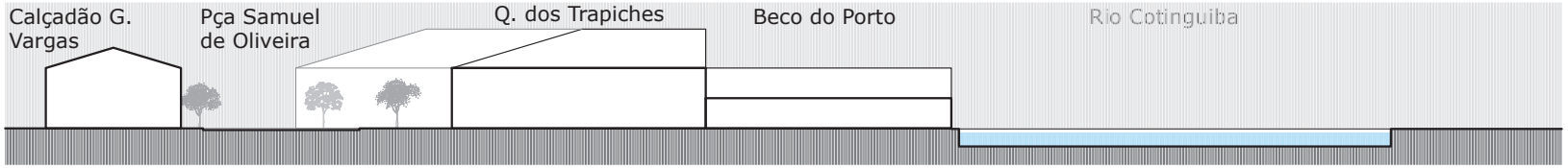


fig. 2.28 - Corte transversal esquemático C - Praça Samuel de Oliveira.

fig. 2.29 - Pavimento em pedra calcária irregular na Praça Samuel de Oliveira.

fig. 2.30 - Beco do Porto.

característica do espaço expressa a força que as construções e a dinâmica gerada pelo uso dado a elas exercem no contexto em que estão inseridas.

2.2.3. Calçadão Getúlio Vargas

O conjunto de construções que delimita atualmente o Calçadão da Rua Getúlio Vargas foi erguido em sua maior parte na primeira metade do século XIX. O conjunto construído segue o padrão de implantação dos típicos sobrados de cidades brasileiras de origem colonial:

> Os sobrados, edifícios tipicamente urbanos, com mais de um pavimento, com paredes comum com os vizinhos e sem afastamentos laterais, sempre construídos em lotes contíguos, renunciam à sua individualidade plástica para se integrar na composição da arquitetura da cidade. As superfícies contínuas, planas ou curvas, horizontais ou inclinadas, formadas pelas fachadas dos sobrados sempre conjugados, definem a arquitetura da cidade como fundo e o espaço urbano como figura. (Gomes, 2002)

Observando os mapas que ilustram a evolução do traçado urbano de Laranjeiras, o caminho que define a rua aparece em fins do século XVIII pontuada por algumas casas térreas (fig. 1.11). De acordo com Azevedo (1975), em torno de 1800, constituía a principal via do então povoado, pois representava importante ligação entre a antiga Praça da Feira (atual Praça Samuel de Oliveira), situada ao lado do porto fluvial, o largo da então Capela do Coração de Jesus, atual Igreja Matriz, e a região da Comandaroba (fig. 1.11). Ao longo do século XIX, enquanto as atividades comerciais se expandiam no povoado, a estrutura urbana acompanhava essas mudanças e a antiga Rua Direita do Comércio, atual Getúlio Vargas, expressava espacialmente essas transformações através da substituição das casas térreas ali existentes pelos sobrados que conformam o espaço atualmente:

> (...) o aspecto urbano de Laranjeiras foi se modificando, de sorte a se processar, na zona da Praça da Feira e ruas principais, sobretudo a Direita do Comércio, no seu trecho próximo à aludida praça, a substituição de estruturas anteriores pelos sobrados imponentes dos proprietários rurais que se foram transferindo para a cidade à medida que esta ia proporcionando melhores condições de vida dos pontos de vista cultural, social, econômico e comercial. (...) Os comerciantes fortes, por sua vez construíam os seus sobradões, em

fig. 2.31 - Vista aérea do Calçadão Getúlio Vargas nos primeiros anos do século XXI.

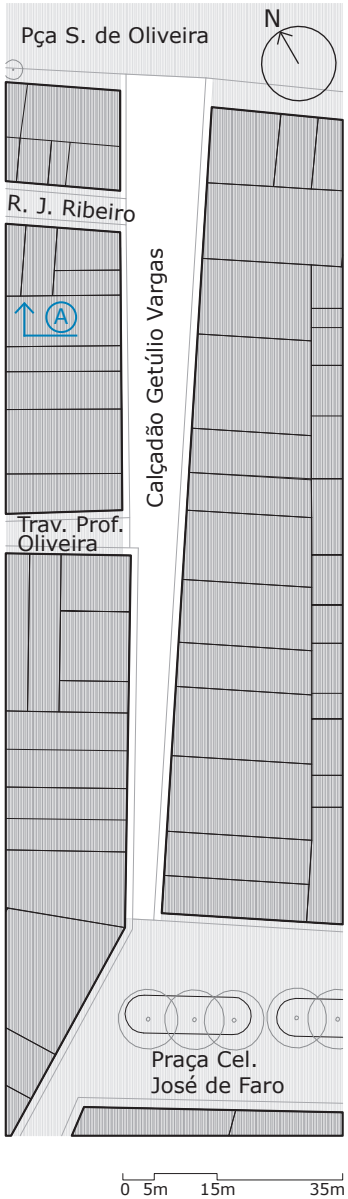


fig. 2.32 - Planta Calçadão Getúlio Vargas.

fig. 2.33 - Calçadão Getúlio Vargas em 1907 visto a partir da Praça Samuel de Oliveira.

fig. 2.34 - Calçadão Getúlio Vargas em 2000.

fig 2.35 - Calçadão Getúlio Vargas em janeiro de 2011, sem árvores, depois da reforma realizada em fins de 2010.

> que localizavam no mesmo ponto, residência e negócio, de modo que, o aspecto físico do centro comercial e político administrativo da cidade foi se alterando no decurso do século XIX (...). (Azevedo, 1975, 63)

Durante um período, principalmente em meados do século XX, parte dos sobrados da Rua Getúlio Vargas, que serviam ao mesmo tempo de residência e comércio, foram abandonados chegando a manifestar um processo de arruinamento das suas estruturas físicas. Hoje pode-se observar que muitos estão voltando a ser ocupados novamente, a exemplo do sobrado que atualmente abriga a sede da Oficina Escola de Laranjeiras, uma iniciativa do Projeto Monumenta do Governo Federal, onde jovens da população local têm aulas sobre técnicas de restauração de imóveis de valor histórico. O edifício se encontrava em processo de arruinamento até a realização de trabalhos de recuperação e restauro, concluído em 2008. Ainda é possível observar alguns sobrados desocupados e fisicamente deteriorados, mas constituem minoria (fig. 2.37).

Nos últimos anos, a reabertura do pavimento térreo de alguns sobrados para o uso comercial da antiga Rua Direita do Comércio tem aumentado a dinâmica do local no cotidiano da cidade, onde atualmente funcionam mini-mercados, ótica, farmácia, restaurante, casa de móveis, confecções. Com predomínio do uso misto - observando-se, em geral, comércio no pavimento térreo e residência no superior - o calçadão também abriga edifícios institucionais como a câmara municipal, um banco

e escola de restauração já mencionada.

Do ponto de vista da morfologia do espaço, o Calçadão Getúlio Vargas possui visivelmente um caráter linear. O conjunto de sobrados construídos com paredes comum com os vizinhos e em lotes contíguos em ambos os lados, expressando uma delimitação contínua do espaço, permitem encaixá-lo na categoria de espaço centrípeto (fig. 2.36), conforme definição de Ashihara (1983). Esse caráter de delimitação gera uma reação estática, típica de

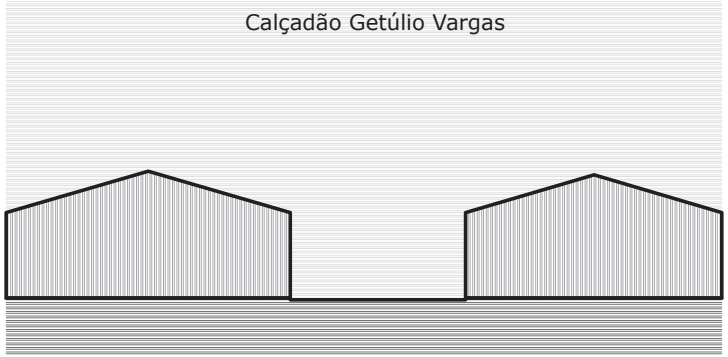


fig. 2.36 - Corte esquemático do Calçadão Getúlio Vargas

0 2,5m 7,5m 17,5m

fig. 2.37 - Casa e sobrado em estado precário de conservação no Calçadão Getúlio Vargas em outubro de 2010.

fig. 2.38 - Bancos e árvores no Calçadão Getúlio Vargas em 2008.

espaços 'recinto': *"a partir do momento que em que se entra para o recinto, e durante a sua travessia, o cenário se mantém e é apenas à saída que se depara, bruscamente, com novo cenário"* (Cullen, 1983, 49).

A variedade de usos - comercial, institucional, residencial e misto – concentrados em uma rua exclusiva para pedestres, mantém o fluxo constante de pessoas no cotidiano local, onde observa-se apropriações dinâmicas e estáticas do espaço, tanto pela circulação de pedestres como pela ocupação dos bancos dispostos em linha central ao longo de todo comprimento da rua.

Em meados de 2010, a realização de algumas intervenções físicas alteraram a paisagem do Calçadão. As árvores existentes no local, que pareciam estimular o uso estático do espaço pelas qualidades ambientais oferecidas pela sombra nas horas mais quentes do dia, foram eliminadas; os bancos de concreto foram substituídos por bancos de madeira; o pavimento ganhou grelhas e canaletas laterais em substituição à única central existente anteriormente; e o calçamento relativo aos caminhos laterais foram substituídos, enquanto o calçamento central (entre as canaletas) foi mantido (fig. 2.34, 2.35 e 2.38). Entre essas mudanças, a ação de retirada das árvores do espaço merece destaque especial.

Como colocado por Cullen (1983, 170), a arte de combinar edifício e árvore baseia-se numa relação em que a árvore cede sua riqueza ao edifício, e em que o edifício faz realçar as qualidades arquitetônicas da árvore de modo a constituírem um conjunto. No caso do Calçadão, embora reconhecidas as qualidades geradas pela sombra das árvores para os usuários do espaço, elas não contribuíam para a valorização dos edifícios. Percebe-se que a presença desses elementos bloqueava a percepção visual da sequência de sobrados e, dessa forma, desvalorizava a noção de conjunto - noção esta ainda perceptível na imagem 00, antes do plantio.

Quanto ao pavimento, observa-se que a solução utilizada no espaço até meados do século XX, como exposto na figura 2.33 – a rua de pavimento em pedra calcária irregular formada por dois planos inclinados servindo como

uma grande canaleta para águas pluviais dividida por uma capistrana central (adotada em muitas ruas públicas das cidades coloniais brasileiras) oferecia mais unidade ao conjunto do que o tipo de calçamento adotado atualmente – um desenho de pedras com cortes regulares intercaladas por faixas de pedras portuguesas.

Outro aspecto da paisagem atual do Calçadão que merece atenção é a solução adotada para iluminação pública, inadequada para o local tanto pela poluição visual causada pelo excesso de fiação elétrica como pela escala desproporcional ao espaço dos postes de energia. Uma solução habitualmente utilizada para

fig. 2.39 - Iluminação pública com luminárias de piso no Centro Histórico de São Luís- MA

fig. 2.40 - Iluminação pública com luminárias nas fachadas do Centro Histórico de São Luís - MA

valorizar conjuntos urbanos históricos é o embutimento da fiação elétrica aérea, assim como a utilização de luminárias adequadas à escala local e ao caráter de 'recinto urbano', como adotado no centro histórico de São Luís do Maranhão (fig. 2.39 e 2.40).

2.2.4. Praça Possidônia Bragança e Praça Josino Menezes

Na formação urbana de Laranjeiras, o local da cidade ocupado atualmente pela Praça Possidônia Bragança e Praça Josino Menezes só começou a ser ocupado a partir dos anos cinquenta do século XIX. A primeira edificação do local foi um sobrado construído para abrigar a residência do Dr. Francisco

fig. 2.41 - Vista aérea da Praça Josino Menezes e Praça Possidônia Bragança nos primeiros anos do século XXI.

Bragança cuja escolha do sítio, de acordo com Azevedo (1971), foi motivada pela possibilidade de avistar a Igreja do Rosário (fig. 2.41). Na mesma década, uma nova edificação foi erguida no local, desta vez térrea, ao lado da anterior pelo mesmo proprietário de modo a se tornar a sua nova residência, deixando a estrutura antiga para o funcionamento de um hospital. Atualmente, o edifício que abrigava o hospital constitui sede de uma instituição civil, enquanto que a residência se transformou em ruínas (fig. 2.43 e 2.48).

Identificada por Azevedo (1971, 83) como a primeira iniciativa de praça ajardinada que se tem em Laranjeiras, a construção da Praça Possidônia Bragança em 1913, partiu de uma solicitação de licença do Dr. Antônio Bragança

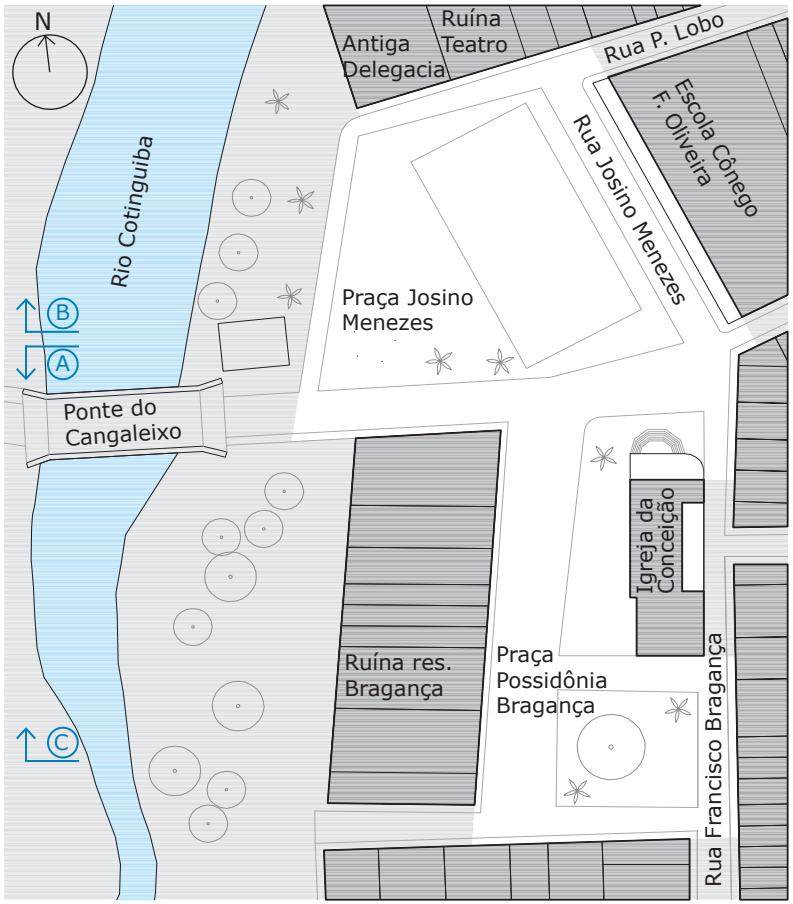


fig. 2.42 - Planta das Praças J. Menezes e Possidônia Bragança

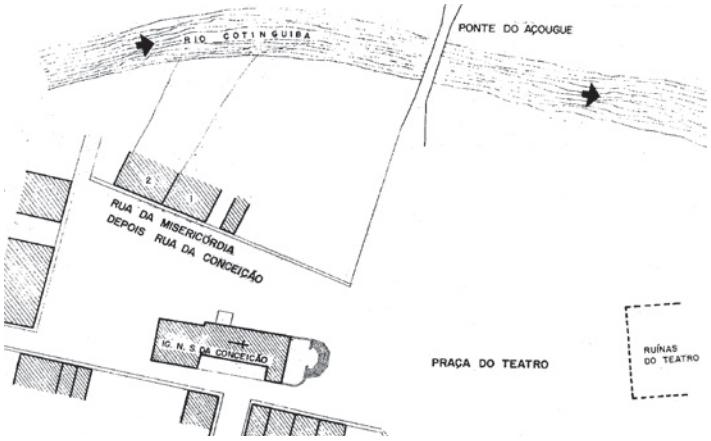


fig. 2.43 - Praças P. Bragança e J. Menezes em 1870.

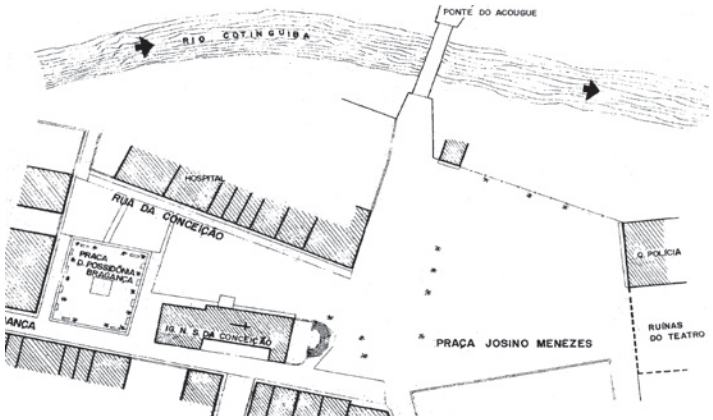


fig. 2.44 - Praças P. Bragança e J. Menezes em 1920.

fig. 2.45 - Praça Possidônia Bragança vista a partir da lateral direita da Igreja da Conceição.

fig. 2.46 - Árvore central ao espaço da Pça P. Bragança.

ao prefeito para a sua definição e execução, sendo implantados o calçamento e ajardinamento da área, bancos de pedra e o transplante para o local de árvores da espécie ficus e palmeiras imperiais (fig. 2.44). Desta intervenção inicial, observa-se atualmente a permanência de apenas duas palmeiras imperiais e uma das árvores inicialmente plantadas, sendo que esta única árvore está situada em posição central à praça (fig. 2.46).

A Praça Possidônia Bragança é cercada por vias de acesso local, onde observa-se pouca circulação de pessoas, sendo a Rua Francisco Bragança a única onde há circulação de carros, enquanto a Rua da Conceição é frequentemente utilizada como estacionamento por moradores locais. O espaço é delimitado em sua maior parte casario de gabarito térreo, cuja fachada de destaque é o conjunto formado pelo sobrado e as ruínas da residência da Família Bragança (fig. 2.47). Do ponto de vista morfológico, alguns fatores permitem relacionar o espaço com a categoria de 'praça fechada', de Zucker (1959): sua forma geométrica regular com limites bem definidos no nível do pavimento e das construções envoltórias, e as relações de proporção entre as dimensões da praça e a altura das construções que promovem a interface com espaço: um casario residencial térreo interrompido apenas pela fachada posterior da Igreja da Conceição. Apesar das proporções maiores que o padrão do casario em torno da praça, a igreja constitui elemento de pouca força visual no conjunto por se tratar de uma fachada cega, sem aberturas para o

espaço (fig. 2.48, 2.49 e 2.53).

Um elemento central de forte presença no espaço se destaca por contribuir para a criação da atmosfera de 'recinto' da Praça Possidônia Bragança: uma árvore cuja copa de grandes dimensões providencia uma significativa área de sombra e abrigo para as horas mais quentes do dia (fig. 2.49). Considerando todos os elementos, a árvore detém o papel de 'ponto focal' da praça por funcionar como uma espécie de âncora do espaço, como observado na imagem 00, "um pretexto para reunir as pessoas" (Cullen, 1983).

As praças Possidônia Bragança e Josino Menezes têm os seus principais elementos conformadores erguidos no mesmo período, em meados do século XIX, como exposto nos mapas 00 e 00. No entanto, apesar da ligação direta entre as duas praças através da Rua da Conceição, lateral à Igreja da Conceição, detém características espaciais e morfológicas bastante diferenciadas constituindo unidades espaciais auto-suficientes na paisagem urbana e que merecem análise individualizada.

Até a última década do século XIX, o espaço em frente à Igreja da Conceição era chamado 'Praça do Teatro' devido à intenção de edificar no local uma casa de espetáculos, cuja construção, iniciada em torno de 1860, não foi concluída, restando apenas a parede frontal da fachada que permanece até hoje (fig. 2.56).

A antiga Praça do Teatro, atual Josino Menezes, é

fig. 2.47 - Ruína da antiga residência da Família Bragança.

fig. 2.48 - Vista da ruína e sobrado ao lado, onde funcionava um hospital no século XIX, atualmente sede de uma instituição local.

fig. 2.49 - Espaço 'recinto' gerado à sombra da árvore central à Pça P. Bragança.

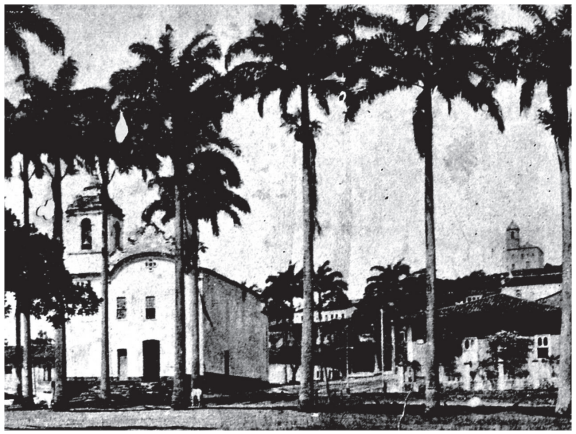


fig. 2.50 - Praça Josino Menezes em 1860, na época chamada de Praça do Teatro.

fig. 2.51 - Praça Josino Menezes hoje com vista para a Igreja da Conceição.

fig. 2.52 - Pátio de São Pedro em Recife-PE, exemplo de 'praça dominada'.

um espaço livre cercado por vias de acesso local cujo entorno urbano tem a predominância de casario residencial de gabarito térreo. O espaço da praça propriamente dito não possui equipamentos que criam a atmosfera de 'recinto', a exemplo de bancos ou árvores, como ocorre na Praça Possidônia Bragança; possui apenas uma quadra de esportes com piso em concreto, com pequena arquibancada, equipamento frequentemente utilizado para jogos de futebol pela população local; a superfície restante do espaço é forrada por gramíneas e pontuado por duas palmeiras imperiais de grande porte (fig. 2.41 e 2.51).

Uma das fachadas voltadas para o espaço é formada pelas ruínas do Teatro São Pedro e edifício térreo que abrigava a Delegacia Municipal, atualmente sem uso (fig. 2.56); no lado oposto, a fachada frontal da Igreja da Conceição - uma edificação isolada que exerce grande domínio visual sobre os outros elementos que compõem a praça, fato que pode ser verificado inclusive pelo nome dado ao lugar de "Praça do Galo", como chamada pela população local devido à figura do animal no cata-vento em ferro que arremata o coruchéu da torre sineira da igreja.

As outras faces da praça são formadas por uma área livre de propriedade privada que tem como limite posterior o rio, com presença de vegetação que dificulta a visualização e acesso ao rio e, no lado oposto ao terreno, o muro cego de uma escola de ensino fundamental delimitando todo o lado voltado

para a praça (fig. 2.54 e 2.55).

Construída no início da segunda metade do século XIX, contemporânea à igreja e primeiras edificações da Praça Possidônia Bragança, a Ponte do Açougue, atual Ponte Nova ou do Cangaleixo - que liga a via que delimita a Praça Josino Menezes à margem oposta do Rio Cotinguiba - constitui elemento de papel fundamental na história de formação da cidade, pois desempenhou grande importância para o escoamento do açúcar produzido na região (fig. 2.57). Sua construção facilitou a circulação de veículos pelas ruas da cidade, principalmente por se tratar do percurso por onde passava "a maior parte dos açúcares" produzidos nos engenhos em direção aos trapiches na beira do rio e posterior embarque para o destino final (Azevedo, 1975, 56).

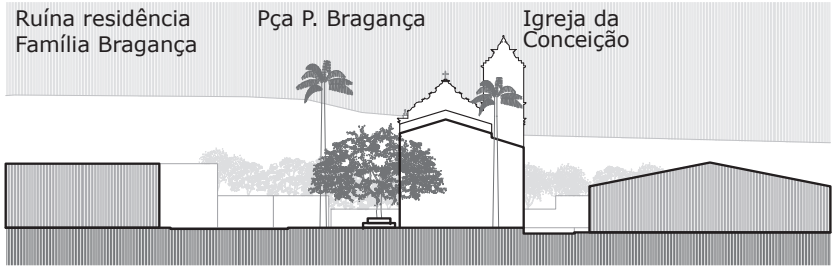


fig. 2.53 - Corte C - Pça Possidônia Bragança

0 2,5m 7,5m 17,5m

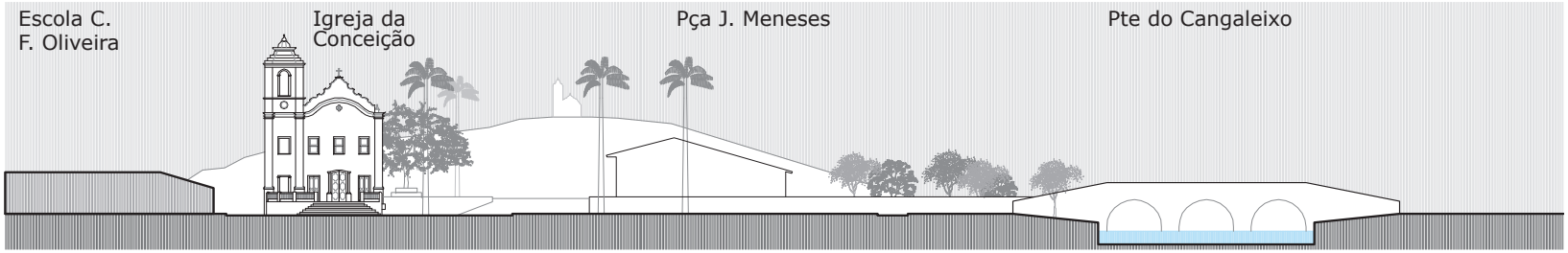


fig. 2.54 - Corte A - Praça Josino Menezes, mostrando a Igreja da Conceição como elemento dominante do espaço.

0 2,5m 7,5m 17,5m

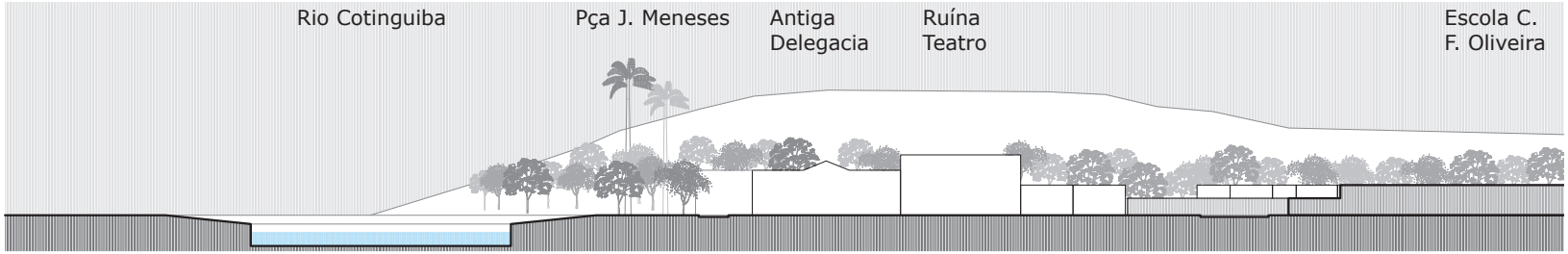


fig. 2.55 - Corte B - Praça Josino Menezes

0 2,5m 7,5m 17,5m

O ponto de vista exibido na imagem 00 revela a Igreja de Nossa Senhora da Conceição dos Pardos, construída em meados do século XIX (1858-1866), como 'ponto focal' da praça no sentido em que funciona como 'símbolo de convergência' do espaço, tratando-se de um elemento isolado de força no conjunto urbano em que está inserido e visivelmente marcado pela verticalidade. A inserção da igreja na praça permite identificar o espaço com o arquétipo de 'praça dominada', de acordo com definição de Zucker (1959), onde se observa a organização espacial em função da igreja enquanto elemento dominante do espaço, como no caso da igreja no pátio de São Pedro em Recife (fig. 2.52).

A imagem da figura 2.50, do ano de 1860, permite observar um conjunto de palmeiras imperiais localizadas em frente à Igreja da Conceição constituindo uma imagem urbana bastante expressiva representativa do auge de desenvolvimento que a cidade atingiu no período, em contraste com a visão das poucas palmeiras remanescentes atuais, que revelam a falta de atenção com o planejamento paisagístico de uma área tão nobre e representativa da história e formação da cidade (fig. 2.41 e 2.51).

fig. 2.56 - Ruína do Teatro São Pedro e edifício onde funcionava a delegacia da cidade em 2005.

fig. 2.57 - Ponte do Cangaleixo vista a partir da margem direita do Rio Cotinguiba

2.2.5. Praça Heráclito Diniz Gonçalves (Praça da Matriz)

Situada ao lado direito da fachada principal da Igreja Sagrado Coração de Jesus, a matriz da cidade, a Praça da Matriz é um espaço cercado por vias de acesso local, sendo estas delimitadas por construções em todo o seu perímetro, compostas de casas térreas e algumas de dois pavimentos. Entre os edifícios que envolvem o espaço, há duas exceções que se destacam pelo aspecto monumental, o primeiro e de mais forte presença é a igreja que dá nome à praça, importante marco espacial que, pelas suas proporções, valor histórico e arquitetônico, domina não apenas o entorno imediato da praça mas constitui elemento de grande força na fisionomia do conjunto urbano.

De acordo com o mapa elaborado pelo Plano Urbanístico de 1975, correspondente à configuração dos espaços da cidade, o espaço livre atualmente ocupado pela Praça da Matriz começou a tomar forma a partir da construção das primeiras edificações no seu entorno no início do século XIX (fig. 1.11).

A imagem da figura 2.60 que ilustra o aspecto da praça em 1975 permite

fig. 2.58 - Vista aérea da Praça da Matriz nos primeiros anos do século XXI.

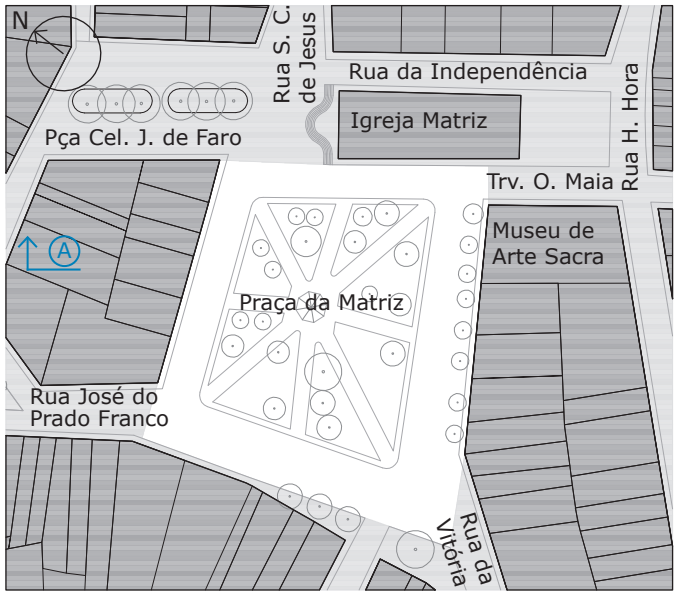


fig. 2.59 - Planta da Praça da Matriz.

0 5m 15m 35m

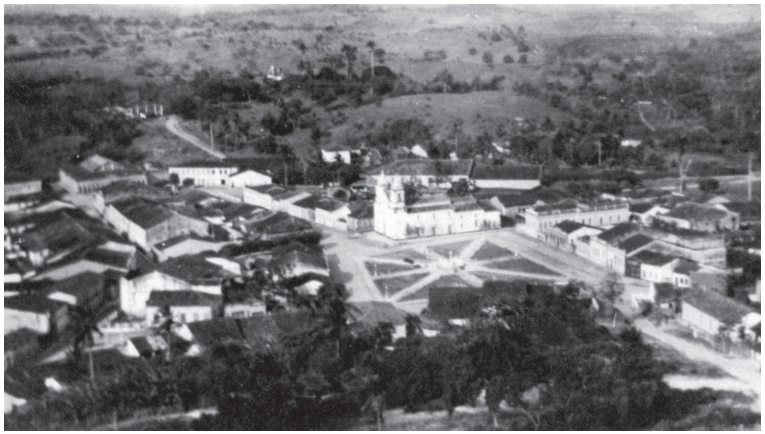


fig. 2.60 - Vista superior da Praça da Matriz em 1975.

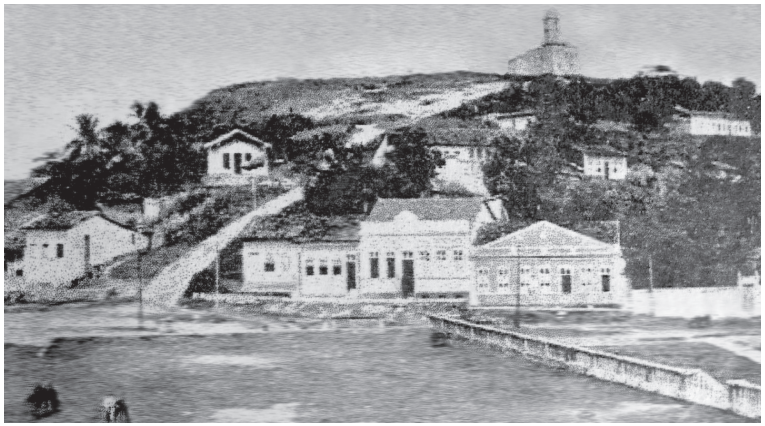


fig. 2.61 - Foto da Praça da Matriz em meados do século XX.

fig. 2.62 - Praça da Matriz em 2007.

observar que, a partir desse período até hoje, o desenho em planta se manteve (fig. 2.58). Também é visível o maior adensamento da vegetação até a década de 80 e 90 do século XX, como observado na imagem 2.65. Hoje, boa parte do jardim existente até a década de 90 sofreu substituição por nova vegetação (fig. 2.62 e 2.63).

O desenho atual da praça, existente desde o início do século XXI, é formado por caminhos para pedestres que se direcionam em linhas radiais que conduzem ao centro do espaço, que tem como elemento central um pequeno coreto. O espaço é equipado com algumas dezenas de bancos distribuídos por toda a sua área, muitos situados à sombra das árvores do espaço distribuídas pelos canteiros forrados por

fig. 2.63 - Igreja da Matriz vista a partir da praça em 2001.

gramíneas. A iluminação da praça é realizada por luminárias que respeitam suas proporções (fig. 2.63).

Os aspectos descritos apresentam a Praça da Matriz com vários atributos de espaço 'recinto', como definido por Cullen (1983), onde a qualidade da escala humana é respeitada, expressa em fatores como: a presença de vegetação que gera sombra ao usuário da praça, fato importante considerando a grande insolação local em alguns períodos do dia ao longo de todo o ano; a grande quantidade de bancos bem distribuídos; a localização privilegiada ao lado de grande marco visual e principal templo religioso da cidade; o predomínio do uso residencial no seu entorno (fig. 2.64).

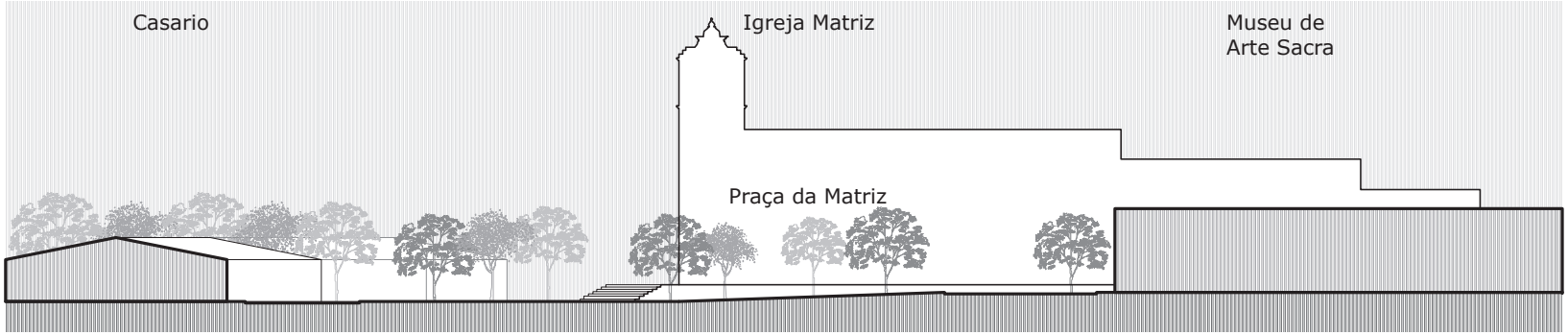


fig. 2.64 - Corte da situação atual da Praça da Matriz.

0 2,5m 7,5m 17,5m

fig. 2.65 - Praça da Matriz na década de 1980, com destaque para o jardim da praça, alterado nos anos seguintes.

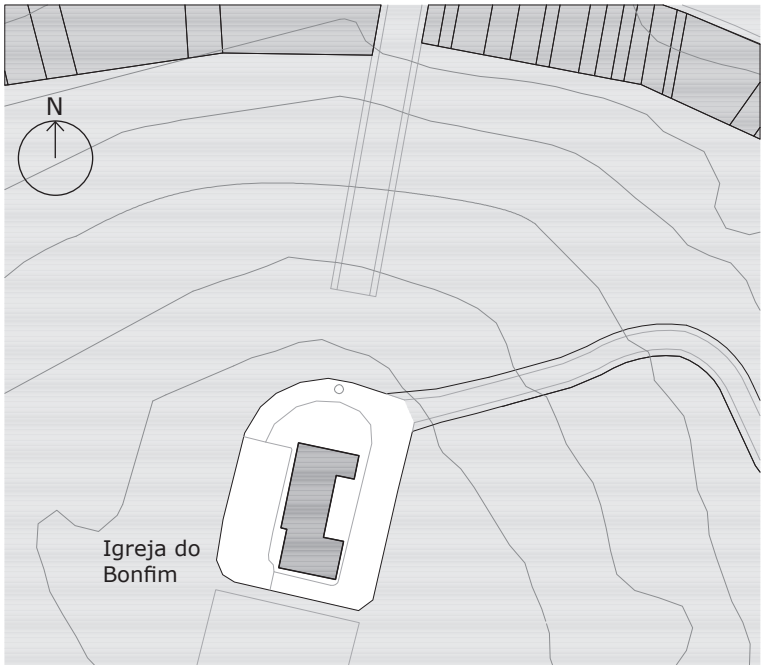


fig. 2.66 - Planta do espaço livre em torno da Igreja do Bonfim, no chamado Alto do Bonfim.

0 2,5m 7,5m 17,5m

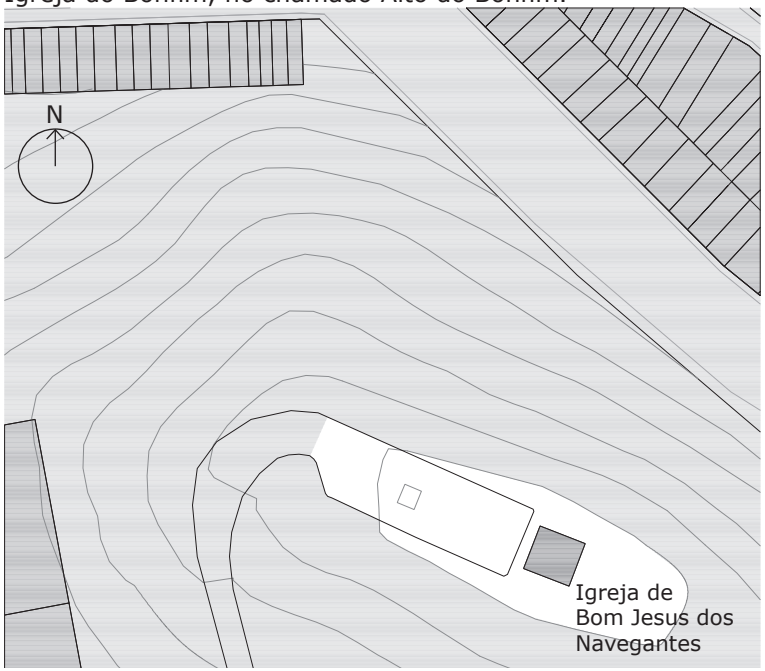


fig. 2.67 - Planta do espaço em torno da Igreja de Bom Jesus, no Alto do Bom Jesus.

0 2,5m 7,5m 17,5m

2.2.6. Alto do Bonfim e Alto do Bom Jesus

Em relação aos espaços anteriormente analisados, os altos do Bonfim e do Bom Jesus constituem dois casos particulares de elementos da paisagem urbana pelo domínio que exercem diante do conjunto histórico da cidade. Esses pontos detêm características de uma típica ordem espacial centrífuga, como descrito por Ashihara (1982) - um espaço que "se prolonga até o infinito" - fato que se deve muito à posição geográfica em que se encontram e ausência de delimitação, pois ambos são pontuados pelas igrejas situadas nos pontos mais altos das respectivas colinas (2.66 e 2.67).

A sensação de que 'estou por cima disto' unida à visão de 'perspectiva grandiosa', como descrito por Cullen (1983), caracterizam outro aspecto em comum desses espaços. Ambos possibilitam a fruição de uma vasta extensão que cativa o olhar pela diversidade de informações visuais, tanto na escala urbana quanto regional, que se tem a partir deles. Para o caminhante que sobe as colinas em direção ao topo, o momento da chegada produz surpresa diante da imagem que se revela ao olhar do observador (2.68 - 2.70).

A visão que se têm das colinas pontuadas em seu cimo do ponto de vista do observador que está inserido nos espaços da cidade a revelam como elementos verticais de grande força isoladamente e em conjunto e, dessa forma, compreendem marcos visuais de grande destaque na paisagem urbana.

fig. 2.68 - Vista da igreja e cruzeiro situados no Alto do Bom Jesus.

fig. 2.69- Igreja do Bonfim, no alto de mesmo nome.

fig. 2.70 - Vista a partir do Alto do Bonfim.

CAPÍTULO 3
A visão cotidiana da paisagem

Partindo da idéia de que o processo de valorização de um lugar se inicia a partir da identificação do conjunto de elementos que justificam a atribuição de valor ao local, como mencionado na introdução, questiona-se quais aspectos e elementos fundamentais da paisagem de Laranjeiras podem conformar uma possível identidade paisagística da cidade considerando pontos de vista diversos. Será possível identificar olhares atentos a esses aspectos pelas pessoas que vivenciam a cidade no seu cotidiano?

De acordo com Bosi (2004), a memória oral consiste em importante instrumento se desejamos constituir a crônica do cotidiano. A autora explica que a história que se apóia unicamente em documentos oficiais não pode dar conta dos valores individuais que se escondem atrás dos episódios:

> Existe, dentro da história cronológica, outra história mais densa de substância memorativa no fluxo do tempo. Aparece com clareza nas biografias; tal como nas paisagens, há marcos no espaço onde os valores se adensam. (Bosi, 2004)

Considerando a visão de quem vive e freqüenta um lugar como dado primordial para a compreensão e identificação dos seus valores ambientais essenciais, entende-se como fundamental uma aproximação com a vida cotidiana de Laranjeiras para a identificação dos elementos mais valorizados da paisagem local.

As análises espaciais desenvolvidas no capítulo

anterior apoiada em autores que se dedicaram ao tema da análise morfológica e percepção visual dos espaços livres urbanos constituem um modo de leitura especialista dos espaços da cidade. Em busca de um olhar cotidiano sobre a cidade e sua paisagem, este capítulo dá ênfase à busca de outros modos de ler, se relacionar e dar significado a esses espaços através visão do cidadão comum.

A partir disso, definiu-se o contato direto com uma amostra da população da cidade através da realização de entrevistas verbais, conversas informais e caminhadas pela cidade visando agregar à leitura especialista a leitura do cidadão comum que vivencia a cidade no seu cotidiano como uma forma de obter um quadro mais rico e real dos principais elementos que compõem a paisagem urbana de Laranjeiras.

3.1 Entrevistas

Entendendo a particularidade da experiência pessoal nas diferentes formas de apropriação e fruição dos espaços da cidade, procurou-se analisar a visão de cada entrevistado através de perguntas-chave que pudessem revelar modos de apreensão da paisagem de Laranjeiras. A idéia era procurar pelos aspectos positivos e negativos como uma forma de entender as relações estabelecidas entre o entrevistado e os espaços da cidade:

> 1- "Se tivesse que apresentar Laranjeiras para um parente, um amigo, para alguém que nunca esteve aqui antes, a que lugares o levaria, ou de que lugares tiraria fotos?"
> 2-" Que lugares daqui acha bonito; quais acha feio? Por que?"
> 3- "De que lugares gosta em Laranjeiras? De quais não gosta? Por que?"

Foram escolhidas doze pessoas de perfis variados que moram e/ ou trabalham no município de Laranjeiras e que realizam atividades ligadas ao centro histórico da cidade. Uma importante orientação para a condução da conversa no contato com o entrevistado se apóia nas recomendações de Eclea Bosi

na pesquisa sobre memória social a respeito das técnicas do questionário fechado e de explorações abertas: "em termos acadêmicos de técnica de pesquisa, os procedimentos de história de vida e perguntas exploratórias combinam bem, desde que deixem ao recordador a liberdade de encadear e compor os momentos do seu passado à sua vontade" (Bosi, 2004).

Neste trabalho, utilizou-se tanto o procedimento de perguntas-chave que direcionassem as conversas como de deixar o entrevistado à vontade para contar as suas histórias de vida e, dentro disso, identificar os valores da paisagem contidos nos relatos de cada um. Sendo assim, seria preciso identificar nas respostas e depoimentos modos de apreensão que revelassem a relação que estabelecem com a paisagem e os espaços livres do centro histórico de Laranjeiras.

Os critérios de escolha dos entrevistados foram definidos entendendo que uma maior variedade de perfis geraria um resultado mais rico considerando as diferentes visões. Os critérios utilizados para variedade de perfis foram diferenças de idade, local de residência e grau de enraizamento local.

Também se considerou importante para a variedade dos relatos que, além dos residentes, parte dos entrevistados conhecesse a cidade há pouco tempo, como os alunos, professores e funcionários do novo campus da Universidade Federal de Sergipe (UFS) que funciona no centro histórico desde agosto de 2009. Enfim, uma parte dos entrevistados deveria ser composta de moradores já instalados, mais enraizados ao local e a outra de recém-chegados.

Os 12 entrevistados escolhidos foram classificados de acordo com características comuns e podem ser agrupados nos seguintes perfis:

-Perfil 1 – Jovem e residente da cidade desde que nasceu.

-Perfil 2 – Jovem, residente ou não, freqüenta a cidade a menos de quatro anos.

-Perfil 3 – Adulto, residente desde nascimento ou infância.

-Perfil 4 – Acima de 60 anos, nasceu e atualmente reside na cidade.

As entrevistas foram realizadas ao longo do mês de abril de 2010. Os depoimentos, conversas e caminhadas foram gravadas e transcritas, e se encontram registradas na versão completa nos Anexos deste trabalho.

3.2 Modos de apreensão da paisagem urbana de Laranjeiras

Considerando a idéia de Lynch (1997/1960) de que a paisagem urbana é um produto de uma imagem formada por uma restrição do mundo visível ao campo visual que se abre na experiência de cada observador, e que, nenhuma experiência é vivenciada isoladamente, mas sempre em relação aos seus arredores, às sequências de elementos que eles conduzem e à lembrança de experiências passadas, foram definidas categorias que expressassem modos de compreensão da paisagem de Laranjeiras como objeto percebido por um observador que vivencia a cidade.

A busca desses modos de apreensão se realiza em três níveis que podem ser sintetizados da seguinte forma: 1-de fora para dentro da cidade; 2-de dentro para fora da cidade; 3- de dentro para dentro da cidade. A seguir desenvolve-se a caracterização de cada um desses níveis de percepção de modo a serem posteriormente identificados nos depoimentos individuais.

3.2.1 A visão de Petrarca

O primeiro modo de apreensão a ser buscado no contato com os habitantes de Laranjeiras se define pela situação em que o observador percebe os elementos que compõem a paisagem urbana a partir de um ponto qualquer externo à cidade - uma visão de fora para dentro.

Considerando a presença significativa de colinas em torno do centro urbano de Laranjeiras, fato que possibilita a visualização do conjunto construído histórico da cidade e seu contexto paisagístico maior como um todo contínuo,

uma questão que se coloca é se a visão proporcionada por essas colinas é de fato desfrutada pelos habitantes com alguma freqüência. Será que existe na cidade o hábito de subir a um ponto alto para contemplar e apreciar a vista possível a partir deste ponto? E que espaços seriam esses que possibilitam uma espécie de visão distante da cidade? Trata-se de verificar a existência de certos níveis de percepção e fruição da paisagem local enquanto objeto de contemplação panóptica.

No mundo ocidental, muitos autores consideram a experiência realizada e descrita pelo poeta italiano Francesco Petrarca no século XIV, ao escalar o Monte Ventoux, como um episódio inaugural do hábito de desfrutar paisagens como objeto de interesse estético. Como colocado por Ritter (2008), no caso de Petrarca, foi a leitura da obra de Tito Lívio, especialmente na passagem em que Felipe da Macedônia avista dois mares após atingir o cume de um monte, que determinou a decisão de Petrarca de executar a excursão até o topo do monte. Na experiência do poeta, é possível perceber o momento contemplativo da escalada através da descrição da visão desfrutada a partir do ponto mais alto do monte:

> De início, atordoado pelo ar estranhamente leve e pelo espetáculo grandioso, fiquei como que tomado de estupefação. Olho atrás de mim: as nuvens estão sob meus pés e eu começo a acreditar na realidade do Athos e do Olimpo vendo com meus olhos, em um monte menos famoso, tudo que li e ouvi a este respeito. (...). Confesso a você: chorei o céu da Itália o que minha alma via e meus olhos procuravam (...). (Petrarca apud Ritter, 1997)

O interesse estético e contemplativo demonstrado por Petrarca ao escalar o monte para apreciar a vista a partir do seu ponto mais alto ilustra um modo de apreensão da paisagem que, em Laranjeiras, parece ter se tornado uma espécie de costume local facilitado pela presença próxima dos altos do Bom Jesus e Bonfim, como ilustrado nos depoimentos dados nas entrevistas:

- Glauciele: "É linda. (...) Do Bom Jesus... é, dá para ver tudo."
- Valéria: "Dali de cima a gente vê tudo, sabia? Tudo! Ali vê tudo!"

- Maria: "Quando eu vinha pra cá, eu ia lá na Igreja do Bom Jesus e pra olhar Laranjeiras."

- Emerson: "Tenho vontade de conhecer o Alto do Bonfim. Pra ver a paisagem mesmo, da cidade. Porque o que eu vi mesmo foi dos slides do Prof. Eder onde ele mostrou a visão toda da cidade, de vários ângulos."

- Clemilson: "(...) é lindo. Quando eu tenho tempo, eu subo (...) no Alto do Bonfim e no Alto do Bom Jesus (...). Do Alto do Bom Jesus a gente vê as festas, vê a procissão. Tem vista para o mar, pra todo canto dos morros. Tiraria foto (lá de cima) vendo a cidade, porque vê tudo, viu. Vê campo de futebol, vê tudo!"

- José de Duda: "Do Bom Jesus, ali a gente chama Alto do Cruzeiro (...). Você avista pra lá, avista pra cá. Norte, sul, leste, oeste, ali em cima. À noite o negócio é mais bonito, mais sonoro, mais tranqüilo. Ali à noite é maravilhoso (...)"

fig. 3.1 - Vista da cidade a partir do Alto do Bom Jesus.

- Jussara: “Essa hora lá, é muito bonito olhar a cidade de cima pra cá, do alto. É muito bonito. Não tem igual não.”
- Célia: “Subia pra olhar a cidade. Ali, em Bom Jesus dos Navegantes, eu também gostava de subir com a procissão... Bonita, né. Levava a cadeira e ficava lá.”
- Estevão: “Eu acho muito interessante, muito bonito, juntar um grupo de pessoas, ir à Igreja de Bom Jesus dos Navegantes e ver como é a cidade à noite toda iluminada. É muito diferente, é muito diferente.”
- Lourdes: “A visão da Igreja do Bonfim... eu tiraria foto lá de cima.”
- Fernanda: ”Ah, tem outra coisa que eu conheci depois. É aquela igreja lá da colina, que é muito linda. A visão de tudo... não é a igreja em si, mas o que a gente consegue ver de lá. É linda a paisagem lá de cima.”

Entre os 12 entrevistados, 11 deles citados acima, observou-se apenas um caso em que a vista a partir dos altos do Bonfim ou Bom Jesus não pareceu despertar muito interesse:

"- A senhora já subiu ali naquelas igrejas do alto? - Aquelas lá eu subia, mas agora (...) mais não. – Mas a senhora gostava de subir ali? – Gostava, eu ia pra procissão. Ia visitar uma tia minha e passava o dia todo com ela e ficava ali levando uma fresca."

fig. 3.2 - Capela de Sant' Aninha.

fig. 3.3 - Ruínas de sobrado localizado no sítio de Sant' Aninha.

Apesar da referência às qualidades ambientais proporcionadas pela permanência no ambiente quando "ficava ali levando uma fresca", podemos deduzir certa indiferença em relação à paisagem que se abre a partir do alto do morro no sentido em que o interesse maior era a procissão, ou a visita a um parente, e não a vista em si, como destacado nos outros 11 depoimentos.

3.2.2 A visão de marcos referenciais

Que percepções ligadas às experiências espaciais podem ser identificadas através do caminhar pelas ruas do centro histórico de Laranjeiras? O segundo modo de apreensão da paisagem de Laranjeiras a ser buscado nos depoimentos se baseia na definição de marcos visuais de Lynch:

"Alguns marcos são distantes, tipicamente vistos de muitos ângulos e distâncias (...). Podem estar dentro da cidade ou a uma distância tal que, para todos os fins práticos, simbolizam uma distância constante". (Lynch, 1997/1960, 53)

Trata-se, portanto, de uma visão que o observador tem de dentro para fora da cidade. O objetivo da identificação desse modo de apreensão é verificar

se o entrevistado, na experiência de pedestre pelas ruas, praças e outros espaços livres da cidade, percebe elementos externos ao centro histórico ao mesmo tempo em que se encontra inserido nos seus espaços. A identificação deste modo de ver se limita aos efeitos dos objetos físicos perceptíveis pelo observador que se encontra mergulhado nos espaços da cidade.

Em Laranjeiras, a forte presença das colinas encimadas por templos religiosos no entorno do centro histórico se confirmou pela identificação de tais elementos como marcos referenciais de destaque na cidade do ponto de vista de quem caminha pelos seus espaços livres, como citado nos depoimentos a seguir, alguns deles tomados durante caminhadas pelas ruas e praças do centro histórico:

- Glauciele: "(...) Olhe Santaninha ali! Para ir em Santaninha tem que falar com aquela mulher ali embaixo, olhe. (...) Eu já fui várias vezes lá. É tão bonita aquela igreja."
- Valéria: "Olhe lá, a do Bom Jesus! É ali olhe, que eu falei que é lindo. É linda essa igreja (...)"
- Emerson: "Olhe, também tem aquela que a serra é bem maior que a outra que eu mostrei (apontando para o Bonfim). Cadê a outra? Ah, a outra tá ali, ó!"
- Clemilson: "Ó lá! De lá de cima dá pra ver a cidade toda, olhe."
- José de Duda: "No alto ali tem uma igreja que se chama Santaninha, que é cheia de ouro, ouro maciço mesmo (...). Olhe, quer ver uma coisa, assim, atraente, que você vê Laranjeiras em peso? É ali no Cruzeiro (img. 3.6). Ali é muito aprazível. Ali naquela igreja lá em cima."
- Jussara: "A gente poderia subir aqui na igreja. Pronto, você já foi nessa igreja em cima?"
- Célia: "Subia, subia essa daí, do Bom Jesus."
- Ana Maria: "Aquelas de lá eu subia (...)"

fig. 3.4 - Em primeiro plano a Igreja da Conceição, situada na Praça Josino Menezes e, no alto da colina, a Igreja do Bonfim, marco visual de presença constante visto a partir das ruas, praças e largos da cidade

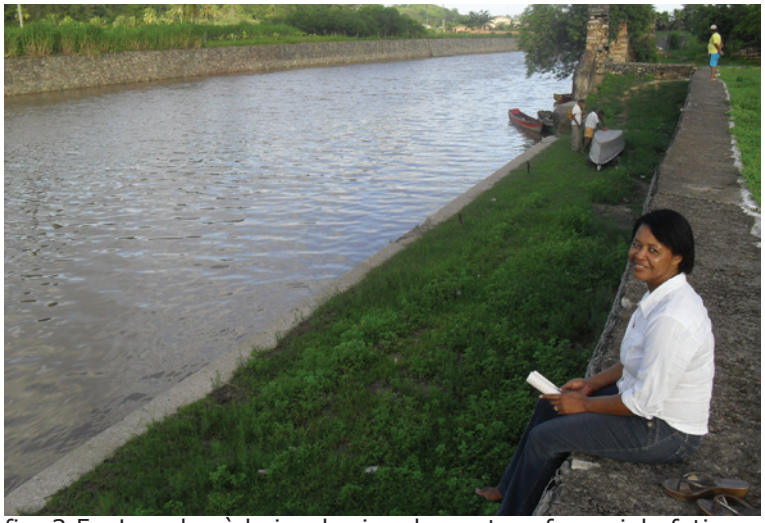


fig. 3.5 - Lourdes à beira do rio, elemento referencial afetivo.

- Estevão: "As igrejas que estão nos morros. Eu fico meio abismado quando chego aqui. Você olha para tudo quanto é lado e cada morro tem uma igreja."

- Fernanda: "Ah tem outra coisa que eu conheci depois. É aquela igreja lá da colina, que é muito linda."

- Lourdes: "Da igreja do Bonfim eu tiraria lá de cima, e de São Benedito daqui de baixo. Mas assim, eu acho que é mais pela sua história (...). (À beira do rio, no Largo do Quaresma) E quando não tinha essa efervescência toda, porque agora eu acho que tem muita gente, eu fazia exatamente o que aquele homem está fazendo ali. Sentava ali para ver o rio."

Os trechos dos depoimentos citados acima revelam cinco elementos de destaque na paisagem situados "fora" da cidade para o observador que se encontra dentro dos espaços urbanos: 1- a Igreja de Sant'Aninha, situada no ponto mais alto do outeiro na margem do rio oposta ao centro histórico (img. 3.2); 2- a Igreja de Bom Jesus dos Navegantes, situada no Alto do Bom Jesus; 3- a Igreja do Bonfim, no Alto do Bonfim (img. 3.4); 4- a Igreja de São Benedito, situada à meia altura da colina do Bonfim (img. 3.7); 5- o Rio Cotinguiba.

No depoimento de Lourdes, a Igreja de São Benedito e o rio se destacam na paisagem do centro histórico, elementos não mencionados nos outros depoimentos deste ponto de vista. O rio, elemento linear que quebra a continuidade

do território urbano, entendido como 'limite' como na conceituação de Lynch (1997/1960), foi citado apenas uma vez como objeto de interesse contemplativo entre os depoimentos, como no caso de Lourdes, sendo a referência feita a ele entendida mais como um elemento de ordem afetiva do que como um elemento estético (img. 3.5).

As colinas do Bom Jesus e do Bonfim e suas respectivas igrejas se revelaram como os marcos referenciais mais citados entre os depoimentos, ambos identificados como elementos de destaque na fisionomia urbana do ponto de vista de quem percebe a paisagem a partir dos espaços livres situados dentro do centro histórico da cidade.

3.2.3 A visão de labirinto

Qual a emoção e a sensação de descoberta que o caminhante experimenta ao atravessar as ruas, becos e praças do centro histórico de Laranjeiras? Como descrito na 'Visão Serial' de Gordon Cullen (1983), enquanto o transeunte atravessa a cidade, a paisagem urbana surge como uma sucessão de surpresas ou revelações súbitas. Em Laranjeiras, à medida que se percorre os espaços livres da cidade um conjunto de volumes construídos formados por casas, sobrados, igrejas, colinas e outros elementos da paisagem surgem sucessivamente aos olhos do caminhante, situação que define o terceiro modo de apreensão a ser buscado nos depoimentos.

Sendo as vias de acesso público destinadas ao trânsito de pessoas e coisas emolduradas pelos

fig. 3.6 - Em primeiro plano, o cruzeiro do alto do Bom Jesus, citado por José de Duda, a partir de onde se vê, na paisagem, a igreja no alto do Bonfim.

fig. 3.7 - A Igreja do Rosário e São Benedito, situada em ponto alto do centro histórico - elemento referencial da paisagem urbana, como citado por Lourdes.

fig. 3.8 - O "murinho", situado em frente à entrada principal do edifício que abriga a Prefeitura Municipal.

fig. 3.9 - Emerson em frente à biblioteca da UFS, edifício voltado para a Praça da República, ponto de encontro dos estudantes da UFS.

edifícios que se destinam às relações sociais e de trabalho, o labirinto é aqui representado pelas ruas, becos praças e outros espaços livres de uso público.

Tratas-se, portanto, de um modo de ver a cidade através do deslocamento pelos seus espaços livres, onde os elementos que compõem o cenário urbano podem ser percebidos numa escala mais íntima e humana "quando a cidade torna-se visível num sentido mais profundo; anima-se de vida pelo vigor e dramatismo dos seus contrastes" (Cullen, 1983, 11). É através dessa visão que os cheios e vazios do conjunto urbano histórico de Laranjeiras podem ser percebidos, onde existe a possibilidade de uma aproximação maior com elementos como o rio, a vegetação, a escadaria de uma igreja, um banco numa praça ou outro elemento qualquer que pode ser revelado através da observação da relação que o usuário cotidiano da cidade estabelece com os espaços urbanos, como a descoberta do chamado "senadinho", em entrevista com José de Duda: *"- O senhor costuma ficar por aqui sentado em frente à igreja? - Ah sim, toda manhã. Chama-se o "senadinho". (...) Ali é ponto de encontro de manhã, porque como não dá sol, aí até umas 10 horas da manhã todo mundo fica sentado ali nos degraus. Isso é hábito antigo, é tradição" (fig. 3.11 e 3.12).*

Dessa forma, durante as entrevistas e caminhadas procurou-se dar atenção às relações estabelecidas entre o entrevistado e os espaços vivenciados pelas formas de apropriação de determinados espaços e

pontos privilegiados dos ambientes exteriores, nos recintos, pontos focais e paisagens interiores dos espaços intra-urbanos do centro histórico de Laranjeiras, situação que permitiu identificar elementos da paisagem urbana de grande valor na experiência de cada um.

Como amostra de um peculiar marco de referência da paisagem urbana expresso na experiência espacial de duas entrevistadas tem-se o chamado 'murinho', citado por Glauciele e Valéria durante as caminhadas pelo centro histórico: "*-Aqui é o murinho que a gente fala. É esse aqui*". Trata-se de uma balaustrada situada em um dos limites do espaço livre em frente ao edifício de meados do século XIX que abriga a Prefeitura Municipal, ponto de encontro de adolescentes depois que saem da escola e nos finais de semana, como o caso das duas entrevistadas (img. 3.8).

Algumas praças se revelaram como elementos referenciais para determinadas atividades e grupos de usuários, como a Praça da República, situada em frente à quadra da UFS, onde os alunos da universidade, que moram em Aracaju, esperam a chegada de ônibus ao final das aulas e utilizam serviços complementares não oferecidos dentro do campus, como foi explicado por Emerson, estudante que frequentava a cidade há um mês: "*Essa praça aqui já é referência. O pessoal espera o ônibus chegar, fica conversando, aproveita e lancha nesse restaurante que, na verdade, é um bar... Tem a xerox também, que a galera vai e tira*" (img. 3.9).

A expressão de um hábito de caminhada pode revelar pontos de interesse formados por elementos que compõem o cenário urbano, por exemplo, a vista da Igreja Matriz ao percorrer os espaços da cidade, como expresso na fala de Clemilson: "*Ah eu gosto de andar aqui pela frente, pelo Zizinha (Colégio Zizinha Guimarães), passar pelo restaurante e ir para a Praça da Bandeira. É onde vejo muito aluno, turista e acho lindo (...). Eu gosto de caminhar aqui pela Praça da Matriz, gosto de ver a igreja*". Ainda durante a caminhada, Clemilson destacou a visão que tem a partir de um banco da Praça da Bandeira, de onde tem o hábito de assistir jogos na quadra de esportes situada em frente: "*- Eu*

fig. 3.10 - Clemilson na Praça da Bandeira, de onde assiste os jogos de futebol na quadra de esportes em frente.

fig. 3.11 - A escadaria da Igreja Matriz, o chamado "senadinho".

gosto daqui, olhe. Tem uma visão ótima. São duas praças. Aqui é a Praça da Bandeira. - Você gosta de ficar sentado aqui? – Ah, gosto. Gosto de ficar aqui olhando o jogo, olhando os estudantes. Olhe como a visão é boa daqui, olhe. Como a área é aberta, não é?" (img. 3.10).

A visão de quem vivenciou períodos de transformações espaciais na cidade revela lembranças associadas a lugares e alguns elementos peculiares como a vegetação existente no Largo do Quaresma e na Praça da Matriz que não mais existem, conforme lembra José de Duda, de 75 anos: "*Ali no Quaresma, houve uma época que tinha umas canafístulas, porque não era assim. (...) Essa praça aqui (Matriz) tinha uma espécie de mureta no meio. Eu era menino. Depois foi evoluindo, evoluindo e se tornou uma das praças mais floridas do Estado de Sergipe, cheia de lírio e perfume de gardênia. Coisa linda!*". As lembranças expressas no depoimento de José de Duda permitem estabelecer relações com imagens da Praça da Matriz em períodos distintos, como a 'mureta' existente no local até meados do século XX revelada na imagem 2.57 (pág. 76), e o período em que se tornou "*uma das praças mais floridas (...) cheia de lírio e perfume de gardênia*", como a imagem 2.60 (pág. 77) que mostra a praça na década de 80.

O depoimento de Célia, de 85 anos, como as lembranças de Zé de Duda, evoca valores de uma paisagem guardada na memória dos que vivenciaram a cidade em outro momento histórico: "*Eu achava*

bonito o calçadão (Getúlio Vargas). (...) Eu ia pra sentar no banco. Hoje é calçadão, naquele tempo era paralelepípedo. Hoje está mais bonito". A referência que faz ao rio que cruza o centro histórico da cidade revela a forte relação de uso que costumava estabelecer com este elemento de grande presença da paisagem urbana em períodos distintos: "*- A senhora tomava banho de rio? – Eu tomava. (...) No meu quintal. No fundo da casa passava o rio. Lavava a roupa, tomava banho, nadava. (...) O rio tá ruim agora (...). Aqui antigamente a cidade era jóia. Era muito boa."*

Outra particularidade observada no depoimento de Célia que merece ênfase é a associação constante que faz entre a experiência que tem nas ruas e praças da cidade, e as festas populares e procissões religiosas periódicas que ocorrem em Laranjeiras:

> "- O que a senhora achava mais bonito quando caminhava pelas ruas da cidade? – As procissões. As pessoas cantavam, com suas bandeiras, vestidas de santa na novena do mês de junho. Muito lindo. A novena daqui é linda. Antigamente Laranjeiras era um lugar bonito. (...) As procissões eram lindas. As festas daqui também, o Micareme, que tem o Botafogo, Laranjeirense, Gaviões, Águia de Ouro. (...) Eu caminhava, acompanhava a procissão, ia à igreja, rezava."

Neste caso, ao mesmo tempo em que a entrevistada demonstra ter uma relação intensa de uso com os espaços livres da cidade, durante participação nas procissões e festas, não se refere a eles com atenção especial aos elementos que compõem a paisagem urbana, e sim às manifestações populares que utilizam esses espaços como suporte, com exceção

fig. 3.12 - José de Duda na escadaria da Igreja Matriz: o "senadinho".

fig. 3.13 - Dona Célia na calçada da sua casa, em frente à Praça da Matriz, de onde assiste às festas populares da cidade ao passar pelas ruas em torno da praça.

à referência que faz igreja Matriz como marco visual próximo à sua residência, a partir de onde, sentada à calçada, assiste às festas: *"Desde que vim morar aqui na frente da igreja tenho acesso a tudo aqui em Laranjeiras. Sento aqui e daqui vejo as festas todinhas da cidade. Daqui eu não saio"* (img. 3.13).

3.3 Os principais espaços livres públicos e elementos da paisagem de Laranjeiras na visão dos entrevistados

A partir das entrevistas, o centro histórico de Laranjeiras, onde se localiza a maior quantidade de construções de valor histórico da cidade, se revelou como o bairro mais citado no que se refere a aspectos físicos dos espaços livres de uso público, como ruas, praças e largos, como observado nos mapas A1 e A2. No entanto, observa-se que esses espaços e elementos da paisagem da cidade foram citados ressaltando oras seus aspectos positivos, ora os aspectos negativos e, em outros casos, enfatizando interesse especial em relação aos outros elementos da paisagem.

Com o objetivo de construir um panorama a partir dos modos de apreensão identificados nos depoimentos, foram elaborados mapas que espacializassem os lugares e elementos da paisagem urbana citados sob diferentes aspectos.

Os mapas A1 e A2 reúnem todos os lugares, espaços e elementos que fazem parte da paisagem de Laranjeiras citados nas entrevistas, localizando-os na planta da cidade e indicando sua relação com os demais. Estes mapas permitem observar que a maioria dos locais citados, independente do valor a eles atribuído, se localiza dentro ou nas imediações do centro histórico da cidade, sítio de surgimento do núcleo inicial de edificações da

fig. 3.14 - Gruta da Pedra Furada

fig. 3.15 - Usina Pinheiro

Mapas A1 e A2
Lugares citados nos depoimentos

Legenda

1: Ponte do Cangaleixo (Ponte Nova)
2: Praça Josino Menezes (Pça. do Galo)
3: Igreja Nossa Sra da Conceição dos Pardos (Igreja do Galo)
4: Sobrado do século XIX (antigo hospital)
5: Ruínas da Residência da Família Bragança
6: Praça Possidônia Bragança
7: Ponte do Outeiro
8: Casa João Ribeiro
9: Biblioteca UFS
10: Praça da República
11: Quarteirão dos Trapiches (UFS)
12: Pátio interno da UFS com as "colunas do campus"
13: Mercado Municipal
14: Ruínas de sobrado do séc. XIX
15: Calçadão Getúlio Vargas
16: Canteiro de árvores
17: Colégio Zizinha Guimarães
18: Igreja Presbiteriana
19: Praça Augusto Maynard
20: Museu Afro
21: Rua Direita
22: Igreja de São Benedito
23: Igreja Nosso Senhor do Bonfim
24: Rua da Vitória
25: Museu de Arte Sacra
26: Praça da Matriz
27: Igreja Matriz do S. C. de Jesus
28: Prefeitura Municipal de Laranjeiras
29: Murinho
30: Ruínas sobrado do conjunto arquitetônico de Santaninha
31: Capela Santaninha
32: Quintalé
33: Centro de Tradições
34: Rodoviária
35: Praça do Quaresma
36: Ruínas da antiga fábrica de tecidos
37: Praça da Bandeira
38: Praça das Quadras
39: Rua Boquim
40: Igreja Bom Jesus dos Navegantes
41: Usina Pinheiro
42: Igreja N. Senhora da Comandaroba
43: Rua da Palha
44: Conjunto Manoel do Prado Franco

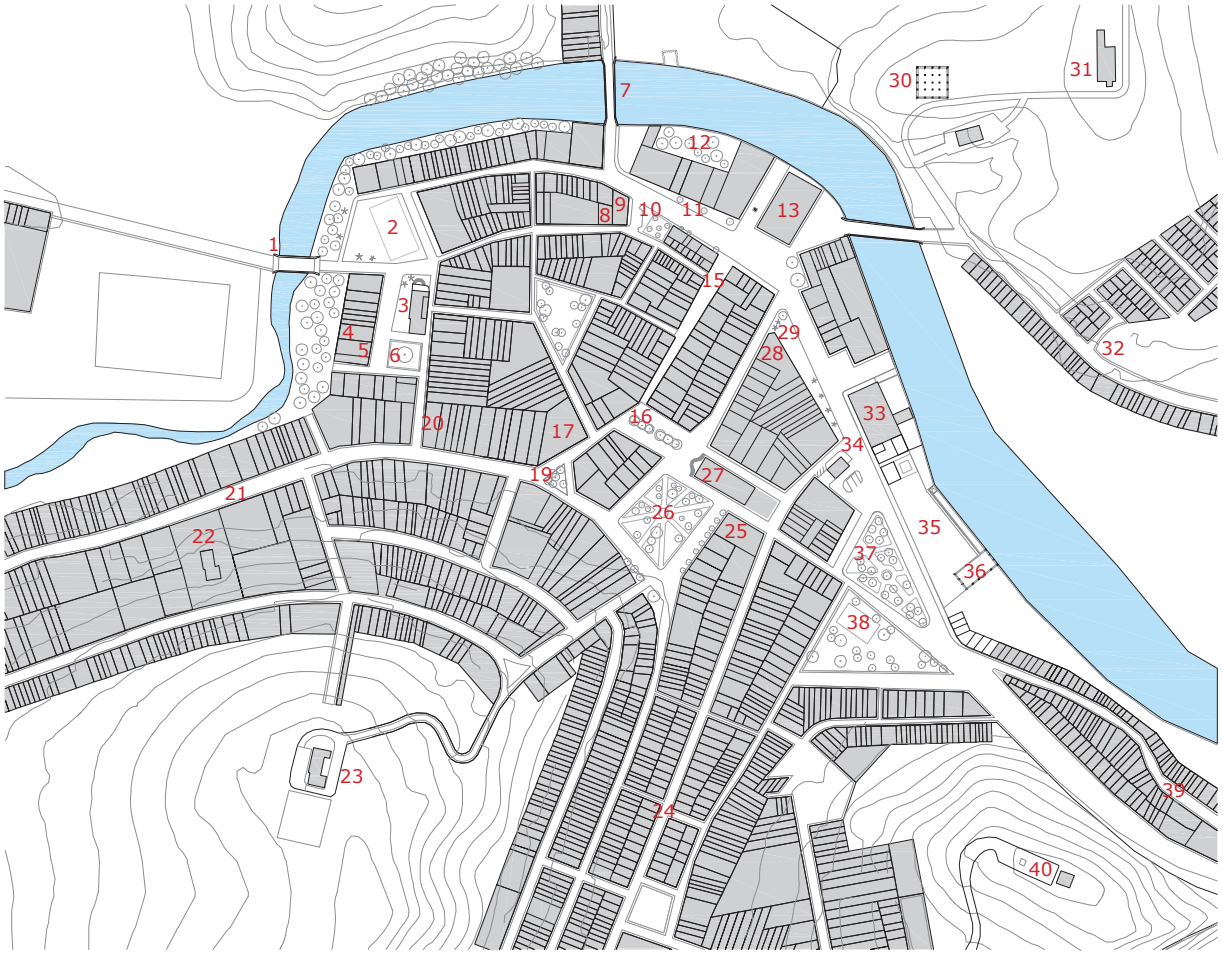


fig. 3.16 - Mapa A1

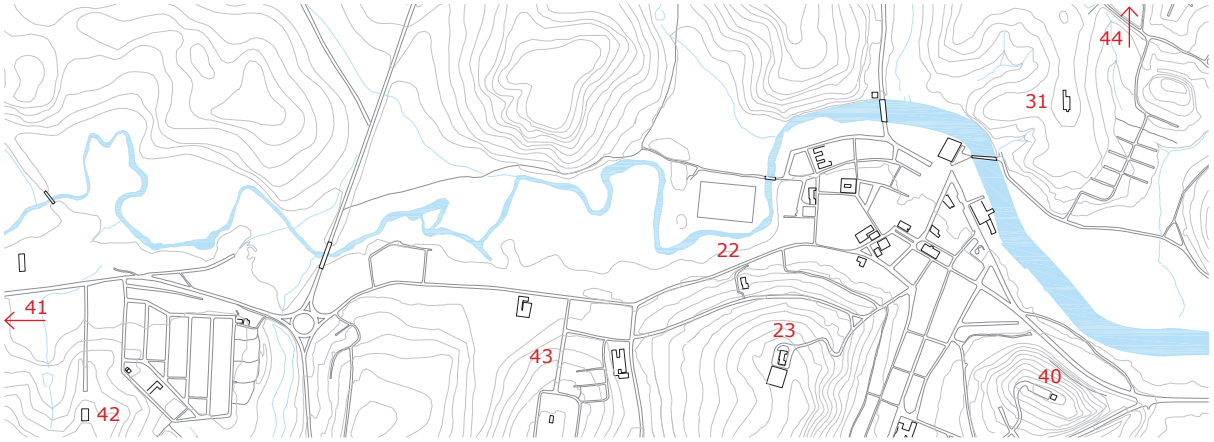


fig 3.17 - Mapa A2

cidade a partir do final do século XVI e início do XVII.

Nas entrevistas, as únicas referências feitas a locais situados fora do centro histórico da cidade dizem respeito à colina e Capela da Comandaroba, situada no bairro de mesmo nome, a Gruta da Pedra Furada (img. 3.15), a Usina Pinheiro (img. 3.15) e ao Bairro Manoel do Prado Franco.

Os mapas B1 e B2 ilustram os espaços e elementos da paisagem urbana de Laranjeiras contemplados com avaliação positiva pelos entrevistados. O mapa B1 permite observar o valor positivo atribuído à sequência espacial formada pela Avenida Municipal, a partir do edifício da Prefeitura Municipal, e Praça Samuel de Oliveira, que teve como componentes mais citados de forma direta o edifício do Mercado Municipal, o Quarteirão dos Trapiches e o pavimento em pedra calcária irregular. Observa-se que esses espaços foram citados com avaliação positiva independente do perfil do entrevistado: jovem, adulto, acima de 60 anos, morador ou não da cidade.

Outro espaço livre público mencionado repetidas vezes entre os 12 entrevistados pelas suas propriedades positivas foi o Calçadão Getúlio Vargas, como observado no mapa B1. Um fato chama atenção para o caso do Calçadão é que todos os entrevistados que citaram e enfatizaram bons aspectos do espaço são moradores mais enraizados à cidade devido ao longo que se relacionam com os seus espaços.

Os dois principais espaços livres públicos que cercam a Igreja da Matriz foram citados pelas suas características positivas por 11 dos 12 entrevistados. O único entrevistado que não mencionou diretamente os espaços em torno da Igreja da Matriz demonstrou, ao longo de toda a entrevista, ter pouco hábito de circular pela cidade apesar de residir no município. Um exemplo de referência positiva ao espaço é o depoimento de José de Duda que descreve com detalhes minuciosos as qualidades da Praça da Matriz em seus diferentes períodos.

O Alto do Bom Jesus foi o elemento da paisagem mais citado por referências diretas à Igreja de Bom Jesus dos Navegantes e às qualidades ambientais

Mapas B1 e B2
Elementos de avaliação positiva da paisagem urbana de Laranjeiras

Legenda

A: Glauciele da Silva Lima
B: Valéria Vicente dos Santos
C: Maria da Silva
D: Emerson Henrique Melo
E: Clemilson dos Santos
F: José de Duda
G: Jussara Vicente dos Santos
H: Célia Pereira Santos
I: Ana Maria do Carmo Santana Santos
J: Estevão Andrade dos Santos
L: Fernanda Oliveira
M: Maria de Lourdes dos Santos

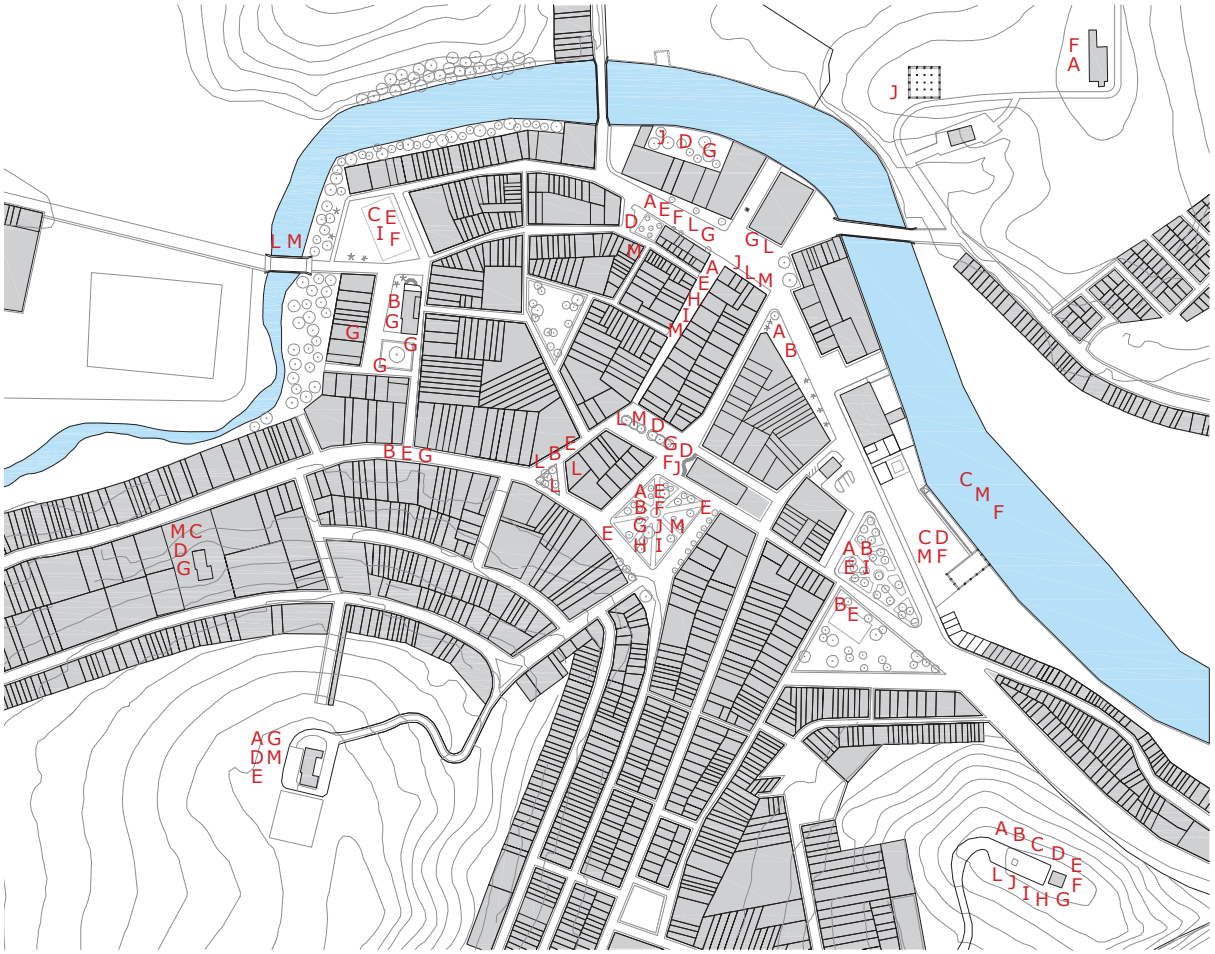


fig. 3.18 - Mapa B1

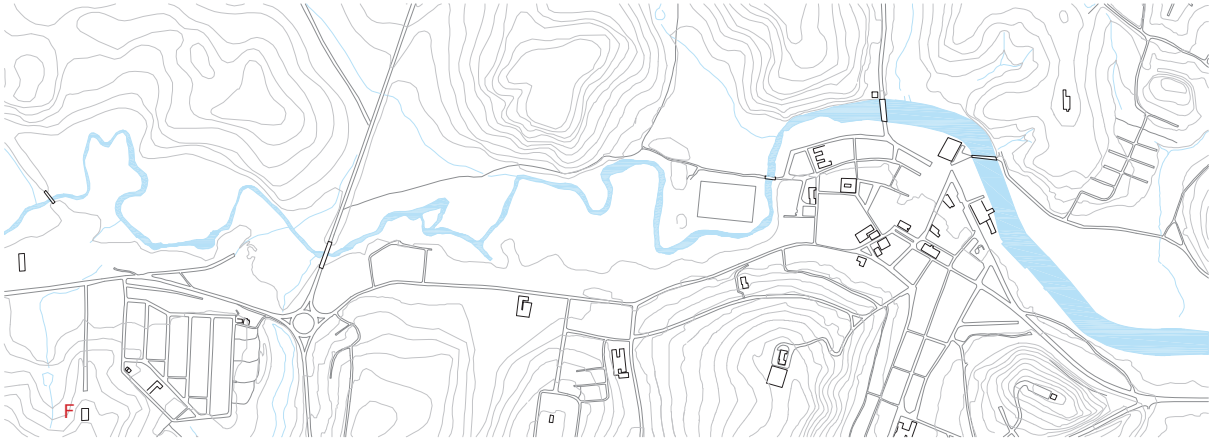


fig. 3.19 - Mapa B2

e visuais oferecidas pelo local, que permite a visualização de todo o emolduramento paisagístico do centro histórico e a continuidade visual além dos limites do território do município.

O Alto do Bonfim foi menos citado do que o Alto do Bom Jesus entre os 12 entrevistados quanto a aspectos positivos, o que revela a existência de um hábito maior de subir a colina do Bom Jesus em relação à colina do Bonfim, fato que não diminui as qualidades positivas do Bonfim. O depoimento de Lourdes revela a existência do hábito de freqüentar o local em um período pregresso: *"- E lá do Bonfim, você gosta de ficar assim também? – Ah, gosto. É... sensação de liberdade lá, só que agora eu não vou mais com tanta freqüência."*

O Rio Cotinguiba, a Igreja do Rosário e São Benedito, a Praça Josino Meneses e o Largo do Quaresma também integram o conjunto de elementos com referências significativas quanto suas qualidades espaciais e ambientais. Outros elementos percebidos como objetos de importante valor da paisagem urbana de Laranjeiras foram a Praça Possidônia Bragança, a Ponte do Cangaleixo, a Igreja da Conceição dos Pardos, a Igreja da Comandaroba, a Praça da Bandeira, o edifício da Prefeitura Municipal, o Museu Afro, a Igreja Presbiteriana e o edifício que abriga o Colégio Zizinha Guimarães (mapas B1 e B2).

Os mapas C1 e C2 ilustram os elementos da paisagem de Laranjeiras citados sob os seus aspectos negativos pelos entrevistados. Observa-se que a realização de referências dessa natureza ocorreu em número bem menor se comparada às referências positivas da cidade e seu conjunto urbano e paisagístico. O Rio Cotinguiba, em seu trecho do centro histórico foi mencionado como o elemento de grande importância, mas que necessita de atenção e cuidado, como descrito no depoimento de Estevão:

> *"– O que você acha do rio aqui na cidade? – Eu acho uma maldade. Tanto por parte da população, como do poder público, que parece que*

Mapas C1 e C2
Elementos de avaliação negativa da paisagem urbana de Laranjeiras

Legenda

A: Glauciele da Silva Lima
B: Valéria Vicente dos Santos
C: Maria da Silva
D: Emerson Henrique Melo
E: Clemilson dos Santos
F: José de Duda
G: Jussara Vicente dos Santos
H: Célia Pereira Santos
I: Ana Maria do Carmo Santana Santos
J: Estevão Andrade dos Santos
L: Fernanda Oliveira
M: Maria de Lourdes dos Santos

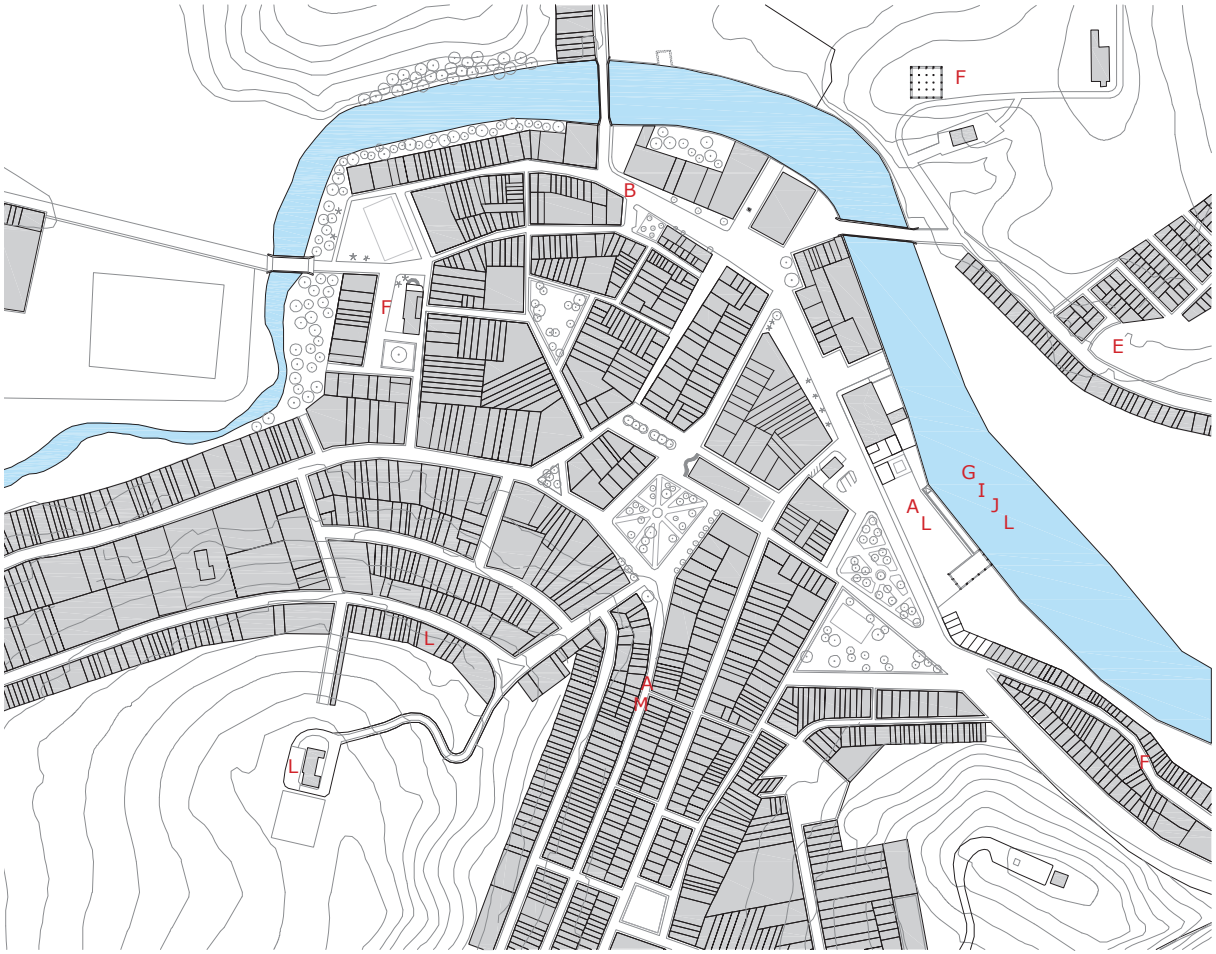


fig. 3.20 - Mapa C1

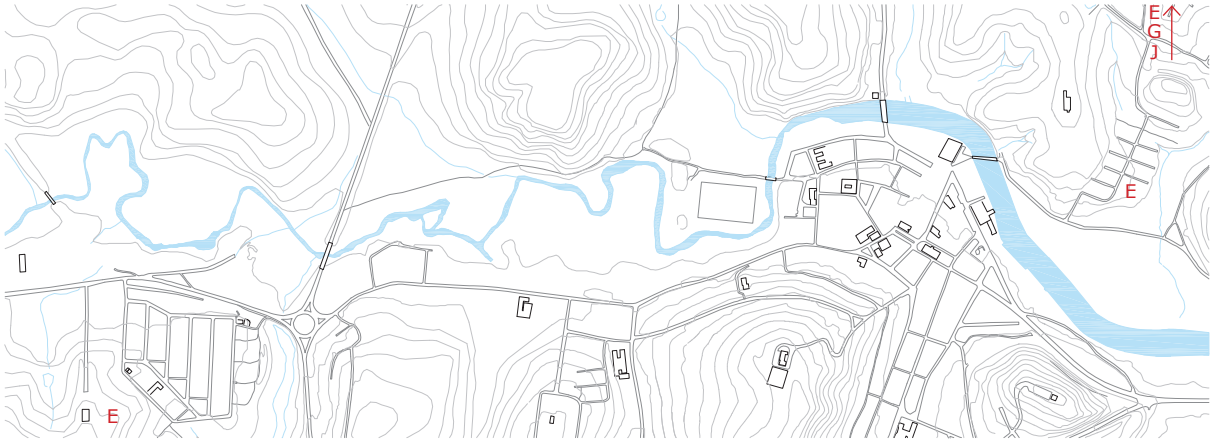


fig. 3.21 - Mapa C2

fecha os olhos para ele. Porque quando você procura saber sobre o rio, você ouve que aqui as pessoas nadavam, as pessoas pescavam pra se alimentar e, hoje em dia, é essa calamidade. É uma coisa cultural, as pessoas jogam lixo, encanamentos saem das residências e desembocam direto no rio. Então eu acho que tanto o poder público quanto a população precisa trabalhar muito nesse sentido para poder mudar essa situação."

Lynch (1997/1960) explica que a percepção que temos da cidade não é abrangente, mas "parcial, fragmentária e misturada com considerações de outra natureza. (...) quase todos os sentidos estão em operação, e a imagem é uma combinação de todos eles". Um objeto possui 'imaginabilidade', na idéia de Lynch, quando detém características que lhe confere uma alta probabilidade de evocar uma imagem forte em qualquer observador dado. Pela visão dos 12 entrevistados em Laranjeiras, constatou-se que o centro histórico da cidade de fato constitui o local que, pelo maior número de citações nas entrevistas, reúne a maior quantidade de objetos que têm grande poder de evocar uma imagem forte da cidade.

Os mapas D1 e D2 foram elaborados com base nas respostas às perguntas que visavam identificar elementos ou imagens que expressassem um interesse especial na visão de cada entrevistado. Como já citado no início deste capítulo, a pergunta diretriz era a seguinte: *"Se tivesse que apresentar Laranjeiras para um parente, um amigo, para alguém que nunca esteve aqui antes, a que lugares o levaria, ou de que lugares tiraria fotos?"*. Os elementos presentes nesses mapas se revelam, portanto, componentes que conformam imagens de interesse especial da cidade na visão dos entrevistados. A simultaneidade das escolhas individuais observada nos mapas D1 e D2 permite enumerar os seguintes elementos de valor especial da paisagem de Laranjeiras e do conjunto de espaços da cidade na visão do cidadão comum de Laranjeiras:

1- Quarteirão dos Trapiches e Praça Samuel de Oliveira

2- Largo, Igreja e Praça da Matriz

3- Alto do Bom Jesus

Mapas D1 e D2
Elementos de interesse especial da paisagem urbana de Laranjeiras

Legenda

A: Glauciele da Silva Lima
B: Valéria Vicente dos Santos
C: Maria da Silva
D: Emerson Henrique Melo
E: Clemilson dos Santos
F: José de Duda
G: Jussara Vicente dos Santos
H: Célia Pereira Santos
I: Ana Maria do Carmo Santana Santos
J: Estevão Andrade dos Santos
L: Fernanda Oliveira
M: Maria de Lourdes dos Santos

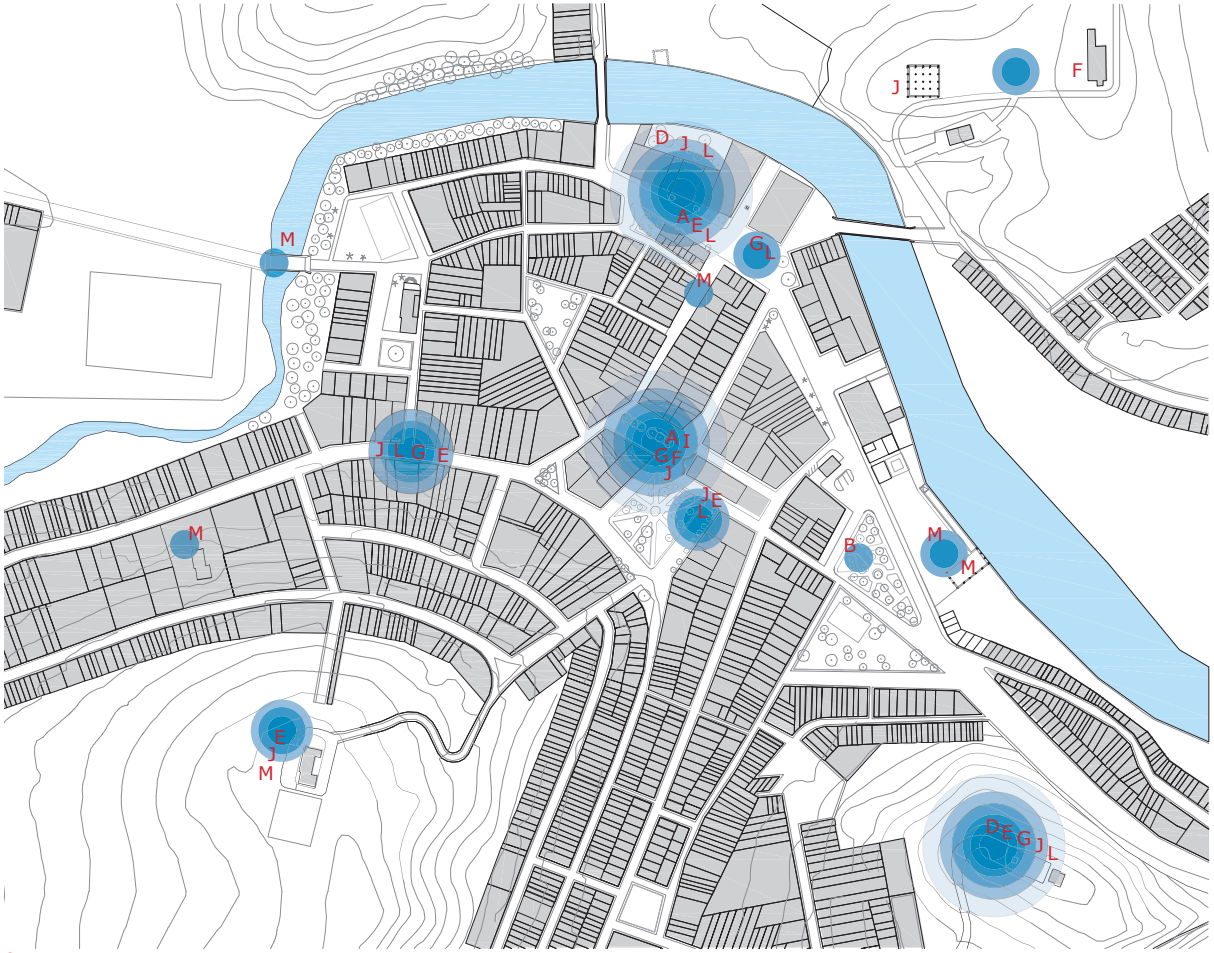


fig. 3.22 - Mapa D1

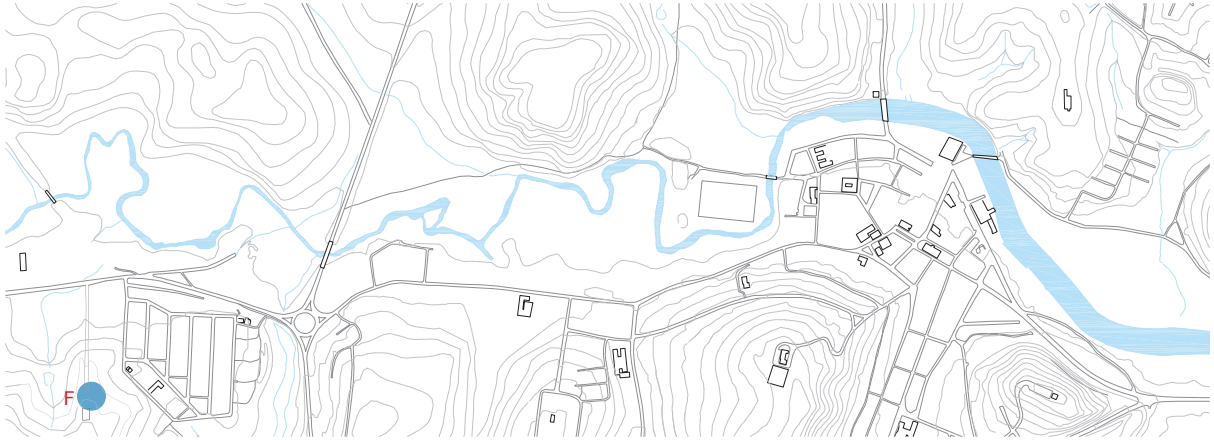


fig. 3.23 - Mapa D2

4- Museu Afro e Rua José do Prado Franco

5- Alto do Bonfim

6- Museu de Arte Sacra e Praça da Matriz

7- Largo e Ruínas do Quaresma

8- Mercado Municipal e Praça Samuel de Oliveira

9- Capela e Ruínas do Sítio de Sant' Aninha

10- Ponte do Cangaleixo

11- Calçadão Getúlio Vargas

12- Igreja do Rosário e São Benedito

13- Praça da Bandeira

Observa-se que a maior quantidade de citações faz referência às imagens seguintes da cidade: 1- A sequência de edifícios que formam o Quarteirão dos Trapiches em conjunto com a Praça Samuel de Oliveira; 2- Igreja Matriz e sua percepção em conjunto com a Praça e Largo da Matriz; 3- Igreja de Bom Jesus e a vista que se tem a partir do alto da colina em que se encontra o templo. Entende-se que esses elementos construídos possuem grande força de imagem em relação ao conjunto da cidade e, ao mesmo tempo, apresentam propriedades e condições ambientais de grande valor que levam às pessoas a revelar a experiência positiva de fruição desses espaços e a se apropriar deles de uma forma contínua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A singularidade da paisagem de Laranjeiras se apresenta ao longo desta pesquisa a partir da seguinte sequência de análises realizadas: da história, da formação e desenvolvimento urbano, da escala local de espaços livres públicos do centro histórico da cidade e das entrevistas com um grupo de cidadãos que vivencia a cidade no seu cotidiano.

A busca dos elementos fundamentais que compõem a paisagem de Laranjeiras, e que justificam a atribuição de valores ao local, teve como ponto de partida o processo de formação urbana dos seus espaços livres de uso público.

A análise dos mapas que ilustram a formação de Laranjeiras na sua trajetória de povoado à vila, e de vila à cidade, permitiu identificar os eixos iniciais de surgimento das vias e espaços livres públicos do centro histórico da cidade. Constatou-se que esses espaços encontram-se alinhados com elementos entendidos como limites e marcos visuais de forte presença na paisagem urbana: o Rio Cotinguiba e as colinas do Bom Jesus e do Bonfim.

Observando a permanência do traçado original de Laranjeiras, é possível perceber que a trama urbana atual mantém um aspecto que podemos brevemente associar com a idéia de ocupação irregular do território calcada nos padrões do colonizador português, como descrito por Holanda (1995, 110): a cidade cuja “silhueta se enlaça na linha da paisagem”. A partir dessa análise, podemos considerar o rio e as colinas que circundam a cidade

como os ‘primeiros’ elementos fundamentais que compõem a paisagem de Laranjeiras. Os elementos seguintes são representados pelos espaços livres de uso público que se apresentam como objetos da paisagem de Laranjeiras, os quais detêm grande potencial de representatividade histórica local e constituem espaços que favorecem a percepção e fruição da paisagem urbana do centro histórico da cidade.

Através da observação na escala local, a leitura e análise dos espaços possibilitaram a compreensão das importantes funções que desempenham na vida cotidiana da cidade. A dinâmica atual desses espaços revela o importante papel que assumem para abrigar atividades de troca, comunicação, abastecimento, contato social, recreação, enfim, espaços que atuam como verdadeiros “núcleos de agregação”, como colocado por Rossi (2001).

A identificação de modos de ver e se relacionar com o ambiente a partir dos depoimentos dos cidadãos locais, tornou possível o reconhecimento de valores históricos e memoriais da paisagem do centro histórico da cidade, revelando que a paisagem de Laranjeiras tem valor real perante os seus habitantes que percebem, se apropriam e usufruem habitualmente dos espaços livres da cidade sendo, dessa forma, considerados elementos que justificam a atribuição de valores positivos

fig. 4.1

ao ambiente.

A caracterização, leitura e análise realizadas nos espaços do centro histórico de Laranjeiras, somadas às leituras extraídas dos depoimentos das pessoas que vivenciam a cidade no seu cotidiano, permitiram identificar o papel que esses espaços exercem no contexto urbano e constatar que certos aspectos comuns a alguns espaços, que merecem atenção especial quanto às possibilidades de futuras intervenções:

(i) Espaços como o Largo do Quaresma e a Praça Josino Menezes, por apresentarem áreas livre de construções[1], sem definição de pavimentação ou tratamento paisagístico, detêm grande potencial para novas intervenções, fato que deve servir de alerta para o caráter e a qualidade das possíveis intervenções modo que sejam consideradas: a escala das construções que os delimitam; a visibilidade e acesso ao rio pelo centro histórico da cidade, e a manutenção da possibilidade de abrigar festas populares tradicionais que nelas ocorrem.

(ii) A Praça Samuel de Oliveira, que abriga a feira da cidade aos sábados, e o Calçadão Getúlio Vargas, principal eixo comercial, por

[1] No caso da Praça Josino Menezes, trata-se do terreno livre de construções à beira do rio, como descrito no Capítulo 2.

acolherem atividades tradicionais, devem ser contemplados com um planejamento que considere e favoreça tais atividades no sentido de valorizar as principais características destes espaços.

(iii) As praças da Matriz e Possidônia Bragança, por deterem características de 'espaço-recinto', merecem intervenções que mantenham e valorizem estas características.

(iv) Os altos do Bom Jesus e do Bonfim devem ter seus entornos protegidos de quaisquer edificações ou elementos construídos adicionais que venham a prejudicar as vistas que se têm a partir desses espaços, tão valorizadas pelos cidadãos locais. Também deve ser dada atenção especial à ocupação nas encostas de ambas as colinas, para que a ocupação irregular não descaracterize elementos tão importantes no conjunto paisagístico do centro histórico.

Os projetos de intervenções a serem desenvolvidos para esses espaços devem, portanto, considerar fundamentalmente tanto os seus aspectos morfológicos singulares valorizados pela população local, como as atividades tradicionais que neles ocorrem: a tradicional feira, realizada na Praça Samuel de Oliveira, a festa itinerante de Bom Jesus dos Navegantes e o folguedo folclórico Caboclinhos e Lambe-sujos.

As intervenções recentes nos espaços livres públicos do centro histórico parecem não considerar a paisagem urbana É preciso que essas novas intervenções considerem não somente as relações estabelecidas entre espaço livre e espaço construído, mas as relações entre esses dois elementos e a articulação que exercem com o conjunto paisagístico maior da cidade.
A partir disso, percebe-se uma urgente necessidade de se considerar o relacionamento entre os diversos elementos da paisagem urbana de Laranjeiras no planejamento e intervenção nos seus espaços como uma forma de favorecer a qualidade paisagística do lugar. A preservação dos

elementos fundamentais que compõem a paisagem natural e urbana do centro histórico de Laranjeiras deve ser entendida, dessa forma, como um meio de enfatizar a importância da construção da identidade cultural dos habitantes do lugar e como fator que reforce a importância do planejamento atento às questões da paisagem.

Bibliografia

ASHIHARA, Yoshinobu. **El diseño de espaços exteriores**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili: 1982.

AZEVEDO, Camerino Bragança de. **Doutor Bragança, esse varão laranjeirense.** Rio de Janeiro: Pongetti, 1971.

AZEVEDO, Paulo Ormindo de. (Coord.). **Volume 1 - A região e sua ocupação**. In: GRAU/UFBA. Plano Urbanístico de Laranjeiras. Salvador: Grupo de restauração e renovação arquitetônica e urbanística -UFBA/SUDOPE-SE, 1975.

BARTALINI, Vladimir. **Áreas Verdes e Espaços Livres Urbanos.** Paisagem e Ambiente: Ensaios, São Paulo, Ed. Especial, N°s 1 e 2, p.49 a 54, 1994.

_____. **Praças do Metrô: Enredo, Produção, Cenário, Atores.** Dissertação de Mestrado. FAUUSP, São Paulo, 1988.

BERQUE, Augustin. **Landscape and the overcoming of modernity**. The cultural approach in geography. EHESS/CNRS, Paris & Miyagi University, Sendai. Seoul, 2000.

BESSE, Jean-Marc. **Entre Geografia e Paisagem, a Fenomenologia**. In: Ver a Terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. São Paulo, Perspectiva, 2006.

_____. **Fisionomia da Paisagem, de Alexandre Von Humboldt a Paul Vidal de La Blache**. In: Ver a Terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. São Paulo, Perspectiva, 2006(a).

_____. **Petrarca na Montanha: Os Tormentos da Alma Deslocada.** In: Ver a Terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. São Paulo, Perspectiva, 2006 (b).

BOSI, Eclea. **O tempo vivo da memória**. São Paulo, Ateliê Editorial, 2004.

BRASIL. **Sítios Históricos e Conjuntos Urbanos de Monumentos Nacionais**. Volume 1 – Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Cadernos Técnicos

do Programa Monumenta. Brasília: Ministério da Cultura, 2005.

CAMPOS, Cristiane. **Desruralização versus urbanização: o caso de Laranjeiras.** Dissertação de Mestrado em Geografia. Universidade Federal de Sergipe. Aracaju, 2002.

CULLEN, Gordon. **Paisagem Urbana.** Lisboa: Edições 70, 1983.

DANTAS, Beatriz Góis. **Laranjeiras: entre o passado e o presente**. Aula Inaugural do Campus de Laranjeiras, UFS, 28 de março de 2007.

_____. **Representações sobre índios em danças e folguedos folclóricos.** In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, N◦35. Aracaju: Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, 2006.

FREIRE, Felisbelo. **História de Sergipe**. 2ª edição. Petrópolis, Editora Vozes/ Governo do Estado de Sergipe, 1977.

GOMES, Geraldo. **Arquitetura Civil das Cidades Coloniais.** In: Montezuma, Roberto (Organizador). Arquitetura Brasil 500 anos: uma invenção recíproca. Universidade Federal de Pernambuco, Recife: 2002.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **O semeador e o ladrilhador**. Em: Raízes do Brasil. 26a edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: http://www.ibge.gov.br. Acessado em janeiro de 2011.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Cartas Patrimoniais**. Organização: Isabelle Cury. Rio de Janeiro, 2001.

LARANJEIRAS. **Plano Diretor Municipal: Relatório Técnico Final - Vol. 2.** Prefeitura Municipal de Laranjeiras/ Technum Consultoria. Laranjeiras: Maio, 2008.

_____. **Plano Urbanístico de Laranjeiras.** 4 vol. Salvador: GRAU (Grupo de restauração e renovação arquitetônica e urbanística) - UFBA/SUDOPE-SE,

1975.

LOUREIRO, Kátia. **Arquitetura Sergipana do Açúcar**. Aracaju: UNIT, 1999.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MARX, Murillo. **Cidade Brasileira**. São Paulo: Melhoramentos/ Edusp, 1980.

_____. **Cidade no Brasil, terra de quem?** São Paulo: Nobel/Edusp, 1991.

MENEZES, Paulo Barreto de. **São Cristóvão e Laranjeiras**. Programa Integrado de Construção das Cidades Históricas do Nordeste. EMSETUR. SUDOPE. Sergipe, 1973.

NASCIMENTO. José Anderson. **Sergipe e seus monumentos**. Aracaju: Editora J. Andrade, 1981.

NUNES, Maria Thetis. **Sergipe Colonial I**. Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2006.

_____. **Sergipe Colonial II**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

OLIVEIRA, Camila M. G. **Requalificação da Orla do Rio Cotinguiba em Laranjeiras - Sergipe**. Trabalho Final de Graduação do Curso de Arquitetura e Urbanismo. FAU-UFBA, Salvador, 2007.

OLIVEIRA, Filadelfo Jônatas de. **Registros dos fatos históricos de Laranjeiras**. 2ª ed. Secretaria de Estado da Cultura. Aracaju, 2005.

PETRARCA, Francesco. **A escalada ao Monte Ventoux**. Tradução para língua portuguesa de Vladimir Bartalini, a partir da tradução do latim para o francês feita por Denis Montebello, extraída de Joachim Ritter, Paysage - Fonction de l'esthétique dans la société moderne. Besançon, Les Éditions de L'imprimeur, 1997.

PINHEIRO, Vasco. **A Construção Arquitectónica da Paisagem Cultural.** Comunicação publicada no Congresso Internacional EURAU 08 – "Paisaje Cultural". Madrid: Janeiro, 2008.

RIBEIRO, Marcus T. D. **Conjunto arquitetônico, urbanístico e paisagístico de Laranjeiras** (Sergipe). MinC, IPHAN, DEPROT, 1995.

RIBEIRO, Rafael Winter. **Paisagem Cultural e Patrimônio**. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Evolução urbana do Brasil: 1500-1720.** 2ª edição. São Paulo: Editora Pini, 2001.

_____. **Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial**. São Paulo, Edusp: Imprensa Oficial, 2000.

_____. **Notas sobre o Urbanismo no Brasil. Primeira Parte: período colonial.** Cadernos de Pesquisa do LAP, n. 08. Universidade de São Paulo - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. São Paulo: 1995.

_____. **Quadro da Arquitetura no Brasil.** São Paulo: Perspectiva, 1997.

RITTER, Joachim. **Paisagem- Função estética na sociedade moderna**. Original: Paysage - Fonction de l'esthétique dans la société moderne. Besançon, Les Éditions de L'imprimeur, 1997. [Tradução: Vladimir Bartalini]. São Paulo, 2008.

ROGER, Alain. **O nascimento da paisagem no ocidente.** In: Conferência realizada no I Colóquio Internacional de História da Arte. Comitê Brasileiro de História da Arte/ Comitê Internacional d' Histoire de l'Art. [Tradução: Vladimir Bartalini]. São Paulo, 5-10 de setembro de 1999.

ROSSI, Aldo. **A Arquitetura da Cidade.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SERGIPE. **Plano de Restauração, Preservação e Valorização do Patrimônio Histórico Cultural de Laranjeiras**. Sergipe: Governo Paulo Barreto de Meneses, 1972.

SIMÃO, Maria Cristina Rocha. **Preservação do Patrimônio Cultural em Cidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SIMMEL, Georg. **Filosofia da Paisagem**. In: La tragédie de la culture. Paris, Editions Rivages, 1988. [Tradução: Vladimir Bartalini]. São Paulo, 2008.

TEIXEIRA, Manuel C. **As praças urbanas portuguesas quinhentistas**. In: Teixeira, M. C. (Coord.) A Praça na Cidade Portuguesa. Lisboa: Livros Horizonte, 2001.

VAZ, Lilian F. **Notas sobre as praças do Rio de Janeiro no período colonial.** In: Teixeira, Manuel C. (Coord.) A Praça na Cidade Portuguesa. Lisboa: Livros Horizonte, 2001.

ZUCKER, Paul. **Town and Square: from the Agora to the Village Green**. New York: Columbia University Press, 1959.

Entrevistas realizadas em Laranjeiras durante o mês de abril de 2010.

1 - Glauciele da Silva Lima

Tem dezoito anos, é estudante de ensino médio e reside em Laranjeiras desde que nasceu.

Entrevista

(...)

>Glauciele, se você recebesse um amigo que nunca esteve em Laranjeiras para conhecer a cidade, para que lugares o levaria?

GSL- Tem a Faculdade... A faculdade ali próxima ao Mercado... É um lugar novo.

(...)

>Você gosta de ver a cidade de cima?

GSL - É linda.

>De onde?

GSL - Do Bom Jesus. É... dá pra ver tudo.

>Quando você sai na rua qual o lugar que você mais gosta de ir?

GSL - Geralmente a praça, porque para sair da sua casa tem que ir para a praça.

>Qual praça?

GSL - A da Matriz... e a da Bandeira.

>A da Bandeira?

GSL - É. Ali perto da rodoviária.

>Tem algum lugar que você não gosta na cidade?

GSL - A Rua da Vitória...

>Rua da Vitória?

GSL – É. Eu não gosto da Rua da Vitória.

>Tem um lugar aqui na cidade que você gosta de ir no final de semana?

GSL - O murinho... tem o calçadão também... Também tem a praça de eventos né... quando tem show. É, quando tem festa.

>E na beira do rio, ali no Quaresma?

GSL - Ali é perigoso, é perigoso à noite que é quando é bom de ir. De dia não tem nada.

(...)

GSL - É essa igreja aqui olhe (se referindo a uma imagem da igreja do Bom Jesus). Daqui de cima dá pra ver a cidade completa.

(...)

GSL - Essa aqui é primeira igreja que eu vejo quando saio de casa (se referindo a uma imagem da Igreja de São Benedito).

(...)

2 - Valéria Vicente dos Santos

Dezessete anos, estudante de ensino médio, nasceu e reside em Laranjeiras. A entrevista com Valéria ocorreu durante caminhada pela cidade acompanhada de outro entrevistado, Glauciele da Silva Lima.

Caminhada com Valéria e Glauciele

(...)
(saindo da Rua da Palha e entrando na Rua Direita)
>O que vocês gostam de ver nesse caminho até o colégio?
VVS- Eu gosto de ver o meu colégio, na hora que eu chego lá para estudar.
(passando em frente à Igreja de São Benedito)
>Vocês conhecem algum caminho que sobe por aqui?
VVS - Tem um, pelo lado da igreja.
>E vai dar onde?
VVS - Lá no alto da igreja.
GSL - Olhe, subindo por aqui direto vai dar lá na Praça da Matriz.
>Vocês gostam de ir lá em cima?
GSL - É bom pra ver, pra namorar.
VVS- Aquela lá é a Igreja do Galo. E aqui é o museu afro brasileiro.
(...)
>Meninas, de que lugares vocês tirariam foto para enviar a um amigo que mora longe e não conhece Laranjeiras?
GSL - Daquela igreja com a praça do lado.
VVS- Eu tiraria da Praça da Bandeira, da praça da quadra. Lá embaixo.
(...)
VVS- Você conhece Laranjeiras?
>Eu venho aqui desde o Lambe-Sujo de 2004.
VVS- E aí, gostou?
>Gostei sim, mas foi uma experiência bem forte. Me melaram muito com aquele mel.
GSL - É ótimo... São as melhores festas pra mim, o Encontro Cultural e o Lambe Sujo.
VVS- Esse casarão aqui, olhe. Ninguém faz nada, nem derruba nem faz nada.
(...)
VVS- Aqui é o Quintalé (apontando para a rua na lateral direita do mercado).
>É por aí que vai para Santaninha, não é?
GSL - É... Olhe Santaninha ali! Para ir em Santaninha tem que falar com aquela mulher ali embaixo, olhe. Ela não deixa não.
>Eu consegui ir uma vez lá.

GSL - Eu já fui várias vezes ali. É tão bonita aquela igreja.
(...)
VVS - Aqui é o murinho que a gente fala. É esse aqui.
>Vocês vêm aqui no final de semana?
GSL - É. A gente fica aqui na calçadinha, olhando os meninos passar, né Valéria?
>Durante a semana vocês vêm pra cá também?
GSL- Eu só venho pra cá depois do colégio, aí fico aqui um pouquinho e depois vou pra casa.
>Que horas você vai ao colégio?
GSL - Pela manhã e Valéria pela tarde.
VVS - Ali é o centro de tradições.
>Vamos sentar um pouco?
GSL - Vamos.
(sentamos numa esquina em frente ao prédio da prefeitura, em frente ao "murinho").
>Todo sábado vocês vêm aqui?
GSL - Na sexta a gente já vem.
(...)
GSL - Aqui é a prefeitura.
(chegando à frente da Praça do Quaresma)
>O que é que o pessoal costuma fazer aqui?
VVS - Jogam bola aí direto (sempre).
>Mas eles fazem alguma coisa além de jogar bola nesse espaço?
VVS - Fazem corrida de argola.
>Sempre?
VVS- Quase sempre, não é sempre. É de vez em quando.
>Corrida de argola? Como é que é isso?
VVS - É no sábado. Eles colocam um anelzinho ali em cima e ganha quem conseguir de cima do cavalo pegar o anelzinho primeiro.
>E isso acontece toda semana?
VVS- Não, é difícil acontecer isso. É de vez em quando.
GSL - Aqui (Praça do Quaresma) no Lambe Sujo é muita gente. Esse espaço fica até apertado.
>Vocês costumam vir aqui, e ficar sentada na beira do rio?
GSL - Não, os meninos daqui não deixam muito não...
VVS - Se a gente sentar aqui, eles começam a jogar bola na gente... Eu gosto de ficar na praça ali sentada, vendo o movimento.
>Praça da Matriz?

VVS - É. E na Praça da Bandeira aqui também.
(agora estamos em frente à praça da bandeira)
>Valéria, você falou que gosta de ficar nessa praça, é isso?
VVS- Quando tem jogos é bom aí na quadra, a gente senta na arquibancada, começa a assistir o jogo. É bom.
>Você gosta mais dessa praça?
VVS- Eu gosto mais da matriz. Eu só gosto de vir para esse lado quando tem jogos mesmo. Eu sento ali na arquibancada e fico assistindo.
(...)
>É muita igreja aqui nessa cidade, não é?
GSL - Olhe, ali é a Igreja da Matriz!
VVS - Olhe lá, a do Bom Jesus! É ali olhe, que eu falei que é lindo. É linda essa igreja. De Bom Jesus dos Navegantes. Dali de cima a gente vê tudo, sabia? Tudo! Ali vê tudo.
(...)
>Pra onde vocês querem ir agora?
VVS - Vamos à Praça da Matriz.
(...)
VVS - Olhe ali a Rua da Vitória. É bem estreitinha.
(...)
(Chegando à Praça da Matriz)
>Vocês sabem o que é que tem mais pra lá? (apontando para a rua da Vitória)
VVS - Só tem um monte de rua.
(...)
>Que caminho vocês fazem para subir o Alto do Bomfim?
GSL - Por ali (apontando para a rua de paralelepípedo que dá em frente à praça da matriz).
>Que horas você gosta de ir?
GSL - Umas cinco e meia porque o sol é mais frio, sabe... Porque agora...
(...)

3 - Maria da Silva

Tem cinqüenta e seis anos, nasceu e atualmente vive em Laranjeiras. É funcionária aposentada da Usina Pinheiro, única usina remanescente do Vale do Cotinguiba. Trabalhou na usina plantando e cortando cana dos 12 até os 54 anos.

Entrevista

>Maria, você é daqui de Laranjeiras?
MS- Eu sou da Usina.
>Usina Pinheiro?

MS- É.

>A senhora deve ter muita história pra contar então.

MS - Nasci e me criei lá... Moro aqui tem 13 anos. Mas o resto da vida foi tudo lá.

>Quando você morava lá costumava vir até a cidade?

MS - Vinha pra cá.

>Onde você gostava mais de ir, quando vinha pra cá?

MS - Vinha pra cá pra cidade mesmo, só passear, pro centro de pesca... Naquela época não tinha nada... Eu vinha pras Festas de Reis mesmo, pra procissão. Mas eu não vinha direto não... Trabalhava, ficava cansada e não vinha.

>Trabalhava lá na Usina?

MS - É.

>Trabalhava com o que lá?

MS - Trabalhava era plantando cana. Era no campo. Plantando cana, cortando cana. Fazia tudo lá.

(...)

>Você costumava ir às Igrejas do Bom Jesus e do Bomfim?

MS - Quando eu vinha pra cá, eu ia lá na Igreja do Bom Jesus dos Navegantes e pra olhar Laranjeiras. Senão pra ir na Igreja de São Benedito. Aí eu também ia.

>A senhora participava de procissão somente na época das Festas de Reis?

MS - A procissão de São Benedito era só nessa época. A de Bom Jesus dos Navegantes era depois. Agora mesmo na quaresma, teve a procissão de Bom Jesus.

(...)

>Tinha algum lugar ao longo do percurso das procissões que você gostava?

MS - Eu gostava da procissão de Bom Jesus dos Navegantes e a de São Benedito.

>Dessas procissões, eu já acompanhei a de Bom Jesus dos Navegantes em 2008, mas não a daqui de Laranjeiras, a que sai no Povoado de Bom Jesus.

MS – É. A daqui vai pelas águas. Aqui a procissão de Bom Jesus dos Navegantes vai pelas águas. Vem tanto do navio... aí vai lá...

>Navio? Até hoje?

MS - É.

>Mas navio pequeno, né? Digo, barco pequeno.

MS - Não, barco grande, de motor mesmo... Aí vai pela maré. Quando a maré tá cheia, maré grande, aí ela vai até Aracaju. Até a Barra dos Coqueiros.

>E são muitos barcos que participam?

MS - Oxe, bem uns 10 ou mais.

>E o que é que os barcos levam?

MS - Eles levam o Santo, os padres, os representantes e as brincadeiras, as Taieiras. E o pessoal que quer embarcar vai também. É gente assim, olhe. É linda a procissão, eu gosto dessa procissão.
>E vocês entram no barco também?
MS - Eu não vou não que eu tenho medo.
>Você conhece alguém que entra no barco e segue na procissão?
MS - O pessoal daqui tudo.
>O que é que as pessoas fazem no barco?
MS - É a alegria né. O barco do santo vai à frente e o pessoal vai atrás, acompanhando, soltando fogos. É animado... é animado mesmo.
>E as outras procissões?
MS -Tem a de Nossa Senhora das Dores, que sai daqui da igreja do alto, vem aqui por essa rua, é no mês de junho, São João, no mês de Santana. Ela vem aqui por essa rua, vai, arrodeia, vem pela rua por trás e vai de novo. Passa por aqui. É tão bonito, tem tanta gente.
>A senhora ainda vai a essa procissão até hoje?
MS - Vou, ainda vou.
>Então a senhora costuma ir às três procissões?
MS - Vou... na de São Benedito, de Bom Jesus dos Navegantes, de Nossa Senhora das Dores, a de Nossa Senhora da Conceição... Essa de Nossa Senhora da Conceição sai de lá da igreja da praça e vai até a Igreja da Comandaroba.
>E quando é essa procissão?
MS - Dia 8 de dezembro. É linda essa procissão.
>De onde sai essa procissão?
MS - Do centro. Da igreja da praça. Aquela igreja...
>Igreja da Matriz?
MS - Sim, sai de lá.
>E daquelas praças do centro, qual a que você mais gosta?
MS - Das praças do centro? Rapaz, eu nem sei porque eu não ando mais nas praças.
>Mas você ia lá antes?
MS - Não... assim... só quando vou pra procissão. Somente. Nem em festa eu estou indo mais.
>Mas nas procissões você ainda vai né?
MS - Vou sim.
>Aqui tem é muita procissão né!
MS- É, tem a de Nossa Sra da Conceição, de São Benedito, de Bom Jesus dos Navegantes, tem a da Nossa Sra das Dores.

>A feira é todo sábado aqui né?
MS- É, na Areia Branca. Eu morava na Usina e só ia na feira da Areia Branca. Não vou pra feira daqui não.
>Quando a senhora era mais nova, ficava mais tempo lá na Usina ou vinha pra cá também?
MS - Eu vivia trabalhando, trabalhava de segunda a sábado. Aí no Domingo de manhã eu ia pra feira. Quando eu chegava, às vezes eu ia pra jogo.
>Lá na Usina?
MS - Sim, pegava os meninos lá na Usina e ia. Sempre eu saía, não ficava em casa não.
(...)

4 - Emerson Henrique Melo

Tem dezenove anos, é alagoano e mora em Aracaju há 10 anos. Há um mês é estudante do primeiro período do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFS de Laranjeiras.

Entrevista

>Emerson, se você tivesse que apresentar Laranjeiras através de fotos para um amigo que nunca esteve aqui antes, de que lugares tiraria fotos?
EHM - Tiraria fotos principalmente da parte histórica, mostrando as igrejas, mostrando o campus também, a arquitetura daqui, as colunas.
>Tiraria foto de algum lugar específico?
EHM - Tem esse morro aqui em cima, tem uma igreja, lá em cima. Eu tiraria foto de lá, mostrando a visão da cidade toda. A visão panorâmica da cidade e outra com a igreja e a cidade de fundo.
>E pela cidade, quais os lugares que você gosta de ficar?
EHM - Assim, a gente não parou pra andar muito. Ainda não conheço muito...
>Você gosta daqui do campus?
EHM - Eu gosto de ficar aqui no campus. É um lugar bom para conversar, pra conhecer pessoas. Gente que você não conhece, acaba conhecendo, do nada assim. O próprio campus já oferece esse atrativo né. Agora na cidade mesmo eu não sei dizer...
>Você vem aqui há pouco tempo né?
EHM – É, muito pouco tempo. A gente aqui ainda não saiu para conhecer os lugares aqui da cidade.
>E dentro do que você já viu, o que você acha bonito aqui na cidade?
EHM - O verde da cidade. A parte natural dela. As construções antigas que você não vê muito em Aracaju. As casas uma ao lado da outra.
>Você falou que conhece pouco a cidade, mas tem alguma praça que você costuma ir?
EHM - Tem essa praça aqui da frente, ao lado da biblioteca. Tem também a praça da igreja matriz que eu conheço.

>Tem alguma que você gosta de ficar?
EHM - Essa daqui da frente é a que eu fico mais.
>E você já subiu no morro?
EHM - Não, ainda não. Já subi parte do morro. Tem várias igrejas pela cidade mas aquela do morro eu não subi ainda não, mas eu tenho curiosidade de conhecer.
>Qual você tem vontade de conhecer?
EHM - Aquela bem na entrada da cidade.
>E a praça da matriz, você gosta de ir lá pra fazer o que geralmente?
EHM - Pra almoçar com o pessoal, marcar encontro.
>Onde vocês almoçam?
EHM - Aqui ao lado. Perto da biblioteca e às vezes atrás da rodoviária.
>E na praça da matriz vocês almoçam onde?
EHM - Pra mim tem duas praças, a da matriz e a da biblioteca, onde sai um corredorzinho (Calçadão Getúlio Vargas), um corredor cheio de self-service. Tem um restaurante chamado Baião de Dois.
>Você falou que tem vontade de subir na colina do Bom Jesus...
EHM - É. A gente estava procurando um caminho bom mas já descobrimos por onde ir.
>E a outra colina você tem vontade de subir?
EHM - A outra eu ainda não vi.
>Há quanto tempo você estuda aqui?
EHM - Vai fazer um mês dia 15 agora.
>Bem recente então.
EHM - É. As aulas começaram agora em março.
>E antes vocês já tinha vindo aqui em Laranjeiras?
EHM - Não tinha uma visão geral da cidade, antes eu nunca tinha vindo pra cá. Só uma vez no Encontro Cultural de Laranjeiras, mas aí eu vim com a minha família, não cheguei a conhecer aqui o campus nem a cidade em si. Eu venho aqui há um mês.

Caminhada com Emerson

(Saindo pela entrada principal do edifício do campus da UFS)
EHM - Essa praça aqui já é referência. O pessoal espera o ônibus chegar, fica conversando, aproveita e lancha nesse restaurante, que na verdade é um bar né, que tem lanche... Tem a xerox também, que a galera vai, aproveita e tira.
>Onde?
EHM - Ali dentro dessa casa rosa.
>E você costuma ficar nessa praça?
EHM - É. Eu fico esperando o ônibus. Todo mundo junto.

>Ah entendi. Então essa é a praça.

EHM - É. Essa é a praça da espera e da conversa também, onde a gente vai trocando idéia também. Na vinda o ônibus pára aqui, e na volta a gente fica esperando o ônibus aqui também pra não ter que ir até a rodoviária.

(...)

EHM - É que assim, a gente tá com pouco professor. Aí geralmente a gente só tem aula pela manhã. Só dias como hoje que ficamos aqui pela manhã e pela tarde. Aí é esse tempo que a gente tem para conhecer a cidade. Porque quando só é pela manhã, a galera tem aula e depois vai embora, vai direto pra casa almoçar. Mas dia de quarta a gente vai almoçar aí conhece a cidade um pouco, pelo menos onde a gente caminha.

>Qual o caminho que vocês fazem quando saem pra almoçar?

EHM - A gente não chega a caminhar para conhecer mesmo, a gente sempre faz o mesmo caminho, por aqui... Só sexta que pensei em trazer a máquina pra tirar foto.

>Onde você gostaria de tirar foto nesse caminho? Vai dizendo

EHM - Pra mim não tem limite, o que eu achar interessante eu vou tirando.

>Imagine que você tem uma amiga que mora longe e não conhece Laranjeiras e você precisa enviar fotos da cidade para ela. De que lugares você tiraria foto?

EHM - Tá. Vamos andando por onde eu já andei né, por onde eu conheço. De vivência, de vir com o pessoal...

>E de cabeça você saberia dizer um lugar de onde você tiraria foto pra enviar para essa amiga?

EHM - A primeira imagem que eu acho muito bonita é a das colunas do campus. Tipo assim, o sol se pondo e tal. Aquela imagem com o rio de fundo na hora do por do sol, que as colunas ficam iluminadas. Uma foto dali já seria bom, já mostrava uma coisa positiva do campus e de Laranjeiras. Pra ela ver como é diferente. Como já é estilizado para o curso de teatro, de arquitetura. Porque antes não tinha aquilo, aquelas colunas... Reaproveitaram muita coisa ali.

(...)

EHM - Aqui é tipo um corredor, aqui tem de tudo, tem xerox, tem mercearia, mercadinho, é tipo um centro da cidade. A gente já andou muito aqui pra ir à casa dos meninos, dos veteranos. A gente junta dinheiro, vai numa mercearia que tem aqui.

(...)

EHM - Tiraria foto também dessa parte verde com a Igreja Matriz de fundo. E outra da Matriz com aquelas duas igrejas em cima dos morros de fundo.

(...)

EHM - Por aqui a gente andou quando teve o trote. Todo mundo preso um no outro. A gente

conheceu meio que forçado a cidade assim.
>Foi a sua primeira volta na cidade?
EHM - Foi, foi a primeira volta oficial na cidade, todo mundo junto. Era todo mundo amarrado com aquela faixa amarela e preta que usam no trânsito, aquela fita de cuidado, aquela "não ultrapasse". Eles fizeram a gente pagar para tirar uma Xerox e no final disseram "vocês acabaram de contribuir para o trote!" Aí compraram a fita, compraram batom, escreveram na testa da gente "bicho".
EHM - Olhe também tem aquela que a serra é bem maior que a outra que eu mostrei (apontando para o Alto do Bomfim). Cadê a outra? Ah, a outra tá ali, ó!
EHM - Quando eu subi, subi na de lá. Só que eu fui até a metade do morro com um colega meu.
>Por onde você foi?
EHM - Por aqui. Eu fui com um amigo, a gente foi andando, sem ter o que fazer né, sem aula. A gente queria ver até onde a gente ia porque a gente soube que tinha uma escadaria que dá numa igreja no meio do caminho da subida e outra no fim. Mas a gente não sabia que teria uma escadaria no meio do caminho, descobrimos na subida. "Rua José do Prado Franco" (Rua Direita).
(...)
>Mas e aí, vocês conseguiram chegar lá em cima da colina?
EHM - É. A gente queria, só que já estava dando a hora pra gente voltar aí a gente terminou ficando na escadaria de uma das igrejas, que era caminho para a outra igreja, a do morro do Bomfim. Aí subindo tem mais uma escadaria pra subir mais um pouco o morro e tem uma estrada que leva para outra igreja. Mas essa só vive fechada né. É tipo uma estrada mesmo, passa carro.
>Então não conheceu a igreja (do Alto do Bomfim)?
EHM - Não.
>Tem vontade de conhecer?
EHM - Tenho. Pra ver a paisagem mesmo da cidade. Porque o que eu vi mesmo foi dos slides de Eder (professor de arquitetura), onde ele mostrou a visão toda da cidade, de vários ângulos. Ele falou que outro dia vai dar uma aula de campo pra apresentar a cidade pra gente.
(...)
>Emerson, tem algum lugar que você não gosta aqui na cidade?
EHM - Assim não tem não, eu geralmente vou procurando um lugar onde eu gosto de ficar. Esse corredor aqui, por exemplo, aqui eu não sinto vontade nenhuma de ficar por aqui (nos banquinhos na Rua Getúlio Vargas). Gosto de ficar nos restaurantes que é outro ambiente, mas fora não. Prefiro ficar dentro do campus mesmo.

(...)
(passando pela rua da universidade)
EHM - Eu não gosto muito dessa estrada de pedra aqui. Deviam fazer alguma coisa a respeito. Não gosto desses buracos.
(...)
EHM - Olhe, é ali que falei que tem as torres falsas (apontando para o alto do Bom Jesus)
(...)
(chegando à Praça do Quaresma)
EHM - Uma coisa que eu vi que achei interessante foi uns peões correndo com cavalos. Eles tinham alfinetes nas mãos e também tinha uma argolinha presa. Dos cavalos eles disputavam quem conseguia tirar a argola presa com o alfinete. E isso com os cavalos em movimento!
>Onde você viu isso?
EHM - Aqui, nesse campo (apontando para a Praça do Quaresma) na semana passada.
>Tem algum lugar por aqui que vocês gostam de para e ficar olhando a cidade?
EHM - Ainda não sentimos esse gosto.
(...)

5 - Clemilson dos Santos

Tem trinta e dois anos, trabalha como garçom em restaurante no centro histórico durante o dia e como segurança particular à noite. Vive em Laranjeiras desde os quatro anos de idade.

Entrevista

>Clemilson, imagine que você tem um amigo que mora longe e não conhece Laranjeiras, e você precisa enviar fotos da cidade para ele. De que lugares você tiraria foto?
CS - Tiraria daqui da faculdade. (Seria uma foto boa) pra quem não conhece Laranjeiras, que tá bonita agora.
>De que outros lugares você tiraria fotos?
CS - Dos museus.
>Que museus?
CS - O museu afro-brasileiro, de arte-sacra.
>Tem outro lugar que você gostaria de tirar foto para enviar para um amigo?
CS - Ali do alto do Bom Jesus, olhe. Naquela igreja lá.
>Sim.
CS - Ou no Alto do Bomfim, na outra, que fica muito lindo.
>Sei. Onde que você gosta de parar, sentar e ficar por aqui?
CS - No calçadão ou na Praça da Bandeira.
>Que calçadão?
CS - Esse aqui (apontando para a Rua Getúlio Vargas). Ou na Praça da Bandeira, depois da

rodoviária.
(Indo em direção à Rua Getúlio Vargas)
>Você gosta de ficar por aqui?
CS - Eu gosto de ficar sentado por aqui, nesse terceiro pé de árvore, em frente a essa lanchonete aqui. Eu venho lanchar, conversar com os amigos. Acho bacana aqui.
(...)
CS - Tirando ali, eu gosto muito de ficar aqui de frente à Câmara.
>E andando aqui pela cidade, o que você gosta de ver?
CS - Ah, eu gosto de andar aqui pela frente, pelo Zizinha (Colégio Zizinha Guimarães), passar lá pelo restaurante e ir lá para a Praça da Bandeira. É onde vejo muito aluno, turista, e acho lindo.
>Você tem o hábito de subir nos morros?
CS - Uma vez ou outra. É difícil por causa do tempo, sabe. Mas é lindo, quando eu tenho tempo eu subo.
>Em qual?
CS - No alto do Bomfim e no alto do Bom Jesus. Porque do alto do Bom Jesus a gente vê as festas, vê a procissão. Tem vista para o mar, pra todo canto (a partir) dos morros.
(...)
CS - Eu gosto de andar por aqui aonde eu vou te levar agora.
(...)
>Clemilson, tem algum lugar aqui que você não gosta, que você evita ir?
CS - Tem. Por exemplo, um lugarzinho ali na frente que se chama Quintalé, Comandaroba.
>Você conhece a Igreja da Comandaroba?
CS - Eu fui umas duas vezes mas... Eu tenho um colega que trabalha lá. Não é pela distância que eu não vou, é pelo local. Não sou muito chegado ali não.
>Por quê?
CS - Tem umas pessoas ali que ficam usando drogas.
(...)
>Vamos lá?
CS - Vamos.
>Quais lugares aqui você gosta de caminhar e o que você gosta de ver nesses lugares?
CS - Eu gosto de caminhar aqui pela Praça da Matriz, gosto de ver a igreja.
>Você tem o hábito de ficar aqui pela praça da matriz?
CS – Fico à noite. Perto das 8 da noite. Antes de trabalhar eu gosto de ficar aqui olhando porque é animado.
(...)

CS - Vamos até a Praça da Bandeira.
(...)
>Tem algum lugar aqui que você acha perigoso?
CS - O Quintalé, o Conjunto Manoel do Prado Franco e a Comandaroba.
> Porque você não gosta do Quintalé?
CS – Antigamente tinha uma fama que o pessoal era briguento e que não respeitava ninguém. Aí isso fica na minha cabeça. Mas até que (hoje) não está tão violento. Mas tempos atrás era perigoso.
>E o Bairro Manoel do Prado Franco?
CS - Lá é porque tem uma garotada de 14 a 17 anos que usa droga diariamente. A polícia já prendeu um bocado, mas ainda tem uns quatro errados.
>Você está por dentro né?
CS - Tô. É que eu trabalho aqui com a equipe à noite.
(...)
CS - Eu gosto daqui, olhe. Tem uma visão ótima. São duas praças. Aqui é a Praça da Bandeira.
>Você gosta de ficar sentado aqui?
CS - Ah gosto. Gosto de ficar aqui olhando o jogo, olhando os estudantes. Olhe como a visão é boa daqui, olhe. Como a área é aberta, não é?
>É. É aqui que você joga futebol?
CS - Não, é no outro.
>No campo da Praça do Galo?
CS - É. Esse daqui eu não uso não. Esse daqui é de outra turma. O de lá é mais organizado.
>Clemilson, eu posso tirar uma foto sua aqui?
CS - Pode.
>Onde você trabalha aqui à noite?
CS - Trabalho à noite aqui no centro junto à cooperativa. Naquela casinha ali onde tem um adesivo (indicando Cooperativa dos Vigilantes Particulares).
CS - Ó lá. De lá de cima dá pra ver a cidade toda, olhe.
>É, eu já fui lá. Você gosta de ficar por lá?
CS - É, eu levo a mulher e a menina e fico ali.
>Você vai sempre lá?
CS - Vou, só não vou quando vou jogar bola ou então quando vou para praia. Aí eu levo lanche lá pra cima e fico lá. Eu, ela e a menina.
>Sempre, quase toda semana?
CS - É, toda semana. A menina gosta de pastel, cachorro quente, acarajé. Aí eu já levo tudo.

>Você sobe mais nesse aqui (o Alto do Bom Jesus) ou no outro lá?
CS - Nesse aqui, que é perto da casa do meu sogro lá no outro lado, sabe. É mais próximo. E ali (no Alto do Bom Jesus) freqüenta mais gente sabe.
(...)
CS - E também eu me lembro das festas do Lambe-Sujo, que aqui (o alto do Bom Jesus) é o ponto ideal pra ver.
(...)

6 - José de Duda

Tem setenta e cinco anos, é pintor aposentado. Nasceu em Laranjeiras, residiu durante vinte anos em Alagoas, período em que costumava passar muitos finais de semana em Laranjeiras. Atualmente reside no centro histórico da cidade.

Entrevista

>Oi, boa tarde! Seu Zé de Duda?
ZD- Oi.
>É o senhor? Tudo bem?
ZD- Tudo.
>Meu nome é Lícia. Eu poderia falar com o senhor?
ZD- Sobre o que?
>É que eu estou fazendo um trabalho sobre Laranjeiras e preciso conversar com moradores da cidade pra saber os lugares que mais gostam na cidade. Se o senhor tiver disponibilidade poderia me ajudar neste trabalho.
ZD- Disponibilidade eu tenho.
>O que eu quero saber é simples e também não vai demorar muito.
ZD- Podemos sentar ali naquele banco que é melhor.
(...)
>O senhor tem quantos anos?
ZD- Eu tenho setenta e cinco.
>O senhor mora aqui perto?
ZD- Aqui nessa rua. Nasci ali, me criei, fui embora, passei trinta anos em Alagoas trabalhando.
>Sei.
ZD- Trabalhei para um empreiteiro de pintura lá em Alagoas mais de trinta anos. Mas na época minha mãe era viva e eu vinha dar assistência a ela quase todo fim de semana. Minha querida mãe.
>Sei... Seu Zé de Duda, o que eu queria saber é o seguinte, se o senhor precisasse levar um

amigo que não conhece Laranjeiras para conhecer a cidade, para que lugares o levaria?
ZD- Olhe, Laranjeiras já foi um lugar mais atraente pra certo tipo de coisa. Por exemplo, tem um lugar ali que se chama Santaninha. No alto ali tem uma igreja que se chama Santaninha, que é cheia de ouro, ouro maciço mesmo, que foi feita pelos jesuítas e que também tem um casarão. Mas isso foi antes de tombar pelo patrimônio, aí demoliram. Temos também a gruta.
>Você levaria um amigo lá em Santaninha?
ZD- Levaria, mas hoje não tem mais nada. O poder econômico né. Tomaram conta e fazendo ao seu modo. Temos ali a Pedra Furada (a gruta).
>O senhor já foi lá?
ZD- Nunca mais eu fui. Ia mais quando era mais jovem. Ainda estou jovem, sabe?
>Sei.
ZD-É uma gruta onde os jesuítas conviviam, lá tem mesa de mármore. De lá eles saíam por debaixo da terra e iam celebrar missa na Igreja da Conceição. E lá eles guardavam os "purrão" (sic).
>O que é um purrão?
ZD- É tipo um pote de barro pra guardar água. Aí eles guardavam ouro dentro dos purrão. Naquela época não tinha ladrão como tem hoje.
(...)
>Seu Zé de Duda, qual o lugar que o senhor gosta de ficar aqui em Laranjeiras quando sai pra rua? Gosta de ficar nessa praça?
ZD- Olhe aquele banco já tem o meu nome. Quando eu morrer eu vou ficar ali. Tem que reverenciar ali, botar pétalas de rosa, acender vela.
>Assim eu já vou começar a espalhar essa história.
ZD- (risos) Olhe, quer ver uma coisa assim atraente, que você vê Laranjeiras em peso? É ali no cruzeiro. Ali é muito aprazível. Ali naquela igreja lá em cima.
>No Bom Jesus?
ZD- No Bom Jesus. Ali a gente chama Alto do Cruzeiro, Alto do Bom Jesus. Aqui é tudo na base do apelido. Você indo ali com segurança à noite, com segurança né, porque a violência está geral, você vê aquele negócio, assim, parecendo com a cidade no maior silêncio. Aquilo, assim, atraente, que lhe descontrai muito. É melhor do que o Bomfim porque ali você avista tudo.
>É?
ZD- É. Você avista pra lá, avista pra cá, avista pra lá. Norte, sul, leste, oeste, ali em cima. À noite o negócio é mais bonito, mais sonoro, mais tranqüilo. Ali à noite é maravilhoso. Ali também é bom (apontando para o Bomfim) mas lá (Bom Jesus) é mil vezes melhor.
>E pelas ruas? Quais ruas vocês gosta de andar por aqui?

ZD- Isso aí não era calçadão, era pedra portuguesa, não tinha essa estrada aqui. Era uma rua como qualquer outra, com aquelas pedrinhas portuguesas.
>E o senhor gosta de caminhar por aqui?
ZD- Gosto, mas nem tanto. Eu já conheço tanto.
>E quando o senhor era mais novo, caminhava por onde?
ZD- Ah, eu caminhava muito. Gostava de brincar ali no alto junto à turma.
>Ali no Bom Jesus?
ZD- É, no Bom Jesus.
>E no Quaresma?
ZD- Ali no Quaresma, na época que tinha umas canafístulas, porque não era assim (como é agora). Ali no Quaresma era um local onde os pescadores estendiam as suas redes, eles pescavam, vinham, tiravam os seus quinhões de peixes e estendiam. Tinha um varal. Ali era só pra estender rede.
>Ali era mais baixo do que é hoje, não é isso?
ZD- Sim. E aquele trapiche que tinha ali, era trapiche de açúcar.
(...)
ZD- Essa praça aqui tinha uma espécie de uma mureta no meio. Eu era menino. Depois foi evoluindo, evoluindo, e se tornou umas das praças mais floridas do Estado de Sergipe, cheia de lírio e perfume de gardênia. Coisa linda!
(...)
>O que você achou da chegada da universidade?
ZD- Ah foi uma maravilha. Aí foi uma coisa bem vinda. Foi louvável. Eu queria que tivesse 10 mil faculdades. Porque a gente conhece outras pessoas, outros costumes. Ali tem outra universidade, olhe.
>Onde?
ZD- Ali, é a UNIT, é porque o patrimônio mandou tirar a placa. Ali naquela casa onde tem duas janelas.
(...)
ZD- Mas aqui depois da faculdade melhorou muito.
>Quando o senhor senta aqui nesse banquinho, o que é que gosta de ver aqui?
ZD- Olhe aqui eu gosto de olhar muito essa Matriz, que foi onde eu me batizei. E tem história. Aqui foi uma cidade de muitos doutorandos. Ali naquela casa vizinha à UNIT (Universidade Tiradentes), morava um doutor, filho de Laranjeiras, Doutor Heráclito Diniz, de uma família nobre. Lá naquela Praça da Conceição, tinha os Bragança, figuras ilustres, eram todos doutorandos. Tinha um padre, que vinha sempre na semana santa, que foi embora pra Recife, Padre Bragança.

>O senhor conheceu os Bragança que moravam ali em frente à Praça da Conceição?
ZD- Conheci. Ali, pronto, eu desfilei no colégio e o Bragança era intendente, não era prefeito, era intendente.
>Tem algum descendente dele vivo?
ZD- Tem a família que mora em Aracaju. Na época era dono de um hospital enorme e hoje funciona uma maçonaria. Pronto, a casa dele fica na esquina, em frente à Conceição. Nessa mesma casa morava a família do ex-prefeito José Franco Filho, que hoje é advogado, professor. Morava nessa casa.
>Quando o senhor era mais novo, onde o senhor gostava de passar o tempo aqui em Laranjeiras?
ZD- No campo de futebol, em frente à Igreja da Conceição. Ali foi campo de tradição. Ali recebia time de fora, da Bahia, pra jogar ali. Teve campeonatos como tem hoje em São Paulo e no Rio, e até aqui em Aracaju, que foram disputados naquele campo.
>Teria algum lugar que o senhor não gosta aqui em Laranjeiras?
ZD- Olhe, tem uma rua que hoje não existe mais, que a gente chamava de Rua da Cacimba, que hoje é Engenheiro Xavante. Lá era baixa meretriz, lugar onde já se matou muita gente, era uma perdição.
>E hoje em dia, ainda é assim?
ZD- Não, hoje é familiar.
>E hoje, qual é o lugar que o senhor não gosta aqui?
ZD- Uma rua chamada Boquim.
>Onde fica a Rua Boquim?
ZD- A senhorita indo por aqui, chega na Praça da Bandeira, é uma rua que dali vai sair lá embaixo. É terrível.
>Vou te mostrar um mapa pra você me mostrar exatamente onde fica essa rua.
ZD- Aqui é Ponte do Outeiro, né? Que vai para Pedra Branca?
>É.
ZD- Onde fica o Bom Jesus aqui? E a estrada que vem para Laranjeiras?
>Essa aqui.
ZD- Pronto, é essa rua aqui, depois do Quaresma. Essa que é a Rua do Boquim. É uma perdição essa rua (...)
>Onde mais o senhor brincava quando era pequeno aqui na cidade?
ZD- Por aqui pela praça.
>E perto do rio?
ZD- Não, não sei nem nadar direito. Ali naquele casarão branco, a gente brincava muito ali.
>E nas praças você brincava?

ZD- Era aqui (Praça da Matriz), no Quaresma a gente jogava bola, pulava no rio quando a maré tava cheia, pescava.
>Com que idade?
ZD- Isso com 8, 10, 12 anos.
>E você subia nas colinas?
ZD- Subia, ia até pela noite, e naquela época não tinha luz, era escuro.
>E lá em cima vocês brincavam de que?
ZD- Lá em cima a gente brincava de bang-bang, de dar tiro, mas não saía tiro, era arma de madeira que não atirava.
>O que mais vocês faziam lá?
ZD- A gente fazia piqueniques.
>Gostavam da vista de lá de cima?
ZD- A gente gostava de ver o sol nascer. A coisa mais linda do mundo. A lua também.
>Se eu pedisse para o senhor me levar num lugar bem bonito aqui da cidade, onde o senhor me levaria?
ZD- Você já foi à Igreja da Comandaroba?
>Já. É bonito ali. O senhor vai lá ainda?
ZD- Muito pouco. Muitíssimo pouco.
> E o senhor gosta de ir às procissões daqui da cidade?
ZD- Vou. Sou católico, mas não sou muito freqüentador.
> Quais as procissões que o senhor vai?
ZD- Olhe outro dia mesmo teve uma, que foi uma coisa mais sentimental, paixão de cristo, aí eu fui.
>Quantas procissões existem aqui na cidade?
ZD- Aqui são inúmeras.
>Na semana santa?
ZD- Na semana santa começa na segunda feira, desce Nossa Senhora das Dores lá de cima do Bomfim e vem aqui para a Matriz. Vai todo mundo buscar ela, que vem num caixote. Na terça vai-se buscar o Senhor do Passos, que era na Conceição, agora vem de São Benedito, porque a Conceição está meio deteriorada. Na quarta-feira é o encontro, que termina aqui. Na quinta é a procissão do fogaréu e lava-pés. Na sexta é o enterro do senhor. No sábado é a missa de aleluia e Domingo é a ressurreição. É a semana toda.
>Todo dia tem procissão?
ZD- Todo dia.
>E o senhor vai em todas?
ZD- Vou em todas.

>E a procissão de São Benedito?
ZD- Sempre foi dia 5 e 6 de janeiro, mas agora é no encontro cultural, onde tem os grupos folclóricos reverenciando São Benedito. A festa do padroeiro é no mês de junho, que é o Coração de Jesus. Em setembro tem a procissão de Nossa Senhora das Dores, que sai dali de cima (Alto do Bomfim), que o padroeiro é o Senhor do Bomfim e Nossa Senhora das Dores. Ali em cima é Bom Jesus dos Navegantes, padroeiro dos pescadores, que a procissão é fluvial.
>O senhor costuma entrar nos barcos durante a procissão?
ZD- Sim. A procissão sai lá de cima, desce, vem pela Praça da Bandeira, embarca no Quaresma e quando volta celebra a missa aqui (na Matriz) e às vezes celebra lá na Igreja do Bom Jesus, que é a missa de encerramento.
>O senhor costuma sempre embarcar, fazer todo e percurso e voltar?
ZD- Vou e volto.
>E até onde vão os barcos?
ZD- Até aquela ponte que separa Socorro de Laranjeiras.
>Existe outra procissão ou festa que utiliza o rio além do Bom Jesus dos Navegantes?
ZD- Não, só Bom Jesus dos Navegantes.
>E o que vocês fazem no barco durante a procissão?
ZD- É cantando, rezando, a banda de música vai tocando. Os grupos folclóricos vão batendo os seus atabaques, os seus bumbos - as Taieiras, os Cacumbis, a Chegança, o Cacumbi mirim - pi pi pí, pi pi pí, pi pi pí!
>Todos os grupos embarcam?
ZD- Sim, cantando, louvando, reverenciando. É uma festa muito linda. O povo usa o que tem de melhor pra vestir.
(...)
ZD- Isso aqui (Praça da Matriz) já foi uma praça de festa. As bandas de música tocavam nesse coreto. Dia de domingo, as pessoas vinham com os seus pares, namorados, casais, a juventude, rodando aqui pelo passeio e a banda tocando. Músicas clássicas, valsas, as pessoas se amando, barracas vendendo coisas por aqui. Isso aqui ia até dez, onze horas da noite. A senhorita tinha que ver o tanto de comidas típicas, grupos folclóricos, violeiros, repentistas, bacamarteiros.

Caminhada com Zé de Duda

(...)
>O senhor já conheceu aquela ruína?
ZD- Pronto, é ali em cima! Ali que fica a primeira igreja que te falei, que se chama Santaninha. Santaninha fica ali, olhe.
(...)

>Aqui é bom de caminhar né.
ZD- É bom, é um clima bom, agradável. Quando a maré tá enchendo, aí vem uma brisa assim que traz um vento saudável. Quando venta assim é porque o rio está enchendo.
(...)
ZD- Mais alguma coisa?
>O senhor poderia escolher um lugar para eu tirar um foto sua? O que acha?
ZD- Ali na Igreja.
>O senhor costuma ficar por aqui sentado em frente à igreja?
ZD- Ah sim, toda manhã. Chama-se o "senadinho".
>O senhor quer sentar para eu tirar uma foto?
ZD- Oxente (sim)! Ali é ponto de encontro de manhã, porque como não dá sol, aí até umas 10 horas da manha todo mundo fica sentado ali nos degraus. Isso é hábito antigo, é tradição.
(...)
ZD- Deixe eu me sentar.
>Pronto, tá aqui a foto.
(...)

7 - Jussara Vicente dos Santos

Tem trinta e oito anos, nasceu e atualmente reside em Laranjeiras. Trabalha como cozinheira em restaurante no centro histórico.

Entrevista

>Sara, se um amigo seu que não conhece Laranjeiras viesse pra cá querendo conhecer a cidade, para que lugares você o levaria?
JVS- É que assim, os principais pontos turísticos de Laranjeiras são as igrejas, os museus, os sobrados.
>E se tivesse uma amiga sua que morasse em outro lugar e não conhece a cidade e você quer enviar umas fotos daqui para ela, de que lugares tiraria fotos?
JVS - Dali... dali do Bom Jesus. Dali de cima você pega a cidade completa. Essa hora lá é muito bonito, você olhando a cidade de cima pra cá do alto. É muito bonito. Não tem igual não.
>Você falou que tiraria uma foto lá de cima. E daqui de baixo de que lugares você tiraria?
JVS - Da Matriz. Dessa igreja que é muito bonita.
>E pelas ruas da cidade, você tiraria foto de algum lugar?
JVS - O mercado, a rua do mercado. Você já foi ali?
>Já.
JVS - A rua do museu. Só, o restante são ruas pra ... de gente da cidade.
>Qual o lugar mais bonito da cidade?
JVS - Daqui, o lugar mais bonito... Você já foi à Igreja da Conceição? E da Comandaroba?

>Fui. Qual você acha mais bonito?
JVS - A da Conceição. É uma daqui, das pedras.
>Da rua de pedras?
JVS - Isso. Aquela rua das pedras é bonita. Aqui também na cidade. Essa praça também é bonitinha (Praça da Matriz). É que Laranjeiras na verdade está precisando de muito restauramento (sic)... dos prédios, das igrejas, pra ficar mais bonita.
>Começaram né?
JVS - É começaram, já tem uma faculdade.
>Você gostou da faculdade aqui?
JVS - Gostei muito. Desenvolve né, a cidade. A cidade tem duas faculdades agora né. Tem aquela federal e agora tem essa aqui, a UNIT.
>Essa UNIT está há muito tempo aqui?
JVS - Não, ela está aqui vai fazer um mês.
>E você sabe os cursos que tem aí?
JVS - Não. Mas essa daí está começando agora. Tem a federal que é muito bonita. Olhe aí um ponto turístico bonito, a faculdade com aquela restauramento (sic). Você já entrou lá?
>Entrei.
JVS - É muito bonito, aquelas pilastras, aquelas pedras. Muito bonita a faculdade.
> E do rio aqui, você gosta?
JVS - Não, não gosto não. Ele é muito poluído. O povo não colabora não. Pra ter uma coisa bonita é preciso colaboração dos moradores. E o rio está muito estragado.
>Você nasceu aqui em Laranjeiras?
JVS - Nasci. Não era daquele jeito.
>Quantos anos você tem?
JVS - Tenho 38. Não era daquele jeito. Agora que ficou assim.
>Quando você era pequena tomava banho de rio?
JVS - Muito banho de rio.
>Onde você tomava banho de rio?
JVS - É porque daqui não dá pra ver. Você já foi ali no campo?
> Que campo? Da Igreja da Conceição?
JVS - Sim. Ali onde tem a ponte.
>Fui.
JVS - Pois ali tem um campo. E tem o rio. Era ali.
> Era ali que você tomava banho?
JVS - Era. É porque não existia tanta poluição. Agora tem muita poluição, muita, muita.
>Quantos anos você tinha quando tomava banho ali?

JVS - Uns dez, doze anos. Porque eu morava na rua direita e o rio passava atrás. Então tinha mais facilidade pra tomar banho. Naquela época tudo era melhor. Tudo era mais fácil. Hoje não tem mais nada.
>Mas estão começando a investir né?
JVS - Estão começando a investir agora né. Eu espero que Laranjeiras volte a ser o que era antes. Tem tudo pra ser. Esses dias que você veio aqui já deu pra ver né. Tem tudo pra ser uma cidade boa e bonita. Esses prédios mesmo, velhos, se restaurarem eles todos, vai ser tornar uma cidade de primeira.
>E teria algum lugar aqui que você não gosta aqui?
JVS - Não, porque eu amo Laranjeiras, não.
>E tem algum lugar aqui que você não acha bonito?
JVS - Não tem porque eu gosto de Laranjeiras, eu já fui embora e já voltei pra Laranjeiras, porque onde eu morava, em Aracaju, não é minha cidade. Não é o povo que eu quero. Aqui todo mundo conhece todo mundo. Muitos amigos, é assim.
>Você nasceu onde aqui?
JVS - No antigo hospital, que hoje não existe mais né.
>Aquele que ficava ali ao lado da igreja?
JVS - É, que tem uma praça na frente.
>E quando você anda pela cidade, o que você gosta de ver?
JVS - Tudo, mulher. Assim... Laranjeiras é tudo pra mim. É gente boa, são amigos... Hoje eu não trocaria Laranjeiras por nenhum outro lugar. Eu não sairia daqui pra morar numa capital nunca. Você aqui tem a paz. Agora paz entre aspas né. Aqui tem gente boa e tem gente ruim também. Mas as pessoas ruins a gente releva.
>Tem algum lugar que você não gosta de ir?
JVS - A parte do conjunto.
>Que conjunto?
JVS - Ali depois da faculdade, atravessa a ponte, fica depois. Tem o CAIC, é perto do CAIC. É Conjunto Manoel do Prado Franco.
>Tem outro lugar que você não gosta?
JVS - Não, só ali mesmo, o restante eu gosto.
>Tem algum lugar que você acha perigoso?
JVS - O Conjunto, por isso que eu não gosto de ir pra lá.
(...)
>E você gosta de subir aqui para ver a cidade?
JVS - Gosto.
>Onde?

JVS - É como eu disse a você. Dali você vê a cidade toda. E também tem essa outra igreja aqui em cima.
>A do Bomfim?
JVS - Sim.
>Você gosta de subir no Bomfim?
JVS - Gosto.
> O que você gosta quando sobe?
JVS - Gosto de olhar, olhar a cidade, pensar na vida um pouco. Lá só não é bom a pessoa ir só. A pessoa ir sozinha não é bom não. Por isso que eu digo que Laranjeiras não está mais como antes. Antes você ia à vontade, voltava a vontade e hoje a gente não pode mais fazer isso aqui em Laranjeiras. A sociedade está deixando a desejar... Mas eu gosto.
>Sara, se a gente saísse pra caminhar aqui na cidade, em que lugares você me levaria pra conhecer?
JVS - A gente poderia subir aqui na igreja. Pronto você já foi nessa igreja aqui em cima? Na de São Benedito também.
(...)
>Se fosse pra escolher um lugar na cidade que você gosta de sentar e ficar, qualquer lugar, uma praça, que lugar seria esse?
JVS - Aqui não (se referindo à Praça da Matriz à nossa frente durante a entrevista). A Praça da Conceição.
>Da Conceição?
JVS - Sabe onde tem um pé de árvore bem grandão assim, no meio, na rua das pedras?
>Sim.
JVS - Pronto, eu adoro aquela praça. Muito sossegada.
(...)

8 - Célia Pereira Santos

Tem oitenta e cinco anos, é dona de casa, mora numa casa em frente à Praça da Matriz. Reside em Laranjeiras desde que se casou.

Entrevista

(...)
> Dona Célia, eu gostaria que a senhora me falasse dos lugares mais bonitos daqui da cidade de Laranjeiras.
CPS- Olhe, eu nasci em Propriá, me batizei em Propriá. Saí de Propriá e fui para Poço Verde, de Poço Verde fui morar em Simão Dias. Me criei em Simão Dias, arranjei namorado, não quis. Aí vim num casamento aqui em Laranjeiras. Nesse casamento, quando eu cheguei estava tendo a festa de Nossa Senhora da Conceição. Aí eu cheguei perto. Eu era católica de Simão Dias e

cantava, aí fiquei pra ver como era e gostei bastante. Aí, arranjei um namorado (...). Saímos à procura das festas que tinham aqui no mês de setembro, aí nós fomos para essa festa: era o Toré.
>Toré?
CPS- É, de Nagô. Bem, ficamos lá, gostamos. Aí chegou um menino junto de mim: E você, de onde é, minha filha? Aí eu olhei assim: Sou de Propriá, mas tem muito tempo que moro em Simão Dias. Aí ele: Ah, você mora em Simão Dias? Aí fiquei conversando com ele, conversando com ele, e daí a pouco, olhe a gente namorando.
>Quanto anos a senhora tinha?
CPS- Eu tinha 15 anos... (conta em detalhes como conheceu o marido e o que aconteceu depois)
(...)
CPS – (...) Ele já tinha casa aqui, já tinha comprado tudo, mãe consentiu. Passou um, dois meses, aí casamos e vim morar aqui.
>Onde vocês casaram?
CPS- Nessa igreja aí (Matriz), e o padre foi esse aqui olhe. Se chamava Padre Filadelfo. (...) Ficamos casados (...) e há cinco anos Deus levou ele.
>Vocês viveram muito tempo juntos.
CPS- Oxe, muito tempo. Eu tenho filha de sessenta anos. Tenho muitos netos, tenho bisnetos (...)
>Quantos filhos a senhora tem?
CPS- Tive nove (...). Agora ela vai falar com você que eu não sei mais de nada (apontando para a filha).
>A senhora gosta das outras igrejas também?
CPS- Minha filha, é como eu falei a você. Primeira coisa, eu era torezeira, andava nos Toré. E a mãe dessa menina que mora aqui era a Torezeira. Sabe o que é Toré? Coisa boa (...)
(Explica experiência em que o padre tentava convencê-la a largar o Toré e a freqüentar os cultos da Igreja Católica)
>A senhora gostava do Nagô então?
CPS- Gostava.
>Era com a Mãe Bilina?
CPS- Não, a minha convivência era na casa da mãe daquela menina que trouxe você aqui. A mãe dela era torezeira. (...) Eu gostava muito do Toré. (Fala do tempo que freqüentava os cultos de "Toré", como gostava das danças e das roupas que usavam nos cultos)
(...)
>A senhora acha a cidade bonita?

CPS- Já achei bonita, mas agora... Eu gostava muito de Laranjeiras mas de certo tempo pra cá... é problema e mais problema...
>O que era que a senhora achava bonito antes?
CPS- As procissões eram lindas. As festas daqui também, o Micareme, que tem o Botafogo, Laranjeirense, Gaviões, Águia de Ouro.
>A senhora acompanhava as procissões?
CPS- Eu caminhava, acompanhava a procissão, ia à igreja, rezava. Dia de domingo ia à igreja pra comungar.
> A senhora ia à procissão de São Benedito?
CPS- Ia.
> E às da Semana Santa?
CPS- Ia também (...). Olhe, eu vou dizer a você, quando eu me casei eu achava Laranjeiras muito bonita, até as festas. Mas nas festas de hoje eu vejo problema, briga, não tenho nem gosto. Eu tenho até medo.
>Mas antes, quando a senhora era mais nova, achava a cidade bonita então...
CPS- Ave Maria... Gostava, gostava divinamente.
> Quando a senhora era mais nova costumava subir nas colinas?
CPS- Subia, subia essa daí, do Bom Jesus.
> Porque a senhora subia?
CPS- Subia pra olhar a cidade. Ali em Bom Jesus dos Navegantes eu também gostava de subir com a procissão. Bonita né. Levava a cadeira e ficava lá.
>A senhora participava da procissão de Bom Jesus dos Navegantes quando eles embarcavam no Rio Continguiba?
CPS- Umas duas vezes, mas depois que um foguete caiu numa canoa eu não fui mais.
> Eles soltavam foguetes nessa procissão?
CPS- Soltavam, mas não soltam mais. Soltam menos e os de hoje não são de fogo. Agora é pistolão. (...) E eu vou dizer a você, a gente ia até perto de Aracaju.
>Agora eles só vão até a ponte entre Laranjeiras e Socorro, né isso?
CPS- É, é por causa do rio. O rio tá ruim agora e não pode ir. (...) Aqui, antigamente, a cidade era jóia. Era muito boa.
>A senhora tomava banho de rio?
CPS- Eu tomava.
>Em que local você tomava banho?
CPS- No meu quintal. No fundo da casa passava o rio. Lavava roupa, tomava banho, nadava. (...)
>Era bom andar pelas ruas da cidade?

CPS- Era.
>O que a senhora achava mais bonito quando caminhava pelas ruas?
CPS- As procissões. As pessoas cantavam, com suas bandeiras, vestidas de santa na novena do mês de junho. Muito lindo. A novena daqui é linda. Antigamente Laranjeiras era um lugar bonito. Agora...
>O que a senhora achava dos edifícios, das construções da cidade?
CPS- Eu achava bonito o calçadão (Rua Getúlio Vargas).
>A senhora costumava ficar ali pelo calçadão?
CPS- Eu ia pra sentar no banco. Hoje é calçadão, naquele tempo era paralelepípedo. Hoje está mais bonito.
>A senhora presenciou alguma enchente aqui na cidade?
CPS- Pois, eu ia nadar. Eu brincava com o rio. Já peguei o rio chegando ali no meio da Igreja do Galo.
> Quando a senhora chegou aqui em Laranjeiras era comum as ruas se encherem de água?
CPS- Não, quando eu cheguei aqui que me casei não tinha nada disso. Eu não morava aqui, morava na Rua Vitória. Não tinha nada disso não.
>A água não chegava lá?
CPS- Não, não, não. Agora quando enchia, vinha nas ruas todinhas e o povo de guarda-chuva só vinham olhar.
>Era ali na região do mercado que enchia?
CPS- Ali o rio levava até geladeira, colchão.
>Isso tem muito tempo?
CPS- Tem... muitos anos. (...) Na época de enchente, a feira chegou a mudar de lugar e foi ali à frente da Igreja Matriz.
>A senhora ia à feira mesmo em dia de enchente?
CPS- Eu não que eu tinha medo. Eu era medrosa, filha. Começava a encher, logo vinha embora. Eu sou nervosa, toda vez eu ficava nervosa.
Filha da Dona Célia- Teve uma enchente que precisaram tirar uma mulher de saveiro da casa dela, porque ela não queria sair. Ela morava num sobrado ali perto do mercado.
>Isso foi há muito tempo?
CPS- Tem, tem muito tempo.
>Uns 40 anos?
CPS- Acho que mais que isso. Foi a cheia mais forte que teve aqui, derrubou casa... Tinha gente que andava com água na cintura.
Filha da Dona Célia- Sabe ali onde é a universidade? Ali naquele sobrado morava gente. Aí o pessoal não conseguia sair. Então eles sacudiam portas de um lado para o outro, de que

jeito eu não sei, para poder amarrar e puxar as pessoas dali. E isso enquanto a correnteza puxava.

>Era rápido que o rio enchia?

CPS- Oxe, e esperava nada! O pessoal ficava no prejuízo. Era geladeira, cama, fogão, tudo rio abaixo. E a gente vendo.

>Qual era a sua idade quando teve essa enchente?

Filha da Dona Célia- Eu tinha uns 10-12 anos.

>Você é de que ano?

Filha da Dona Célia- 1952.

>Então deve ter sido próximo ao ano de 1965.

Filha da Dona Célia- É, por aí.

(...)

>Dona Célia, Laranjeiras tem muitas praças. Tem alguma que a senhora gostava mais?

Filha da Dona Célia- Pergunte qual a praça que ela namorou mais. Qual era a praça que a senhora ia com papai?

CPS- Ah a minha vida era aqui nessa praça. (...) Olhe, quando eu me casei eu fui morar numa casa ali no oitão da Escola João Ribeiro. Depois fui morar do outro lado da Igreja do Galo, na Rua Direita, passei dois anos ali. E depois comprei uma casa na Rua da Vitória. Aí foi quando Deus me ajudou que eu vendi a minha casa em Aracaju e comprei essa. E estou aqui agora. (...) Estou satisfeita. Estou satisfeita que o velho conseguiu. Mas Deus o levou, o que vou fazer? Estou aqui, sentadinha no trono, esperando a minha hora, né? Agora, tão cedo eu não vou não, filha.

(...)

CPS- Eu como. Como, viu! Mas como de verdade. Qualquer coisa eu tomo isso aqui, aí fica tudo bem. E estou aqui conversando com você. Não tem quem diga. O pessoal fica admirado quando eu digo que tenho 85 anos. Os outros dizem: Célia, enquanto os outros diminuem a idade você aumenta a sua. E eu digo: Não, meu filho, eu tenho essa idade mesmo. Eu tenho essa idade, não vou mentir. Aí dão risada.

>Então a senhora vinha muito nessa praça aqui?

CPS- Desde que vim morar aqui na frente da igreja, tenho acesso a tudo aqui em Laranjeiras. Sento aqui e daqui vejo as festas todinhas da cidade. Daqui eu não saio.

>Tem é coisa bonita que passa por aqui então.

CPS- Sim. Olhe, não vá embora agora não! Fique mais. Vai ser agora em maio o Micareme, que tem o Laranjeirense, Bota-Fogo, Gaviões, Águia de Ouro. Você vai ver. É agora em maio. Amanhã tem ensaio aqui.

(...)

9 - Ana Maria do Carmo Santana Santos

Tem sessenta anos, é pescadora desde os dez, nasceu e atualmente reside em Laranjeiras.

Entrevista

(...)

>Eu gostaria de saber os lugares que a senhora acha mais bonito no centro de Laranjeiras.

AMC- A igreja, o calçadão.

>A senhora pesca por ali?

AMC- Pesco mais pra baixo.

>E ali perto do centro histórico, a senhora pesca?

AMC- É já pesquei ali.

>Vocês vão de canoa?

AMC- A gente vai de canoa, vai por terra. Pega peixe, pega sururu.

>Vocês pescam de dentro da canoa?

AMC- A gente chega de canoa, entra no mangue, pesca de redinha. A gente pesca camarão também.

(explicando o processo de pesca)

AMC- A gente pesca naquele rio da Pedra Branca, porque naquele rio de Laranjeiras não dá pra pescar não.

>A senhora gosta de caminhar ali no centro da cidade?

AMC- Gosto.

>Onde a senhora gosta de ficar?

AMC- Eu gosto de ficar ali no calçadão.

>Em que lugar perto do calçadão?

AMC- Ali no calçadão perto do mercado, perto da lotérica. Gosto de andar na cidade, de ir na farmácia, no banco... Desde pequena que eu pesco, minha filha.

>Qual a idade da senhora?

AMC- Sessenta anos. É que a gente não sabe ler, não sabe nada, sabe.

>Mas sabe muito de pescar, né?

AMC- Ah, de pescar eu sei. A lama vem até aqui, olhe. A gente pega aquelas tainhas, aquelas surimãs. Tudo grande. Uma pesca de rede, outra pesca de mão. A gente mete a mão e pega assim de sururu, olhe. Você conhece sururu?

>Conheço, e gosto muito de comer. Gosto de caldinho de sururu.

(explicando sobre o trabalho de pesca)

AMC- (...) A ostra agarrada no pau, a gente tira com o ferro, com uma faca.

>Desde que idade a senhora pesca?

AMC- Desde os 10 anos.

>A senhora gosta das procissões que têm em Laranjeiras?
AMC- Gosto.
>A senhora participa de todas as procissões?
AMC- Todas não. Fui agora para aquela de Nosso Senhor Morto.
>Quando é essa?
AMC- Na Semana Santa. Vou na procissão de Bom Jesus dos Navegantes.
>É uma que é no centro da cidade?
AMC- É, no centro.
>A senhora sobe nos barcos durante a procissão?
AMC- Subo.
>E até onde vão aqueles barcos?
AMC- A procissão que sai de Laranjeiras vai até essa ponte que a gente passa.
(a entrevista foi feita de dentro do ônibus indo para Laranjeiras)
>A procissão chega até Aracaju?
AMC- Não.
(...)
(fala dos nomes de vários rios da região)
>Que outras procissões a senhora costuma ir?
AMC- Na de São Benedito (em janeiro), também vou na da Mussuca, na da Pedra Branca.
>A senhora gosta das praças de Laranjeiras?
AMC- Gosto das praças.
>Qual a praça que a senhora gosta?
AMC- Aquela perto do banco (da Matriz). Tem a praça da igreja. Tem aquela perto da rodoviária.
>A senhora gosta de sentar e ficar nas praças?
AMC- Gosto de ficar no banquinho naquela da igreja .
>A da matriz?
AMC- É.
>Já subiu ali naquelas igrejas lá do alto?
AMC- Aquelas de lá eu subia, mas agora minhas pernas não agüentam mais não.
>Mas a senhora gostava de subir ali?
AMC- Gostava, eu ia pra procissão. Ia visitar uma tia minha e passava o dia todo com ela e ficava ali levando uma fresca.
(falando sobre o trabalho de pesca)
>Onde a senhora vende os peixes?
AMC- A gente vende em Laranjeiras, na porta.

>E no mercado, a senhora vende?
AMC- Vendia, quem vende lá agora é o meu marido e os meus filhos.
>Depois de vender na feira a senhora ficava pela cidade?
AMC- Ficava.
>Pra onde ia?
AMC- Pra casa das amigas, pro jogo.
>Onde era esse jogo?
AMC- Ali em frente à delegacia.
>Em frente à Igreja do Galo?
AMC- É, por ali.
>Era jogo de que?
AMC- Jogo de futebol.
(falando freqüentava os jogos de futebol desde os 13 anos e que agora as filhas jogam tanto em Laranjeiras como em outros lugares)
>A senhora gosta de ver apresentação dos grupos folclóricos da cidade?
AMC- Gosto do Reisado. Essa menina minha (apontando para a filha ao lado) já dançou muito o Reisado. Só saiu porque casou.
>Tem algum lugar aqui na cidade que a senhora não gosta?
AMC- Por aqui tudo eu gosto.
>Qual é o lugar que a senhora acha mais bonito aqui?
AMC- Mais bonito? Ali na praça. Na praça perto da igreja.
>Da Igreja da Matriz?
AMC- É, ali eu acho bonito. Eu gosto de ficar mais ali naquela praça.
>Se fosse para tirar uma foto da cidade e enviar para um parente que mora longe, de que lugar tiraria a foto?
AMC- Dali da Igreja.
(...)

10 - Estevão Andrade dos Santos

Tem vinte e cinco anos, é paulista de Santo André, mora no centro histórico da cidade desde 2007, é estudante de Teatro da UFS de Laranjeiras.

Entrevista

>Estevão, você mora aqui em Laranjeiras há quanto tempo?
EAS- O curso começou em 2007 e eu cheguei uns três, quatro meses antes. Cheguei aqui no final de 2006.
>Em 2006 você já veio para Laranjeiras então?

EAS- Não, primeiro eu vim para Aracaju, num Bairro chamado João Alves. Mas assim que eu passei no vestibular eu vim pra cá. Eu sou o primeiro estudante residente da Universidade aqui em Laranjeiras. Ainda não existia o programa aqui, aí tive que brigar para abrir o programa aqui.

>Como é esse programa?

EAS- É um programa de residências universitárias. É que as outras universidades federais têm os prédios para residência dentro da própria universidade e aqui não existe isso. Eles disponibilizam dinheiro, a casa é alugada e há esse controle dentro da universidade. Aí existem os residentes universitários, diretamente ligados à universidade e residentes autônomos.

>É uma bolsa que eles dão aos estudantes?

EAS- É uma bolsa de manutenção que paga aluguel, água, luz, gás, produtos de limpeza.

>E a residência é perto aqui do prédio da faculdade?

EAS- É, fica aqui atrás da rodoviária. Mas eu já morei em três casas, porque primeiro eu morei sozinho e depois foram chegando outros estudantes. Hoje são permitidos oito estudantes por casa.

> Quantas casas funcionam como residência universitária aqui em Laranjeiras?

EAS- Tem duas residências masculinas e duas femininas.

>Estevão, imagine que você tem um amigo que mora longe e não conhece Laranjeiras, e você quer enviar fotos da cidade para ele. De que lugares você tiraria fotos para enviar?

EAS- Das igrejas. Foi a primeira coisa que mais me chamou a atenção. A cidade tem muita igreja. Uma está sem atividade, e outras estão em ruínas. Então isso me chamou muito a atenção. Eu falei: "gente, quanta igreja!". Cada parte de morro aqui tem uma igreja. Nesse morro aqui tem uma, só que está em ruínas. Eu pensei: "gente, que loucura!". Como pode uma cidade que não é tão grande ter tanta igreja? Aí eu procurei saber o porquê dessas coisas com as pessoas da cidade e entendi que essa quantidade era uma forma de controle. Havia transferência de ouro de uma igreja para outra. Eles controlavam invasões também através das igrejas. Então, a primeira coisa que me chamou a atenção aqui em Laranjeiras foram as igrejas.

> Você escolheria para foto alguma igreja específica?

EAS- A Igreja Matriz, que é o Sagrado Coração de Jesus. Eu acho que ela tem uma beleza muito grande que ela é do período barroco. É lindíssima por dentro. No início de 2007, foi rodado um filme aqui. Então tem uma cena desse filme que é dentro da igreja que é lindíssima. O filme eu não gostei tanto, mas a cena que tem dentro na igreja é lindíssima.

>Qual é o filme?

EAS- Orquestra dos Meninos. Foi rodado aqui com a Priscila Fantin e o Murilo Rosa. E os atores são todos alunos do Curso de Teatro daqui da UFS.

>Estevão, e se viesse um amigo ou parente de fora para conhecer a cidade, para que lugares você levaria?
EAS- Eu não sou muito de sair aqui em Laranjeiras. Só pode ser aqui em Laranjeiras?
>É.
EAS- Primeiro eu levaria às igrejas, depois ao museu de arte sacra e ao museu de cultura afro.
>Em que igrejas você levaria a pessoa?
EAS- À Igreja do Sagrado Coração de Jesus, que é a Igreja Matriz, e às duas que ficam bem no alto, que é a Igreja do Alto do Bomfim e a outra esqueci o nome...
>A do Bom Jesus?
EAS- É, a do Bom Jesus dos Navegantes.
>No início você falou da igreja que fica nesse morro aqui mais próximo à faculdade.
EAS- É, tem essa aqui que está em ruínas que eu acho lindíssima para fotografar. Eu até fico imaginando que uma pessoa deveria fazer um editorial utilizando essas ruínas de fundo, que eu acho tão bonito.
> Qual o lugar que você acha mais bonito na cidade?
EAS- Eu acho aqui, o campus. E não é só por causa da nossa trajetória, porque foi uma luta muito grande para construir esse campus. Mas porque depois que ficou pronto é possível ver uma junção de coisas. Uma coisa moderna com o que já existia, com a coisa histórica. E também porque é possível utilizar esse espaço para apresentações de teatro. E isso possibilitou para nós, alunos de teatro, fazer montagens aqui utilizando todo o espaço, as pilastras, os bancos. Toda essa parte aqui é muito cenográfica. E virou, querendo ou não, um cartão postal da cidade. Agora todas as pessoas que vêm aqui querem conhecer o campus. E ficou taxado como o Campus das Artes, né.
> É.
EAS- E eu gosto muito daqui. Não sei se é porque eu passo a maior parte do dia aqui dentro.
>Estevão, e qual é o lugar que você não gosta aqui na cidade?
EAS- Não é que eu não goste. Eu acho que precisa de um pouco mais de atenção por parte do poder público. Foi o primeiro bairro que eu morei aqui, o Conjunto Manoel do Prado Franco.
>Porque você não gosta?
EAS- Não tem infra-estrutura que facilite o acesso. É tão próximo ao centro e não tem o olhar devido, a infra-estrutura necessária. Eu não vejo empecilho para viabilizarem ruas melhores, saneamento básico, água, essas coisas, sabe.
>Tem algum lugar que você acha feio aqui?
EAS- Em Laranjeiras, pra mim é a entrada da cidade.
>Onde exatamente?

EAS- Onde fica a BR. Lá embaixo, onde eles estão construindo.
>Porque você acha feio?
EAS- É que, para uma cidade histórica, era uma entrada muito estranha. Eu não sei o que eles pretendem fazer agora. Mas, antes das obras, era péssimo.
> O que você acha do rio aqui na cidade?
EAS- Eu acho uma maldade. Tanto por parte da população, como do poder público que parece que fecha os olhos para ele. Porque quando você procura saber sobre o rio, você ouve que aqui as pessoas nadavam, as pessoas pescavam pra se alimentar e, hoje em dia, é essa calamidade. É uma coisa cultural, as pessoas jogam lixo, encanamentos saem das residências e desembocam direto no rio. Então eu acho que tanto o poder público quanto a população precisa trabalhar muito nesse sentido para poder mudar essa situação. Olhe, em 2008 teve uma enchente aqui que inundou toda essa parte da cidade. Um tanque, alguma coisa assim, estourou numa cidade, e as águas vieram com tudo aqui para Laranjeiras.
>Inundou o centro histórico?
EAS- Sim, inundou. Só que o Campus ainda estava em construção. Eles disseram que já fizeram um trabalho de limpeza do rio. Mas você sabe que é tudo muito "fake", né.
>Eles, quem?
EAS- As pessoas envolvidas com a universidade, que era o IPHAN, o Governo Federal, Secretaria de Cultura, Secretaria de Educação. Porque o campus da Universidade Federal daqui é uma parceria entre Prefeitura de Laranjeiras, Universidade, Governo do Estado, Ministério da Educação e Ministério da Cultura (...)

Caminhada com Estevão

>Estevão, eu queria saber em que lugares vocês levaria um amigo seu para conhecer a cidade.
EAS- Ah eu levaria na Igreja Matriz, que eu acho bonito, ao Museu de Arte Sacra, ao Museu Afro Brasileiro. O que eu mostraria para uma pessoa que vem de fora são os prédios antigos, que eu acho que é o atrativo e a beleza da cidade. É isso.
> Quais os lugares que você gosta de ir e passar um tempo aqui na cidade?
EAS- À noite, juntar um grupo de pessoas - eu acho muito interessante, muito bonito – e ir à Igreja de Bom Jesus dos Navegantes e ver como é a cidade à noite toda iluminada. É muito diferente, é muito diferente. Parece que estamos olhando uma cidade que não é Laranjeiras. Porque aqui, andando nas ruas, é uma visão que você tem e, olhando de lá à noite, é outra.
>É outra?
EAS- É. Às vezes eu gosto de ir lá, quando eu estou com o pessoal da residência, vou passar as horas, ficar pensando em outras coisas. É bem interessante, lá.
>E aqui pelas ruas, qual é o lugar que você gosta?

EAS- Assim, de vez em quando, no final de semana, o mais relax é a praçinha. Como eu sou de São Paulo... lá a vida é muito agitada, aí quando eu venho pra cá, sentar na praçinha é remeter às histórias contadas em livros, que tudo gira em torno da praça. De um lado a prefeitura, do outro a igreja, e a praçinha no meio. E aí à noite a única atração que tem para o povo, é ficar na praçinha. Então aqui tem muito isso. Aí às vezes eu vou pra lá, fico com os meninos da residência e eu fico (pensando): Meu Deus do céu, tanta coisa que eu já escutei sobre isso, e hoje eu estou vivendo! Estou vivenciando! É um dos lugares que eu venho no final de semana.

>Nessa praça aqui da Matriz?

EAS- É. Dessa Igreja, que é do Sagrado Coração de Jesus.

>A primeira vez que você chegou aqui que começou a caminhar pela cidade, o que te chamou a atenção de diferente?

EAS- Ali, onde tem o prédio da universidade, foi a rua. Porque são pedras antigas que, ainda bem que elas permanecem, porque fazem parte da história. Então sabe... essas coisas permanecem para que as pessoas que vêm de fora tenham contato com isso... É claro que é preciso que haja um nivelamento daquelas pedras, que sejam arrumadas para que carros menores passem. Me chamou muito a atenção isso. Logo depois de a gente andar e as pessoas me mostrarem as pedras, eu fiquei imaginando: Meu Deus do céu, isso aqui deve ter tanta história, o tanto de coisa que deve ter acontecido nessas pedras, as pessoas importantes que passaram por aqui, os negros que foram açoitados, que foram humilhados. Gente, essas pedras têm muita história! Então já teve enchente... e essas pedras ficaram submersas. Meu Deus, e eu poder estar pisando nisso agora...

(passando em frente à Igreja Matriz)

EAS- Então, uma das coisas que eu acho muito bonita aqui na cidade é essa igreja.

(chegando à frente da Praça da Matriz)

EAS- E aqui é a praçinha que eu falei. O pessoal senta, compra alguma coisa pra comer e fica só olhando a vida dos outros, apontando: "olhe, fulano!" Sabe? Aquela coisa bem de interior. E eu falo pra dar risada, né? Porque é engraçado.

>O que é que te chama atenção aqui além da igreja e da praça que você falou?

EAS- As igrejas que estão nos morros. Eu fico meio abismado quando eu chego aqui. Você olha e para tudo quanto é lado e cada morro tem uma igreja.

>Posso tirar uma foto sua num lugar que você gosta daqui?

EAS- Tá. Pode ser no campus?

>Claro.

(...)

11 - Fernanda Oliveira

Tem vinte e três anos, é estudante, trabalha na Biblioteca da UFS de Laranjeiras e mora em Aracaju.

>Qual a primeira vez que você veio a Laranjeiras?

F- No dia em que eu vim trabalhar. Eu não conhecia nada. Eu só escolhi por nome, pra fazer concurso. Não conhecia a cidade, só passava lá pela BR e via que aqui era Laranjeiras. Quando cheguei aqui era tudo novidade.

>Quando foi que você começou a trabalhar aqui?

F- Em agosto de 2008. Foi a primeira vez que eu vim aqui. Já vim para trabalhar.

>Você lembra a primeira vez que você veio aqui o que te chamou a atenção na cidade?

F- A rua de pedra e a dificuldade que o carro teve de passar nela. (...) É uma coisa que eu até falo que acho bonito, é aquela rua de pedra, porque me lembra essas novelas de época. E também me lembra as cidades históricas que eu tive contato, Olinda e algumas coisas em Salvador.

>Qual é o lugar que você acha mais bonito aqui na cidade?

F- Olhe, eu gosto dos prédios antigos. Agora assim, depois que a universidade foi reformada, eu acho que é um dos prédios que mais se destaca, até pela restauração ter sido recente né. Aí está embelezando a cidade de uma maneira geral. Tem uma escola que eu acho bem bacana, que é perto de uma praçinha. É que eu não sei dizer o nome da praça. Sabe o Colégio Zizinha (Guimarães)?

>Sei.

F- É ali ao lado. Tem uma casa antiga, que eu não sei, tem algum nome escrito. Lourdes, qual é aquele prédio em frente ao Zizinha, que tem um jardinzinho? É um prédio salmão, se não me engano a cor.

Lourdes- Deve ser o Fórum ou a Igreja Presbiteriana.

F- Não sei se é a Igreja Presbiteriana... Eu acho que é a Igreja porque tem uma gradezinha. É a Igreja, não é o Fórum não.

(...)

F- Ah, tem outra coisa que eu conheci depois. É aquela igreja lá da colina, que é muito linda, a visão de tudo, não a igreja em si, mas o que a gente consegue ver de lá. É linda a paisagem lá de cima. Aquela igreja que a gente consegue ver da rodoviária, como é o nome?

Lourdes- Bom Jesus dos Navegantes.

F- Pronto, aquela lá.

>Porque você gosta de lá?

F- Por causa da paisagem. Não da igreja em si, porque a igreja estava fechada. Eu não tive nem como conhecer no dia que fui lá. Mas a paisagem que a gente vê tudo.

>Isso foi no Alto do Bom Jesus ou do Bomfim?

F- É aquela lá.
>Você subiu em dois morros?
F- Eu subi em dois. Aquela dali é bonita também mas eu gostei mais dessa.
>Pelo mapa você consegue dizer qual é o morro?
(mostro o mapa)
F- É esse daqui, olhe. É essa da rodoviária. Da rodoviária dá para ver ela (apontando para o Bom Jesus). E essa daqui eu fui também, que tem uma igreja lá no topo com um cemitério no fundo (apontando para o Bomfim). Mas eu prefiro essa visão aqui (Bom Jesus).
> Que outros lugares você gostou de ter conhecido na cidade?
F- Então, eu não conheci muito. Eu fui nessa igreja, dei uma voltinha aqui pelo centro e fui uma vez nessa. Eu só conheço essas duas e aquela que eu falei que só conheço por fora.
> Dentro do tempo que conhece a cidade, você consegue eleger um lugar que mais gosta aqui em Laranjeiras?
F- O lugar que eu mais gosto na cidade? (...) Eu elegeria essa mesma igreja (Bom Jesus). Eu só fui lá uma vez mas foi o que eu achei mais bacana.
>Você saberia dizer por que você gosta mais de lá?
F- Não exatamente. Então, é isso, eu acho que é o lugar mostra mais a beleza da cidade. É o lugar que mostra mais a beleza porque você vê a cidade de cima. É muito alto lá. Eu não sei se é porque eu levei um susto no dia que eu fui à colina do Bomfim e o sino tocou e eu estava na parte do cemitério. Eu fiquei traumatizada. Aquele sino não toca de hora em hora? Então, eu estava lá em frente à porta do cemitério! (...) Mas tem uma ponte bonita, uma imagem tão bonita da ponte desse ângulo aqui.
>E você gosta de andar pela cidade?
F- Foram duas vezes que eu passeei pela cidade. Uma vez que a minha sobrinha estava aqui e a outra vez quando a minha mãe veio. Mas, assim, pra eu sair e passear pelas ruas da cidade, não acontece.
>Nas vezes que você caminhou pela cidade, o que te chamou a atenção?
F- Eu caminhei pouco, foi essa igreja aqui perto do fórum, foi o que eu mais gostei.
>Qual o lugar que você não gosta aqui na cidade?
F- Não é que eu não goste, é a beira do rio. Eu acho que ela está muito mal-cuidada. O rio, que poderia ser outro atrativo não está recebendo a devida atenção e está muito feio. A água está escura, poluída e cheio de coisa feia.
> Tem algum lugar que você acha feio aqui?
F- A entrada da cidade. Mas não é essa via aqui perto não, é lá naquele povoado da entrada.
>Você fala do Povoado Pastora que fica ao longo da via de entrada da cidade?
F- É, porque, para quem chega, é a primeira impressão que se tem da cidade.

>Então você não está falando exatamente do ponto de entrada da cidade, mas de um trecho ao longo da via de entrada, é isso?
F- É. Até aqui na beira do rio tem umas casas que dão a impressão que vão cair do morro.
>Das vezes que você caminhou pela cidade você lembra de algum lugar que você gosta de sentar e ficar lá?
F- Eu ficaria lá, na frente da igrejinha.
>Qual igrejinha?
F- A do Bom Jesus dos Navegantes, lá em cima. Lá em cima é muito bom, o clima, tudo.
>Fernanda, imagine que viesse para cá uma pessoa de fora que não conhece Laranjeiras, e fosse um amigo seu que mora fora, e você tivesse que escolher lugares da cidade para levar esse amigo. Pra que lugares você levaria?
F- O lugar mais fácil, em primeiro lugar seria o campus, que eu até digo que é o prédio mais bonito de toda a Universidade porque ficou muito legal a restauração. O campus está muito bonito. As duas colinas e aqui o centro histórico, que tem os museus, que é um pecado que eu não conheço ainda, ainda não fui no Afro nem no de Arte Sacra. Daria uma volta pelo centro. Também tem a Casa de Cultura João Ribeiro que é aqui ao lado, que eu também levaria. É o que eu conheço.
(...)

Caminhada com Fernanda

F- Vamos por aqui. (...) Olhe a situação dos prédios. O poder público não toma conta. Não é como em Olinda que é tudo bonitinho, aquela coisa linda. É muito descuidado aqui. (...) Olhe a rua de pedra que eu te falei que me chamou a atenção.
> Imagine que é a minha primeira visita à Laranjeiras e você vai me apresentar à cidade.
F- Ah mulher, se a gente estivesse de carro, a gente iria subir. Olhe lá a igreja.
>Vamos onde é possível ir caminhando mesmo.
F- Mas é que como eu não sou da cidade eu não sei o nome dos lugares.
>Não precisa saber o nome, só me leva nos lugares onde você conhece.
F- Então a gente vai à igreja que eu te falei.
>Tá bom.
F- Tem esse calçadão aqui. Você já conhecia a cidade?
>Eu venho aqui desde 2004, quando eu comecei a pesquisa para o meu trabalho final de graduação.
F- Aqui tem os prédios históricos que estão restaurados e servem para alguma coisa, os bancos, a câmara (passando pelo Calçadão Getúlio Vargas).
>Você costuma sentar e ficar por aqui?
F- Nunca sentei. Não posso dizer nem que gosto e nem que desgosto. Aqui não porque o que

é antigo não está tão antigo. Aqui já está tudo ocupado, é farmácia, loja, ótica.
(Saindo do calçadão)
F- Eu gosto dessa praça também. Acho bem bacaninha. Fica em frente à igreja. Logo ali tem outra praça que tem um museu que eu nunca fui. Que pecado né. Eu nunca fui. Já vi várias fotos de alunos que mostrava o Museu de Arte Sacra. Parece que é até proibido, mas eles têm né.
>Sei.
F- Aquela igreja também é um pecado. Ela está totalmente abandonada. No dia que eu fui lá mesmo, tinha um monte de urubu dentro da igreja.
>A Igreja do Bomfim?
F- Isso. É muito descuidado. Os bancos antigos... Tudo bem que tem que ser né. Mas...
(...) Eu gostei dessa igreja, não sei por quê. E ela é Presbiteriana né. Eu gosto. Eu não sou Evangélica mas eu gosto. Eu acho essa praçinha bacana também.
>Você sabe o nome daqui?
F- Deve ter ali naquele busto. (...) O que falta em Laranjeiras é mais zelo. (...) Olhe o Zizinha Guimarães (colégio). Deve ser Zizinha Guimarães o nome da praça. Não, olhe aqui, se chama Praça Augusto Maynard.
>É! (...) Onde mais você me levaria?
F- Então, eu iria ali pra região dos trapiches, onde tem o mercado antigo e tem o campus, com os trapiches restaurados e a rua de pedra, que eu só me lembro daquela novela... Chica da Silva. Acho bacana. Eu gosto muito da arquitetura antiga. Eu não entendo, mas eu acho bonito. Olhe, agora os prédios precisam de restauração.
>Sim. Onde é um lugar agradável pra você aqui?
F- Um lugar agradável? (...) Eu repito, eu gosto de lá.
> Do Bom Jesus, lá em cima?
F- É. Lá em cima.
>O que faz você gostar tanto de ficar lá no Alto do Bom Jesus?
F- Porque é calmo. É tão calmo lá. Não é como aqui, cheio de gente. Eu gosto de coisa calma. É um clima de paz, e venta bastante também. É isso.
(...)

12 - Maria de Lourdes dos Santos

Tem quarenta e cinco anos, nasceu e mora em Laranjeiras. Atualmente é estudante do Curso de Museologia da UFS de Laranjeiras e é coordenadora da Biblioteca da Universidade.
>Lourdes, você é daqui de Laranjeiras?
MLS- Nasci e fui criada aqui. Nasci aqui em frente a essa praça.
>Como se chama essa praça?

MLS- Aqui é a Praça da República. Hoje a praça fica em frente ao Campus, mas antes a gente chamava de BR, que era uma espécie de garagem, onde ficavam os carros do Departamento de Estradas e Rodagem. E aqui ao lado, antes de ter essa casa aí, os meus pais tinham um sobrado e com uma das enchentes, esse sobrado caiu e construíram essa casa. É aqui em frente a essa praça.

>Imagine que você precisa enviar uma foto daqui de Laranjeiras para um amigo que mora longe e não conhece a cidade. De que lugares você tiraria foto?

MLS- Eu enviaria da Ponte Nova.

>Qual é a Ponte Nova?

MLS- É ponte de pedra que tem aqui. Ela me traz recordações. E... a visão da Igreja do Bomfim e de São Benedito.

>Tiraria a foto de lá de cima ou daqui de baixo?

MLS- Da Igreja do Bomfim eu tiraria lá de cima, e de São Benedito daqui de baixo. Mas assim, eu acho que é mais pela história, não tanto pela beleza.

>Em sua opinião, qual o lugar mais bonito da cidade?

MLS- Eu acho o conjunto arquitetônico do calçadão.

>Porque você acha esse lugar o mais bonito?

MLS- Acho que é porque minha infância foi lá e eu aprendi a admirar aqueles prédios mesmo quando eles estavam em decadência, porque hoje em dia eles estão bem melhores. Também me traz lembranças de outra cidade. Não pelo fato de a cidade ser tombada pelo patrimônio, mas por ela conservar tantos traços de como ela foi. Isso me fascina. Outra vez eu participei de uma reportagem sobre a emancipação política de Laranjeiras e a repórter me perguntou se eu tinha vontade de algum dia sair daqui para ir morar em outro lugar mais avançado, com um comércio mais desenvolvido. Eu disse que jamais sairia e até hoje continuo com a mesma opinião. Eu acho que é porque eu amo aquilo que eu vivencio desde pequena. Eu valorizo o progresso. Nós vamos nos adaptando a tudo o que nos é oferecido, mas eu continuo com aquele amor de raiz, sabe.

>Tem algum lugar aqui na cidade que você não gosta?

MLS- São algumas ruas apenas.

>Quais?

MLS- A antiga Rua da Vitória, hoje é Rua Jackson de Figueiredo. Eu não gosto muito.

>Porque você não gosta dessa rua?

MLS- Porque eu acho muito apertadinha, as casas foram colocadas muito próximas umas das outras.

>Mas em que trecho você acha que isso acontece?

MLS- Não é no primeiro trecho, é do segundo trecho em diante.

>Tem algum lugar aqui na cidade que você acha feio?
MLS- Feio? Não. Deve ter, mas eu não acho.
> Qual é o lugar que você mais gosta na cidade?
MLS- Eu gosto da Praça da Matriz.
>Porque lá eu me sinto bem. Às vezes quando eu estou chateada, eu paro, sento naquela praça e me sinto bem. Só por isso. Me proporciona um bem estar, tranqüilidade.
>Você gosta de caminhar aqui pela cidade?
MLS- Gosto.
>O que você gosta de ver quando caminha pela cidade?
MLS- Geralmente eu passo pela Praça da Matriz, dou uma volta pelo Porto do Quaresma, outro lugar que eu também acho muito bonito, aí eu desço pela rodoviária. Gosto muito dessa visão da feira, desse calçamento de pedra, que eu admiro, não mudaria nada disso, pelo contrário, tentaria melhorar.
>E quais os lugares que você gosta de sentar e ficar aqui pela cidade?
MLS- A Praça da Matriz e lá no Porto do Quaresma.
>Em que lugar do Porto do Quaresma?
MLS- Onde tem uma espécie de calçadão. Eu cansei de sentar no calçadão e ficar olhando ali virada para o rio.
>O que você acha do rio aqui?
MLS- Apesar da sujeira eu acho uma coisa legal porque eu vejo o rio como o ponto de partida da cidade. Pra quem conhece a história de Laranjeiras, sabe que foi o ponto de partida pra tudo, principalmente na parte sócio-econômica da cidade. Foi a partir dele que tudo isso prosperou. E eu acho que ele é que merecia um trabalho de reconhecimento e valorização, principalmente se fosse um trabalho com escolas, um trabalho educativo em cima dele pra mudar a visão deturpada que algumas pessoas têm. E também mudar a cabeça das pessoas que podem realmente ajudar a modificar essa paisagem em que ele se transformou. Eu era moleca, minha mãe me chamava de moleca, eu me cansei de pular essa ponte aqui para tomar banho no rio. E era alto que só.
>Era bom?
MLS- Oxe, era sim. E pular da ponte, pense!
>Lourdes, e você gosta de olhar a cidade de longe.
MLS- Gosto.
>De que lugar?
MLS- Ah, eu gosto mais do Bomfim.
>Outros lugares?
MLS- Eu paro geralmente pra olhar de lá do Porto do Quaresma e da Ponte Nova (...)

Caminhada com Lourdes

(...)

> Essa é a casa em que você nasceu?

MLS- É, só que eles dividiram em duas. Na realidade era um sobrado. Aí a enchente derrubou. Aí mora a minha irmã hoje.

>E aquela porta com uma estrela em cima?

MLS- Era o portão de acesso para o quintal. É porque o portão foi feito todo em pedra e por isso ele não caiu com a enchente. Porque alguns sobrados aqui eram de taipa, tinham algumas colunas e as colunas eram em pedra. Lá no quintal ainda tem colunas em pedra. O que era de taipa e adobe caiu com a enchente.

(passando pelo Calçadão Getúlio Vargas)

Esse sobrado aqui me traz muitas recordações, olhe. Passei quase toda a minha infância aqui. (...) Olhe só uma coisa que eu acho belíssima é esse ponto aqui, que você vê a Igreja Matriz, a praça. Eu gosto demais daqui.

>Qual é o lugar que você gosta de sentar e ficar?

MLS- Aquele último banco ali (Praça da Matriz).

>Lourdes, o que mais você mostraria para um amigo seu que não conhece a cidade e vem te visitar pela primeira vez?

MLS- Ali, a Igreja do Bomfim. A colina azulada.

(...)

>E o que mais tem de bom aqui?

MLS- Bom, eu estou indo para o ponto que eu gosto. Vou fazer você caminhar um pouquinho.

> Tá bom.

(chegando ao Porto do Quaresma)

MLS- Olhe, eu gosto de tranqüilidade. E quando não tinha essa efervescência toda, porque agora eu acho que tem muita gente, eu fazia exatamente o que aquele homem está fazendo ali. Sentava ali para ver o rio.

>Quando você era mais nova brincava aqui?

MLS- Brincava, não muito. Eu tomava banho.

(...)

MLS- Olhe. Isso aqui era uma fábrica de tecidos. E, assim, já era ruína, tinha os pilares e tal. Eu gostava demais de ficar olhando isso aqui. Eu traria qualquer pessoa aqui, pra fazer isso. Eu gosto de ver quando os homens saem para pescar, quando voltam. Eu sento aqui, fico com as pernas penduradas, e pronto! Ah, eu adoro.

>É tranqüilo, né?

MLS- É. Se você sentar e curtir um pouquinho, em dez minutos você já relaxou! É isso.

>E lá em cima no Alto do Bomfim, você gosta de ficar assim também?

MLS- Ah gosto. É... sensação de liberdade lá, só que agora eu não vou mais com tanta freqüência(...)